



UFRRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL SEMEADA EM HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: OS
CINCO PRINCÍPIOS EM CONEXÃO COM A PRÁXIS PEDAGÓGICA**

CASSIA CARLA VIANA

Sob a Orientação do Professor
Mauro Guimarães

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutora em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Dezembro de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V614e Viana, Cassia Carla, 1979-
Educação Ambiental semeada em histórias e memórias: os
Cinco Princípios em conexão com a práxis pedagógica
/ Cassia Carla Viana. - Seropédica; Nova Iguaçu, 2023.
198 f.: il.

Orientador: Mauro Guimarães. Tese(Doutorado). -
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares , 2023.

1. Educação Ambiental. 2. Escola. I. Guimarães,
Mauro , 1963-, orient. II Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares
III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

TERMO DE APROVAÇÃO

05/01/2024, 22:08

sipac.ufrj.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?imprimir=true&idDoc=1492121



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES



TERMO Nº 1443 / 2023 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.083103/2023-24

Seropédica-RJ, 15 de dezembro de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS
POPULARES

CASSIA CARLA VIANA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutora**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

TESE APROVADA EM 01/12/2023

Membros da banca:

MAURO GUIMARAES. Dr. UFRRJ (Orientador/Presidente da Banca).

ANA MARIA DANTAS SOARES. Dra. UFRRJ (Examinadora Externa ao Programa).

LIA MARIA TEIXEIRA DE OLIVEIRA. Dra. UFRRJ (Examinadora Externa à Instituição).

CELSO SANCHEZ PEREIRA. Dr. UNIRIO (Examinador Externo à Instituição).

MAYLTA BRANDAO DOS ANJOS. Dra. UNIRIO (Examinadora Externa à Instituição).

(Assinado digitalmente em 15/12/2023 22:37)
ANA MARIA DANTAS SOARES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matrícula: 386253

(Assinado digitalmente em 16/12/2023 00:21)
MAURO GUIMARAES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeGEOIM (12.28.01.00.00.87)
Matrícula: 1542313

(Assinado digitalmente em 17/12/2023 20:22)
LIA MARIA TEIXEIRA DE OLIVEIRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 408.566.407-78

(Assinado digitalmente em 30/12/2023 09:14)
MAYLTA BRANDÃO DOS ANJOS
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 766.792.257-87

(Assinado digitalmente em 18/12/2023 17:44)
CELSO SÁNCHEZ PEREIRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 021.829.437-90

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **1443**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **15/12/2023** e o código de verificação: **be77ea215e**

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um dos sentimentos mais sublimes que nós, humanas e humanos, podemos sentir. A gratidão enche nossos corações de alegria, otimismo e esperança. Eu sou muito grata! Essa tese é a culminância de vários “obrigados” que eu fui deixando ao longo da minha trajetória de vida. Assim, agradeço a espiritualidade que me acompanha, Sri Krsna Chaitanya Mahaprabhu. Agradeço a Bhumi Devi, a nossa “Mãe Natureza”.

Agradeço à minha família, sobretudo à minha mãe, ao meu pai e à minha tia Maria, que foram os que me ajudaram a dar os primeiros passos nesse planeta; meus irmãos, sobretudo os que estiveram mais próximos nessa jornada estudantil e acadêmica: Juliano, Raul e Cristiano.

Ao meu hoje amigo Cristiano De Biasi, que em grande parte dessa jornada esteve ao meu lado me apoiando e me incentivado. Às minhas amigas de infância, que são testemunhas de toda a minha vida, me acompanhando, me dando suporte nos momentos mais difíceis e também celebrando as minhas conquistas. E às amigas que tive a sorte de encontrar na vida adulta, das quais tenho sororidade sempre, como Emilly, Cibele, Graça, Cíntia e tantas outras que guardo em meu coração.

Agradeço, ainda, a todas as minhas professoras e a todos os meus professores, que tiveram um papel tão relevante na minha formação intelectual e humana. Não poderia deixar de destacar a professora Piedade, representando tantas outras que ajudaram na minha infância estudantil.

Na universidade, tive uma gama de mestras e mestres incríveis. Por isso, nesses agradecimentos estão todos/as os/as maravilhosos/as professores/as da minha vida acadêmica. Representando cada um deles e delas, trago o meu orientador Mauro Guimarães, que com toda a sua sensibilidade, generosidade e amorosidade confiou em mim, me deixando livre para me expressar.

Agradeço ao grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade - GEPEADS - UFRRJ, do qual tenho alegria de fazer parte, um grupo que me abriu possibilidades e novas perspectivas para a minha formação de Educadora Ambiental, além de me trazer amigas e amigos queridos, pelos quais sou muitíssimo grata. Destaco as amigas Noeli, Rosinere, Sofia, Jenifer, Lilian, Magali e Ana Dantas, que me deram forças em vários momentos nos quais eu achei que não daria conta de concluir o doutorado.

Essa pesquisa não seria possível sem o apoio das pessoas que atuam o atuaram no colégio Dom Ottorino Zanon: Sidney, Tatiana, Anelize, Marcelo Leócadio e os meus parceiros e parceiras do projeto *Agroflorestar*: Gabriel Garros, Mariana Costa e, sobretudo, Alexandre Nascimento, com o qual tive tantas trocas produtivas e instigantes. Além das minhas queridas professoras que trabalharam comigo no ano de 2022 no colégio e que, com suas práticas me ajudaram na construção desse projeto e em minha formação como Educadora Ambiental. E é claro, agradeço a Secretaria Municipal de Educação de Itatiaia, que me permitiu vivenciar toda essa experiência dentro de um colégio de sua rede.

Não poderia deixar de agradecer ainda, à Bárbara Castaño, Graça, Anelize, Silvana, Mariana Costa, e a todas/os que me ajudaram a realizar o evento do “Café com Memória”, trazendo tantas contribuições de extrema relevância para a escrita desta tese. Agradeço também às colaborações, mais ao final da tese, da professora Cristina Magnanini, que trouxe informações importantes sobre a construção da Farmácia de Fitoterápicos.

E por último, mas muitíssimo importante, eu agradeço a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, uma universidade pública, gratuita e de excelente qualidade, que permitiu que uma mulher pobre e filha de pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar conseguisse se formar Doutora em Educação.

Com certeza faltaram muitos nomes, mas todos fazem parte dessa história, esse título não seria possível sem a ajuda de vocês. Eu sou muito grata a cada um e cada uma!

Honro, por fim, todas as mulheres que vieram antes de mim, sobretudo as minhas avós. Gratidão!

RESUMO

Viana, Cassia Carla. **Educação Ambiental Semeada em Histórias e Memórias: os Cinco Princípios em Conexão com a Práxis Pedagógica**. 2023. 198p. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

Esta tese tem como principal objetivo analisar o ambiente educativo de “ComVivência Pedagógica” no Colégio Municipal Dom Ottorino Zanon, com base nos Cinco Princípios Formativos de Educadores Ambientais. Esses Princípios foram trazidos por Noeli Granier (2022), em sua tese intitulada *A Construção de Ambientes Educativos e dos Princípios Formativos de Educadores Ambientais na Proposta da “ComVivência Pedagógica”*. São eles: Reflexão Crítica, Postura Conectiva, Desestabilização Criativa, Indignação Ética, Intencionalidade Transformadora – considerados como dinamizadores deste ambiente de “ComVivência Pedagógica”. Nesse sentido, os princípios são a base teórica com a qual eu dialogo para analisar o projeto *Agroflorestar*, no espaço do Colégio Municipal Dom Ottorino Zanon, com o objetivo de criar uma horta circular, na qual os alunos/as e professores/as podem trocar saberes em relação à Educação Socioambiental. Para fomentar a reflexão, foram feitas entrevistas no formato de Roda de Conversa: uma delas com uma professora que lecionou no colégio entre as décadas de 1980 e 1990, período no qual o colégio era um colégio Técnico Agrícola; e a outra com as professoras que lecionam atualmente na instituição, a fim de avaliar suas atuações no projeto *Agroflorestar*. Ainda buscando alcançar o objetivo desta tese, foi feita a análise de diversos momentos de prática pedagógica que aconteceram no colégio. Além disso, foram consultadas fontes documentais para a reconstrução da história da instituição, sobretudo nos períodos no qual o colégio oferecia formação técnica. Dessa forma, a tese se constituiu como pesquisa qualitativa, que tem como metodologia a Pesquisa Narrativa, uma vez que tem como base relatos de experiências atuais e do passado da instituição. Dentro desse ambiente formativo, o trabalho traz possibilidades de uma *práxis* pedagógica e de formação para professores em Educação Socioambiental a partir de bases teóricas e práticas.

Palavras-chave: Formação de Educadores Ambientais, Escola, Natureza

ABSTRACT

Viana, Cassia Carla. **Environmental Education Sowed in Stories and Memories: The Five Principles in Connection with Pedagogical Praxis**. 2023. 198p. Thesis (Doctorate in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

This thesis' main objective is to analyze the educational environment of “ComVivência Pedagógica” at Colégio Municipal Dom Ottorino Zanon, based on the Five Formative Principles for Environmental Educators. Noeli Granier (2022) brought these Principles in her thesis, entitled *The Construction of Educational Environments and the Formative Principles of Environmental Educators in the Proposal of the “ComVivência Pedagógica”*. They are: Critical Reflection, Connective Posture, Creative Destabilization, Ethical Indignation, Transforming Intentionality – considered the dynamizers of this environment of “Pedagogical Coexistence”. The Principles are the theoretical basis with which I dialogue to analyze the *Agroflorestar* project that is being carried out on the Colégio Municipal Dom Ottorino Zanon grounds and aims to create a circular vegetable garden, in which students and teachers can exchange knowledge in relation to Socio-Environmental Education. To encourage reflection, interviews were held in the Conversation Round format with a teacher who taught at the school between the 1980s and 1990s, a period in which the school was an Agricultural Technical school. Furthermore, documentary sources were consulted to reconstruct this historical period of the institution. The thesis is constituted as qualitative research and has the Narrative Research as a methodological approach, as it's based on reports of school's current and past experiences. On this formative environment, the work brings possibilities of a pedagogical praxis and training for teachers in Socio-Environmental Education based on theoretical and practical bases.

Keywords: Environmental Educator Training, School, Nature

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Foto da dedicatória do livro <i>Guerreira</i> , de Aline Pachamama.....	31
Figura 2. Toivo Uuskallio, idealizador da Colônia Finlandesa de Penedo.	36
Figura 3. Moradores do início da Colônia.....	37
Figura 4. Appelgreen, Kaarina, Ulla e Asikainen, no meio da plantação, com uma bucha na mão (1931).....	38
Figura 5. Centro de Penedo.	39
Figura 6. Agulhas Negras.	42
Figura 7. Colégio Dom Ottorino Zanon, vista área.	44
Figura 8. Vista aérea do colégio.	46
Figura 9. Equipe do Instituto Toré. Da esquerda para direita: Gabriel Garros, Alexandre Nascimento e Mariana Costa.	48
Figura 10. Foto da Equipe Pedagógica da escola.....	49
Figura 11. Abertura do espaço para a construção da horta abril de 2022..	50
Figura 12. Foto: local da construção da horta já arado pelo trator com as primeiras estacas para a construção de um telhado.	51
Figura 13. Alexandre Nascimento ensinando as crianças sobre a construção da sala de ala a “céu aberto”.....	52
Figura 14. Desenho de uma aluna mostrando o viveiro de mudas, o espaço da horta e de cerca a casa do vizinho do colégio.	53
Figura 15. Estrutura da “sala de aula”.	54
Figura 16. Perspectiva da sala de aula e horta. Iniciando o plantio final de julho 2022.	54
Figura 17. Crianças no processo de plantio.....	56
Figura 18. “Me mostra seu cabelo, tio Alê”.	57
Figura 19. Os cinco Princípios Formativos.	68
Figura 20. Lixo no chão da escola.....	75
Figura 21. Lixo no chão da escola.....	76
Figura 22. Terreno da escola no qual se jogava lixo e proximidade com o rio.....	78
Figura 23. Proximidade do lixo do rio	79
Figura 24. Vista do espaço do lixão.	79
Figura 25. Cassia Viana organizando a apresentação.	81
Figura 26. Professora Val e o galinho de mirra.....	82

Figura 27. Alexandre Nascimento compartilhando seus saberes	83
Figura 28. Crianças subindo o quintal antes da chegada do lixo.....	84
Figura 29. Mesmo local da imagem anterior, mas agora tomado pelo lixo.	85
Figura 30. Fachada Principal – Escola Profissional Lar dos Meninos.	89
Figura 31. Portaria de criação da Escola Profissional Dom Ottorino Zanon 1979.	90
Figura 32. Visita do padre Dom Ottorino Zanon e outros momentos.	92
Figura 33. Oficina de Marcenaria.....	93
Figura 34. Laboratório de eletrotécnica.....	93
Figura 35. Decreto de criação dos cursos de Técnico Agrícola e Formação de Professores 1988	94
Figura 36. Reportagem sobre a criação do colégio Técnico Agrícola	95
Figura 37. Produção da horta na CDOZ.....	96
Figura 38. Colheita de Feijão Eng. Agrônomo responsável Aldemário CDOZ 1993/1995.	96
Figura 39. Ao fundo galpões de criação animal a frente alunos da quinta série nas aulas práticas, 1996.....	97
Figura 40. Criação de caprinos.....	98
Figura 42. Jornal a Voz da Cidade	99
Figura 43. Convite do evento.	100
Figura 44. Recitando a poesia de acolhida.	101
Figura 45. O abraço.	102
Figura 46. Reencontros.....	102
Figura 47. Mesa do café.	104
Figura 48. Professora Márcia revendo fotos do passado do colégio	105
Figura 49. Dona Dora e Dona Anália	107
Figura 50. Linha do tempo	108
Figura 51. Revisitando o passado.....	110
Figura 52. Professora Bárbara revisitando os seus espaços de atuação no colégio.....	112
Figura 53. A descida para espaço da horta	113
Figura 54. Entrevista com a professora Bárbara.	113
Figura 55. Foto do projeto "As hortas saem de casa".....	118
Figura 56. Foto da horta em que a o pai tirou o cimento para a aluna plantar. Fonte: acervo da professora Bárbara Castaño.....	119

Figura 57. Foto da Professora Bárbara ministrando o curso: “Curso de Culinária para a Comunidade”.....	122
Figura 58. Foto do Laboratório de Manipulação de remédios a partir da horta de medicinais.....	124
Figura 59. Tabela de comparação de preços dos remédios feitos pela farmácia do colégio e os das farmácias externas.....	125
Figura 60. Pedido de remédios da antiga Farmácia de Manipulação do colégio	127
Figura 61. Professoras participantes da pesquisa.	128
Figura 62. Crianças plantando na horta.....	141
Figura 63. O momento de plantar: crianças semeando com ajuda do Alexandre	142
Figura 64. A roda.....	142
Figura 65. O momento de colher: colheita das alfaces.....	143
Figura 66. Explicação sobre a importância do sol para o crescimento das plantas.....	145
Figura 67. Professora Rosângela cortando as frutas para a salada.....	147
Figura 68. Crianças degustando a salada de frutas no projeto “Feira na Horta”.....	147
Figura 69. Crianças degustando a alface	149
Figura 70. Crianças plantando as sementes de melancia.....	150
Figura 71. Crianças observando as sementes	151
Figura 72. Autora e Professora Rosângela recebendo o Prêmio Paulo Freire.....	151
Figura 73. Desfile da Beleza Negra.....	152
Figura 74. Desfile da Beleza Negra.....	157
Figura 75. De mãos dadas!	158
Figura 76. Aluna indígena contando sua história	159

SUMÁRIO

CONTANDO INÍCIOS.....	13
Introdução autobiográfica: da escola ao doutorado	13
Apresentação da tese.....	19
PARTE 1: AS RAÍZES	24
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: QUEM ESTAVA ANTES AQUI?	25
“ReConheSer”: a memória e a história como aspectos fundamentais da formação identitária	25
Os Puris povos originários da Mantiqueira: um diálogo com Aline Pachamama.....	30
A colônia Finlandesa: a utopia de uma comunidade vegetariana	35
Itatiaia e o Parque Nacional.....	41
1.2 DETALHAMENTOS DO LUGAR DE PRÁXIS: INÍCIOS, CONTEXTOS E PESSOAS DA PESQUISA	44
A construção do espaço do projeto Agroflorestar.....	45
Abrindo caminhos: a consolidação prática do projeto	49
O ambiente da pesquisa: um espaço de “ComVivência Pedagógica”	55
1.3 APROFUNDAMENTO DAS BASES TEÓRICAS	59
Criança e Natureza: a importância do desenvolvimento na infância.....	59
Educação Ambiental crítica: o colégio em diálogo com as práticas de Agroecologia	62
Os Cinco Princípios Formativos de Educadores Ambientais na proposta da “ComVivência Pedagógica”	67
PARTE 2 – DO TRONCO AOS FRUTOS.....	73
2.1 ANALISANDO OS PRINCÍPIOS A PARTIR DE SITUAÇÕES QUE OCORRERAM NO COLÉGIO	74
Indignação Ética: a escola não é um lixo!	74

Apresentação dos Princípios para os participantes da pesquisa: o galhinho de mirra e suas possibilidades para uma Postura Conectiva.....	80
O passado e o presente do terreno e a nossa Indignação Ética.....	84
2.2 DAS MUITAS HISTÓRIAS DO COLÉGIO AO CAFÉ COM MEMÓRIAS: UM BATE PAPO SOBRE UM PASSADO SAUDOSO.....	88
O Café com Memórias	100
Aceita um cafezinho?	103
A Linha do Tempo	108
2.3 RODAS DE CONVERSAS: UM DIÁLOGO DO PASSADO E DO PRESENTE.....	111
Roda de conversa com a professora Bárbara Castaño: reconexão com um passado esperançoso	111
“Agora queremos ouvir vocês”: Roda de Conversa sobre a Práxis das Professoras no presente	128
2.4 ALGUNS FRUTOS: ANÁLISE DE ALGUMAS PRÁTICAS NA HORTA E PARA ALÉM DA HORTA.....	141
O momento de plantar e a hora de colher: com as mãozinhas na terra	141
A Feira na Horta e Prêmio Paulo Freire.....	146
O desfile da beleza negra e a importância dos povos originários: o que isso tem a ver com Educação Ambiental?	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
REFERÊNCIAS.....	164
ANEXOS	170

CONTANDO INÍCIOS

Introdução autobiográfica: da escola ao doutorado

Foi no chão da escola que eu enxerguei a vida com uma lupa! Nos livros em que moravam as histórias, tirei passagens pra contar também a minha. Sonhadora, perdi a hora e quase passou o trem, mas me segurei firme nas letras, que não me deixaram perder a viagem!

Cassia Viana

Caras leitoras e caros leitores, preciso voltar um pouco no tempo para contar essa história de muitos começos e recomeços. Porque além de mineira, que adora um causo, sou também *contadora de histórias*. Assim, não poderia deixar de me apresentar a vocês, contando-lhes algumas passagens importantes que me fizeram chegar até aqui.

Sou filha de Seu José Rafael, pedreiro, e de Maria da Conceição, dona de casa, que como num arremedo de uma história de Guimarães Rosa, trazem em suas vivências causos de quem morou na roça, nos cantões do interior das Minas Gerais. Meu pai conta que meu avô paterno vivia mudando com a família para buscar melhores condições de vida. Nessas andanças, ao chegar num lugar novo, minha avó logo plantava uma roça, e em pouco tempo os campos estavam verdes e a família colhendo de tudo. Ela tinha uma intimidade com a terra, uma relação assim *estreitinha* com a natureza.

Meu pai nasceu em Rio Vermelho e caminhava muito para chegar à escola; falava que era longe, como do lugar onde morávamos até o centro de Belo Horizonte. Eu não sabia ao certo o quanto era isso, mas sabia que demorava. Estudou pouco e caminhou muito. Levava uma marmita para comer no caminho e às vezes na volta caçava um tatu. Já viu assombração nesses vai e vens da caminhada, já teve medo, mas não deixou o medo paralisar sua vida.

Já minha mãe, que também era da roça, teve “pouso” sempre certo, Morro do Pilar, vilarejo perto da belíssima Serra do Cipó. Meu avô materno tocava a boiada dos outros, enquanto os filhos e filhas ficavam com a minha vó em sua casa na roça. Ali plantavam e faziam queijo; tudo era tirado do quintal, numa época em que não havia geladeira, nem conservantes – o tempo da natureza ditava o tempo da vida. Minha mãe tomava banho de rio, via água bater no moinho para fazer farinha e tudo que se comia

vinha da fartura da terra. Não havia mercado. O pão era a mandioca cozida e o café plantado no quintal era adoçado com rapadura. Eram responsáveis por todo o processo de produção de tudo que comiam, a comida era de verdade, sem veneno e de origem totalmente familiar.

Minha mãe conta que as curas vinham dos chás que minha avó plantava, sabedoria que herdou de quem veio antes. Quando tudo parecia sem saída, minha avó recorria às palavras sagradas e ao ato de benzer. Dessa forma mística, com o auxílio das ervas e das rezas, o sangue era estancado e a dor era sanada. Minha mãe aprendeu um pouco e muitas vezes usou a *benzeção* para curar nossos males. E, assim, a minha relação com a natureza foi também ancorada nessa ancestralidade.

Como para a maioria das pessoas daquela época, ir para “cidade grande” era a saída para se “melhorar” de vida. Meus pais, na fase adulta, fizeram esse caminho: mudaram-se para Belo Horizonte para trabalhar e se casaram. Nesses tempos, Belo Horizonte ainda era conhecida como a “cidade jardim”, com grandes árvores por toda parte, muito diferente da sua realidade de hoje¹. Meu pai havia comprado um terreno lá no finalzinho de BH, nas bandas de Venda Nova, num local que ainda tinha traços da roça. Em um quintal grande e com poucos vizinhos que se amparavam, Seu Rafael e Dona Conceição tiveram sete filhos. Desses filhos, seis eram homens e eu, a única menina/mulher, como dizia a minha mãe, nasci em 1979.

Calma, leitoras e leitores, não vou contar toda minha história. Vou direto para fase dos sete anos, quando dizem que estamos formando nossa personalidade e nos entendendo melhor como pessoas no mundo que nos rodeia. Tenho lembranças nesses tempos de brincar de pé descalço na terra, de estar sempre correndo com as crianças na rua e subindo nas árvores. Lembro do balanço que o meu pai fez numa árvore de flores vermelhas que tinha lá em casa. Ele me empurrava tão alto, tão alto, que eu juro que encostava o pé nas nuvens. E eu estava certa!

Adorava me deitar no chão e olhar para o céu ou brincar de pegar cristais depois que chovia. Sinto ainda o cheiro daquela terra molhada. Gostava de observar os insetos e aprendi com o padrinho a não matar as formigas, pois elas também precisavam voltar para casa. Eu sempre tive uma paixão pelas coisas da natureza. Por causa dessa relação

¹ Belo Horizonte, que foi conhecida no início de suas décadas como “Cidade Jardim”, devido à grande quantidade de árvores, vive hoje uma realidade bem diferente, sendo considerada uma das capitais como menos área verde do Brasil. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/colunas-e-blogs/blog-do-planeta/noticia/2016/10/belo-horizonte-tem-menos-area-verde-entre-10-maiores-capitais-do-brasil.html>. Acesso em 2 ago. 2022.

afetuosa e curiosa com o ambiente natural, em uma prosa com Seu Adão, um amigo do meu pai, ele disse que eu seria bióloga. E, cá estou eu, me formando como Educadora Ambiental, formação que carrega uma relação com a biologia.

Nessa minha infância, sentia os dias de inverno, que eram muito frios. Nesse tempo, as mudanças climáticas ainda não estavam tão acentuadas, então as estações do ano eram mais marcadas. Lembro de ir chamar meus irmãos que estavam soltando pipa nas férias de julho e o vento cortando minha pele. Lembro da luz do sol daqueles invernos pueris. Sempre amei o sol! E o meu humor se marca, até hoje, pelos seus raios.

Gostava do verão e dos seus dias chuvosos, que apesar da gente não poder ir brincar lá fora, de vez em quando era permitido a mim e meus irmãos um banho de chuva, que acabava sempre com alguém escorregando na lama e morrendo de rir.

Voltando aos sete anos, foi o tempo em que, enfim, fui para escola. Meu sonho era ir para escola! Via as crianças voltando com suas mochilas e seus uniformes, via os livros que meus irmãos traziam para ler... Queria saber ler também. Naquele tempo não tinha pré-escola gratuita e lá em casa fomos para escola só no primeiro ano do Ensino Fundamental. Comecei a estudar exatamente em 1986! Peço licença para me demorar um pouquinho aqui, porque essa ida para escola tem uma relação importante com a minha profissão de professora, sobretudo de Pedagoga.

Minha mãe nunca frequentou uma escola e sabia ler muito pouco. Ela e minha tia Maria, que morava com a gente, tentaram me ensinar na cartilha. Foi com essas duas mulheres que aprendi as primeiras letras antes de ingressar na educação formal, mas o que aprendi não foi suficiente para a minha pré-alfabetização.

Entreí na mesma escola que um dos meus irmãos mais velhos havia estudado – Escola Municipal Minervina Augusta. Lembro da ficha que a gente copiava todo dia repetidamente, como o nosso nome, nome da escola, nome da professora e o alfabeto. Meu irmão era uma criança considerada genial, por ter o que denominamos hoje de “altas habilidades”². Eu não tinha a mesma facilidade que ele, sobretudo nas disciplinas exatas. Embora inteligente, faladeira e criativa, eu não conseguia ir bem naquele modelo de escola. Tinha amor pelas letras e pavor da Matemática; por causa dela fui reprovada consecutivamente no primeiro, segundo e terceiro ano!

² É importante frisar que as crianças com “superdotação” ou “altas habilidades” precisam de cuidados especiais e, na maioria das vezes, sofrem por serem diferentes das demais crianças. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2021/11/18/deleite-e-dores-superdotacao/>. Acesso em 12 out. 2022.

Dessa forma, os primeiros anos escolares foram um desafio para aquela menina que sonhava em estudar. Tive que encarar a comparação com o meu irmão querido, que sempre tentou me ajudar, mas era também uma criança, e não conseguia. Nesse processo, tive também professoras que me fizeram aprender como não ser professora, me dizendo que, diferentemente do meu irmão, eu era *burra*.

No terceiro ano do Ensino Fundamental, em uma das repetições, já marcada pela reprovação escolar, eu conheci a professora Piedade, que me fez querer ser professora e a quem sempre honro em todas as minhas conquistas. Devo a ela o desejo de estar aqui escrevendo essas linhas. Ela se mudou para os fundos da minha casa e começou a me ensinar o dever de casa. Mais que isso, ela começou a me ensinar a entender o funcionamento da escola. Comprou para mim cadernos novos, os encapou e me ensinou como ter disciplina e atenção. Ela me ensinou a aprender! Falou que eu era uma menina inteligente e eu acreditei nela. Obrigada, tia Piedade! Desses dias em diante, a aluna desamparada deu lugar a uma aluna aplicada, que tinha lá seus problemas com a Matemática, mas nada que me a fizesse reprovar novamente. E eu segui adiante!

Com o desejo de ser professora, me formei em licenciatura em História em 2008, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Quando fui lecionar, observei a necessidade de aprender mais sobre os processos de ensino e aprendizagem. Em 2010, me mudei para o estado do Rio de Janeiro, acompanhando meu esposo na época, e resolvi fazer Pedagogia. Ingressei no curso da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), campus Seropédica, no ano de 2011.

Em uma aula, conversando sobre a minha trajetória escolar, cheguei à conclusão, com a ajuda da professora Andréa Beremblum, que eu havia ingressado no curso de Pedagogia para entender a minha passagem pelo início da vida escolar. E hoje, eu tenho a convicção disso, que essa ida para a Pedagogia foi também um processo de entendimento e cura da menina que passou por tantas dificuldades.

Além da Pedagogia, fiz uma pós-graduação em *Contação de Histórias no Imaginário Social*, pela mesma instituição, formação pela qual tenho um enorme carinho e que me abriu para o mundo da Contação de Histórias! Ainda na UFRRJ, fiz meu mestrado em Ensino de Ciências e Matemática, buscando maneiras alternativas de ensinar de formas mais significativas. Na minha pesquisa, juntei a minha formação de Contadora de Histórias e Pedagoga para tentar pensar em maneiras lúdicas para se ensinar Ciências no Ensino Fundamental.

Em 2018, passei no processo de seleção do doutorado, o que me rendeu uma enorme alegria e realização, sobretudo por ser orientanda do professor Mauro Guimarães, que escreve sobre tantas coisas e me traz esperança, apesar de toda a gravidade da realidade ambiental denunciada em seus livros. A partir desse encontro, pude fazer parte do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade (GEPEADS). No grupo, pude entrar em contato com pessoas que dialogavam com a Educação Ambiental crítica, aprofundando meus estudos sobre o tema. Em nossas reuniões presenciais ou virtuais, tive a oportunidade de fazer amizade com pessoas afetuosas e com olhar muito responsável em relação as questões ambientais.

No final de 2019, passei no concurso para Orientadora Pedagógica no município de Itatiaia e comecei atuar no final do mesmo ano. A vida ficou estranha no ano seguinte, 2020. Além do advento da pandemia de Covid 19, que a todos e todas afetou, fui acometida por uma doença no meu sangue, que diminuiu o número das minhas plaquetas em mais de 90%. Passei por diversos possíveis diagnósticos em uma angústia muito grande. Hoje, o diagnóstico mais provável é que se trata de uma doença autoimune, conhecida como Púrpura³. Apesar de alguns incômodos, faço um controle médico e vivo bem com a doença.

Nesses tempos difíceis perdi o prumo, fiquei impossibilitada de estudar e de seguir com a minha pesquisa. Com as escolas fechadas devido a pandemia, meu cronograma ficou ainda mais apertado. Sem saber o que iria acontecer, permaneci sem perder a esperança, já que desistir nunca me pareceu a melhor escolha.

A doença, apesar de toda a dor, me ensinou a valorizar ainda mais a vida e as coisas simples. A minha melhora aconteceu depois que me aproximei ainda mais da natureza e dos conhecimentos da literatura Védica – agradeço à minha mestra de *Yoga* por toda a instrução. Devido ao *Yoga*, passei a entender os elementos da natureza de forma diferente. O planeta Terra é a nossa querida *Bhumi Devi*⁴, o Sol é *Surya Deva* e todos os elementos da natureza são entidades vivas. Cada árvore e cada bicho possui uma *atma*

³ Púrpura Trombocitopênica Idiopática, mais conhecida como PTI. A PTI é uma doença autoimune. Isto significa que o sistema imunológico exagera seu trabalho e além de produzir anticorpos contra as infecções, ele também gera anticorpos contra as próprias plaquetas. Dessa forma, elas são então atacadas pelos anticorpos e prematuramente removidas do sangue. Principais sintomas: manchas escuras e arroxeadas na pele sem causa conhecida e presença de petéquias que são pequenas manchas vermelhas ou arroxeadas. Fonte: <https://www.abrale.org.br/doencas/pti/o-que-e/>. Acesso em 11 set. 2022.

⁴ *Bhumi Devi* e é a personificação da Mãe Terra e o símbolo de fertilidade e prosperidade, de acordo com a literatura Védica. Ela é a mãe de todas as vidas que já nasceram dela e viveram sobre ela. Disponível em: <http://www.anaadifoundation.org/blog/ecology/bhoomi-devi-sacred-mother-earth/>. Acesso em 12 out. 2022.

(alma), em graus diferentes de consciência. Em virtude desses ensinamentos, trazidos pelo estudo dos Vedas, não mais me alimento dos corpos de nenhum animal, um desejo que já tinha devido à enorme degradação ambiental causada pelo consumo de carne.

Ainda dentro desse processo de cura, me mudei para uma casa com quintal, com muitas árvores e um grande gramado. Fazendo o caminho inverso dos meus pais, sai da cidade para o interior, me conectando com a minha ancestralidade. Passei dias debaixo das árvores, deitada na grama, olhando novamente para o céu e acordando a menina que em mim habita. Foi nesse ambiente de relação direta com a natureza e com a minha espiritualidade sacralizada no milagre do nascer do sol e nos cantos dos passarinhos, que me encontrei numa nova condição, pronta para seguir mais uma vez. E nos chás, como fazia minha avó, e nos mantras de conexão com a minha verdade, eu encontrei a cura para as dores da alma e do corpo físico. Toda essa relação/experiência me colocou ainda mais próxima da formação como Educadora Ambiental.

Hoje tenho muito orgulho de ser Orientadora Pedagógica, atuando no Colégio Municipal Dom Ottorino Zanon (CMOZ). Durante o retorno do trabalho presencial no colégio, tive a alegria de receber, juntamente com a direção do colégio, o representante do *Instituto Toré*⁵, Gabriel Garros, com o qual firmamos importante parceria. E, do mesmo jeito inesperado que tudo se desaprumou, as coisas em um repente entraram novamente nos eixos, abrindo caminhos e proporcionando encontros. Posso dizer que, nesse processo de prática/formação da Orientadora/Educadora Ambiental, vivo em um momento de extrema realização profissional! Na escrita desta tese, que tem o colégio como *locus* de pesquisa, tenho a alegria de ver a culminância de todas as minhas formações curriculares e humanas, em um diálogo harmonicamente maravilhoso. Sou muitíssimo grata por este momento.

⁵ O Instituto Toré é uma organização que tem como proposta de valor a defesa de direitos sociais e a promoção do desenvolvimento sustentável. Por isso, atua em iniciativas alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU, nas áreas de Meio Ambiente, Sociedade e Economia. A palavra Toré, nos dialetos indígenas, remete a uma dança considerada símbolo de resistência e união. Disponível em: <https://sites.google.com/view/institutotore>. Acesso em 11 set. 2022.

Apresentação da tese

Flores de primavera

*Vamos arar a terra e colher as flores de Primavera
Margarida lá no quintal, dando esperança aos corações
Rosas, beijos, cravos e lírios, abrindo as cores e os
caminhos
O girassol tão grandioso deixa o dia maravilhoso
Tanta beleza é de se encantar, Mãe Natureza a nos
presentear
Vamos arar a terra e colher as flores de Primavera!*
Cassia Viana

No início de qualquer plantação, temos que cuidar e arar a terra para que as sementes possam se assentar e crescer. Esse é processo inicial. Assim, começo apresentando esta tese para quem me lê trazendo as bases, os começos, ou seja, um panorama introdutório para o melhor entendimento do trabalho como um todo. Em qual chão irei plantar? Por onde começo a semeadura? Quais serão as sementes? O que desejo colher?

Este trabalho foi “plantado” no chão da escola e “adubado”, principalmente, sob as bases teóricas dos *Cinco Princípios Formativos*⁶ de educadores ambientais da “ComVivência Pedagógica”. O chão fica situado no do Colégio Municipal Dom Otorrino Zanon (CMDOZ), na cidade de Itatiaia, onde eu atuo como Orientadora Pedagógica. Para torná-lo mais fértil, dialoguei com a Noeli Granier (2022), a partir de sua tese intitulada *A Construção de Ambientes Educativos e dos Princípios Formativos de Educadores Ambientais na Proposta da “ComVivência Pedagógica”*. Dessa junção, temos o objetivo

⁶ Os *Cinco Princípios formativos de educadores ambientais* foram teorizados por Noeli Granier em sua tese de doutorado intitulada: *A Construção de Ambientes Educativos e dos Princípios Formativos de Educadores Ambientais na Proposta da “ComVivência Pedagógica”*, defendida no ano 2022 no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração: Educação Ambiental da UFRural do Rio de Janeiro. Sempre que me referir aos Princípios trazidos na tese de Noeli, me referirei com letra maiúscula.

geral da tese: analisar o ambiente educativo de “ComVivência Pedagógica” no CMDOZ com base nos Cinco Princípios.

Para que esse objetivo fosse alcançado, acompanhei, orientei e analisei, a partir *Cinco Princípios Formativos* da proposta da “ComVivência” *Pedagógica* para educares ambientais, a consolidação de um projeto denominado *Agroflorestar*⁷. Além disso, apresentei e dinamizei os “Cinco Princípios” para os participantes dessa pesquisa, que são as professoras que atuam no CMDOZ e pessoas relacionadas ao projeto *Agroflorestar*, que também trabalham na instituição. Fiz, ainda, a análise de acontecimentos recentes da instituição, mostrando como eles dialogam como os Cinco Princípios. Para além dessas ações no presente, voltei um pouco nas memórias e histórias da instituição, dialogando com pessoas que fizeram parte da instituição no passado, quando ele foi um colégio técnico agrícola. Para esse retorno no tempo, utilizei como ferramenta metodológica as pesquisas documentais e conversas com pessoas que trabalharam nas décadas de 1980 e 1990 no Colégio (época na qual funcionava um colégio Técnico Agrícola).

As entrevistas foram feitas a partir do método de Roda de Conversa (RC). A escolha desse método teve como objetivo principal a escuta e a abertura para o diálogo a partir do seu processo formativo. Como aponta Silva (2020, p. 46):

A RC funciona [...] como metodologia para coleta de dados, mas também com potencial formativo pela partilha da cultura intrínseca do indivíduo e do grupo, dos saberes experienciais além de promotora da dialogicidade, do amparo mútuo entre os pares envolvidos.

Nesse sentido, as rodas de conversa foram, também, o processo dialógico que eu utilizei para conversar com as professoras que atuam hoje no colégio e demais participantes dessa pesquisa.

Assim, com entrevistas nesse formato, possibilitamos a todas e todos que participaram da pesquisa uma atuação mais espontânea, uma vez que tal metodologia permite uma maior interação entre o entrevistado e os ouvintes. Para facilitar o processo de análise, as conversas foram gravadas e transcritas⁸ – com as devidas autorizações dos participantes.

⁷ O Agroflorestar é um projeto realizado pelo Instituto Toré, em parceria com a Jaguar Land Rover Brasil e o Colégio Dom Ottorino Zanon. Sua proposta é promover a conscientização para a temática socioambiental e produção sustentável de alimentos dentro do ambiente escolar.

⁸ As transcrições se encontram ao final desta tese, na parte destinada aos ANEXOS.

Do passado, temos uma entrevista em formato de Roda de Conversa com a professora Bárbara Castaño, que integrou a equipe do Colégio do final dos anos 1980 a meados da década de 1990. Ela foi docente no curso de Técnico Agrícola e responsável por inúmeros projetos nessa época. Esses projetos dialogam com o projeto *Agroflorestar* e com os Cinco Princípios, o que justifica a escolha da professora para essa conversa.

No presente, acompanhei as professoras em suas práticas no projeto *Agroflorestar*. Além disso, também no formato Roda de Conversa, escutei as docentes sobre suas reflexões/avaliações. Tais RCs, bem como grande parte dos eventos descritos nesta tese, ocorreram ao longo do ano de 2022. Assim, a maioria dos dados dessa pesquisa foram recolhidos em 2022 e sua análise foi concluída no ano de 2023.

A partir dessa perspectiva, a condução do trabalho se guiou pelas abordagens da chamada Pesquisa Narrativa, uma vez que “as pesquisas narrativas são constituídas, geralmente, por relatos ou registros escritos que se apresentam através de diferentes técnicas e instrumentos” (Sousa; Cabral, 2015, p. 152). Dessa maneira, as falas, as histórias, as vivências e as memórias, trazidas de maneira tão colaborativa, são as principais ferramentas e fontes utilizadas. Assim, cada prática, cada momento de reflexão da pesquisa, se conecta com a vida de cada um e cada um/a dos/as participantes. Em seus relatos dos fatos, acontecidos no presente ou no passado, temos as “sementes” para a análises e reflexões trazidas aqui.

Para ajudar nessas análises, dialoguei, ainda, com autores como Paulo Freire, Ailton Krenak, Mauro Guimarães e Walter Benjamin (1987), dentre tantos/as outros/as autores/as, que me ajudaram na construção das ideias e das possibilidades argumentativas.

Essas decisões metodológicas caracterizam a tese como uma pesquisa qualitativa, uma vez que lida com dados que não são quantificáveis, envolvendo um universo repleto de significados, valores, crenças e aspirações (Minayo, 1996). Isso porque eu, como pesquisadora e Orientadora Pedagógica do Colégio, atuei e pesquisei coletivamente com pessoas que também atuam nesse local, em um processo de troca de saberes, ou seja, em uma verdadeira *práxis* coletiva e colaborativa. Esses diálogos compõem a organização do texto, que apresentarei na sequência.

Na **Parte 1 – As Raízes**, reuni as principais premissas que serviram de sustentação para a construção do trabalho. Assim, na **Seção 1.1 - Contextualização histórica: quem estava aqui antes?**, escrevo sobre a importância do pertencimento, de se honrar nossos antepassados e reconhecer neles nossas diferenças e semelhanças. Ademais, descrevo

sobre a origem dos povos que primeiro habitaram a região da Serra Mantiqueira, da qual faz parte a história da cidade de Itatiaia. Não poderia deixar de escrever sobre a vinda dos finlandeses para o bairro de Penedo, onde o colégio se situa. Trago ainda um pouco da história do Parque Nacional de Itatiaia, devido a sua magnitude e importância dentro da cidade que carrega seu nome.

Em seguida, na **Seção 2.2 – Detalhamento do Lugar de Práxis: inícios, contextos e pessoas da pesquisa**, começo a escrever sobre o local da minha pesquisa, que é o Colégio Municipal Dom Ottorino Zanon. Complementando ainda as informações sobre esse *locus* da pesquisa, trago o projeto *Agroflorestar*, que ocorre dentro da instituição e é a base principal para minhas coletas de dados. Mais adiante, falo sobre a “ComVivência Pedagógica”, que é o ambiente da pesquisa no âmbito do projeto *Agroflorestar*.

Na **Seção 1.3 – Aprofundamentos da base teórica**, discuto a importância do desamparado para as crianças e a importância de uma Educação Ambiental Crítica. Apresento também teoria dos “Cinco Princípios Formativos de Educadores Ambientais” da proposta de “ComVivência” Pedagógica. São esses Princípios – sempre escritos aqui com letra maiúscula, justamente para destacá-los na escrita da tese – que serão o meu principal referencial teórico. Eles, tão importantes para o entendimento da proposta de “ComVivência Pedagógica” apresentada por Noeli Granier (2022), são vistos na prática acontecendo no “chão da escola”, relação que justifica a produção deste trabalho.

Na **Parte 2 – Do Tronco aos Frutos**, trago a discussão dos dados e as análises práticas da pesquisa. Na **Seção 2.1 – Analisando os Princípios a partir de Situações que Ocorreram no Colégio**, analiso um acontecimento recente do colégio, no qual a Prefeitura de Itatiaia destinava o chamado “lixo verde” para dentro do chão da escola, causando um movimento de indignação coletivo; também mostro como foi a apresentação dos Cinco Princípios para os/as participantes da pesquisa, fazendo uma reflexão sobre cada um deles.

Em seguida, na **Seção 2.2 – Das Muitas Histórias do Colégio ao Café com Memória: um bate-papo sobre um passado saudoso**, trago a história do colégio, suas origens e informações sobre quando a instituição oferecia a formação de técnico agrícola, bem como descrevo o reencontro dos/as professores/as antigos no evento denominado *Café com Memória*.

Outro momento muito relevante do trabalho é trazido na **Seção 2.3 – Rodas de Conversa: um diálogo do passado com o presente**, onde analiso a Roda de Conversa

com a Professora Bárbara Castaño. Em seguida, fiz a análise da Roda de Conversa “Agora queremos ouvir vocês: roda de conversa sobre a práxis das professoras”. Nessa reflexão, podemos ouvir os relatos do passado do Colégio a partir das vivências da Professora Bárbara e as experiências das professoras do Ensino Fundamental I, que nessa altura já haviam se apropriado do projeto *Agroflorestar*.

Com esse chão arado, adubado e semeado, caminhamos para o final da tese, com a **Seção 2.3 – Alguns frutos: análise das práticas na horta e para além da horta**. Nela, temos alguns desdobramentos do projeto, como “A Feira na Horta”, o Prêmio Paulo Freire e “O Desfile da Beleza Negra”.

Por fim, sigo para as possíveis conclusões da tese, conclusões não totalmente fechadas, uma vez que o projeto continua e seus desdobramentos não podem ser totalmente encerrados.

PARTE 1: AS RAÍZES

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: QUEM ESTAVA ANTES AQUI?

“ReConheSer”: a memória e a história como aspectos fundamentais da formação identitária

Quem é você?

Nessa Terra?

Nesse planeta?

Nessa Itatiaia?

Nesse Colégio?

Que não nos falhe a memória de nos ReConheSer.

Quem é essa gente que veio antes da gente?

Conhecer é saber a história dos que vieram antes.

Reconhecer é se ver na história deles.

Ser é continuar ou romper.

Cassia Viana

Conhecer a História não oficial, ou seja, as nossas histórias que não estão nos livros, seja por não terem sido escritas ou por terem sido apagadas, faz com que nos reconheçamos. Assim, a conexão com essa história desperta uma “Postura Conectiva” (Granier, 2022), seja com as pessoas, seja com a natureza e com as nossas relações com o planeta. Não podemos ter afeto pelo desconhecido e não podemos ter cuidado pelo que não temos afeto. O outro aparece-nos como referências porque somos seres sociais, construídos dentro dessas relações; precisamos dos outros para nos vermos, para nos enxergarmos no mundo. Por isso, a Memória e a História têm um papel fundamental nas construções das relações humanas em todos os seus aspectos

Esse reconhecimento se faz necessário para podermos saber para onde caminharemos; a seta que nos guia vem de fora a partir da conexão com o todo externo ecoando no que há dentro. Seguir ou romper com essa História vai depender do encontro conosco, a partir do que já está posto, do que já foi escrito, dos caminhos que foram percorridos e que nos deixam trilhas que nos faz vermos adiante, nos dando pistas sobre nós e sobre os outros.

A formação da nossa identidade é fundamental para nos situarmos e saber se vamos seguir ou romper. Romper, nesse caso, se refere à ruptura com as “armadilhas paradigmáticas” (Guimarães, 2004), que a todo tempo nos aparecem atravancando os

caminhos nos avanços da nossa manutenção enquanto espécie. Partimos do todo para nos vermos no íntimo, não podemos entrar e sair desse planeta sem saber o nosso *locus*. Não é saudável para nossa vivência não nos situarmos, não nos sentirmos pertencentes.

Se não nos reconhecemos, perdemos toda a nossa capacidade de nos conectarmos conosco no ambiente interno e seguimos áridos de experiências e vivências, aproximando-nos do perigo de uma História única como, nos conta Chimamanda Adichie⁹. Uma História contada por outros, muitas vezes, nos tira a força de ação, ou seja, nos coloca num lugar de pouco entendimento e pobre de sabedoria dos que vieram antes. Existe um legado deixado pelos construtores da nossa História e esse legado é um patrimônio imaterial que pertence a cada um e uma de nós. Nessa construção histórica todas as vozes são importantes!

O processo de silenciamento faz parte da manutenção da sociedade capitalista e excludente. Por outro lado, com uma “Postura Conectiva” (Granier, 2022), capaz de nos aproximar de nossas origens, podemos entender qual é o nosso papel dentro dessa sociedade e dessa construção histórica. Como escreve Augusto Boal (1975), no Teatro do Oprimido nos identificamos empaticamente com os personagens e essa conexão nos faz sentir como eles. Mas quem são os personagens que assistimos hoje? Qual a relação que temos com esses personagens?

Se não temos acesso às histórias com letra minúscula, que são as da oralidade, e das vivências dos heróis de cada dia, nos perdemos, ficamos sem nossos personagens principais... sem nossos protagonistas. Sem os nossos personagens, não temos com quem nos identificar, ou pior, nos são apresentados personagens prontos. Assim, seguimos castradas/os da nossa verdadeira identidade, nos pasteurizando também e nos colocando num grau de igualdade mentirosa e inexistente. Ademais, uma identidade única é muito perigosa, porque o que nos faz ricos como seres humanos é justamente a nossa capacidade de sermos diferentes. Não conhecer essas histórias vindas da oralidade faz com que aceitemos qualquer narrativa como sendo nossa. Por isso, conforme Thompson (1998, p.337): “A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas”.

Para que essa história continue ecoando dentro de nós e fazendo sentido, é preciso que façamos parte de um grupo. Para Halbwachs (1990), não basta que uma pessoa nos

⁹ Chimamanda Ngozi Adichie. TED Talk, em 2009. O perigo de uma única história. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/o-perigo-de-uma-unica-historia/>. Acesso em jun. 2022.

conte um depoimento de algo que se passou se não houver pontos em comum entre quem conta e quem escuta:

[...] É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou noções comuns que esses encontram tanto no nosso espírito como nos dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizermos e continuar a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (Halbwachs, p. 32, 1990).

As memórias individuais são, por muitas vezes, fragmentadas em quadros. No entanto, quando nos encontramos com nossos pares, esses quadros de memórias podem ser completados, como em um grande quebra-cabeças. Ou seja, é necessário estarmos inseridos em uma sociedade, em um grupo, para nos situarmos (Halbwachs, 1990).

Nessa conjunção de memórias, construímos então a nossa identidade, ou identidades. De acordo com Hall (1996), não temos apenas uma identidade; nos identificamos, sobretudo na modernidade, com variados grupos, nos dando identidades distintas de acordo com os grupos e ideias com as quais temos empatia. A formação da identidade social passou por diversas transformações ao longo da História, sendo essa formação também uma formação histórica. No entanto, a memória é matéria primordial para essa construção.

A oralidade tem um papel fundamental dentro desse processo, porque conhecer as narrativas dos que nos antecederam é aprender como foram trilhados os caminhos, quais foram as dificuldades e como elas foram superadas. De acordo com Benjamin (1985, p, 198): “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”.

As histórias dos narradores anônimos, que não estão nos livros, que não são taxados de heróis, essas são as histórias que mais nos conectam com nós mesmos; os causos e memórias de um tempo que se foi. Nesse sentido, Chassot (2006) escreve sobre como é importante ouvirmos as narrativas dos que vieram antes de nós, para aprendermos os modos de fazer e compreender o mundo. O autor narra de maneira detalhada como era feita a perada, a goiabada para o ano todo; narra como se colhiam as frutas, para a feitura dos doces. Toda essa experiência guarda em si ensinamentos valiosos da cultura, e também da ciência.

A oralidade nos trouxe até aqui. Os nossos antepassados, a partir de seus mitos e lendas, nos apresentaram uma vivência de experiências que nos fizeram aprender e nos

entender no mundo. E, nos tempos de hoje, nos quais o humano perde muito da sua humanidade, sofremos e podemos ver nisso um convite para um outro lugar, um lugar de escuta, silenciosa e contemplativa, onde a aprendizagem com outro nos leva para um tempo de maior completude com a vida na Terra; um tempo no qual os nossos ancestrais têm muito a nos ensinar e se os seus mitos são uma fonte de sabedoria:

E se ao contá-los, pudermos nos lembrar com carinho e respeito de nossos ancestrais... Não como aqueles que acreditavam em mentiras fabulosas, como pretendeu a razão, mas como aqueles que iniciaram a grande saga da humanidade. E se, para contá-los, nos permitirmos antes aprender, com sua linguagem metafórica, a decifrar seus enigmas como fizeram nossos antepassados, quem sabe podemos desenvolver uma outra forma de compreensão do mundo da vida de seus mistérios (Matos; Sorsy, 2013, p.7).

Tudo isso faz parte da escuta e no mundo que vivemos, com o excesso de informações, não temos tempo para escutar o que os nossos antepassados nos disseram, nem temos paciência, pois vivemos de urgência sempre correndo para sair, para chegar, correndo para acabar, correndo para acordar, correndo para dormir, numa frenética e violenta rapidez que nos ensurdece e nos enlouquece.

A oralidade tem pausas, respiros e silêncios. Os silêncios e as pausas, para o tempo que vivemos hoje, são uma tortura! E, sem saber escutar os silêncios ditos nas entrelinhas da oralidade, não temos ouvidos para escutar a sabedoria dos que envelheceram. Vivemos tempos em que muito se fala e pouco se escuta e “no processo de *fala* e *escuta*, a disciplina do silêncio a ser assumida com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um *sine qua non* da comunicação dialógica” (Freire, 2011, p. 114, grifos no original).

Por outro lado, vemos pessoas ávidas por serem escutadas, por contar suas histórias e memórias, pois é no relato que elas sobrevivem. E o ambiente educativo da “ComVivência Pedagógica” (Guimarães, 2017, p.159) acontece em espaços de vivência e sobretudo de escuta atenta e interessada. É por termos perdido a capacidade da escuta, dentre outros motivos, que estamos levando o nosso planeta ao colapso. Essas memórias que ouvimos dos nossos pais, dos nossos avós, de como eram feitas as coisas e a durabilidade delas, nos fazem olhar para trás e observarmos o quanto éramos mais “sustentáveis”. Não seguiremos se não olharmos para trás, para os povos originários e para todo o seu legado de relação mais próxima com a Natureza.

Detentores que são de um conhecimento ancestral aprendido pelos sons das palavras dos avós e avós antigos estes povos [indígenas] sempre

priorizaram a fala, a palavra, a oralidade como instrumento de transmissão da tradição obrigando as novas gerações a exercitarem a memória, guardiã das histórias vividas e criadas (Munduruku, 2008, n./p.).

Nas comunidades indígenas, os mais velhos são respeitados; suas narrativas são fonte de sabedoria e informações valiosas para as gerações futuras. É na oralidade que esses povos conseguem estreitar os laços com suas verdadeiras histórias, que foram silenciadas e distorcidas pelos colonizadores e muitos outros que escreveram a História dita oficial. “A oralidade é uma estratégia de validação das experiências de um grupo, é a comunicação entre diferentes gerações, o autoconhecimento das nossas próprias raízes” (Pachamama, 2020, p.12).

Tal visão se opõe totalmente ao que ocorre na nossa sociedade, na qual os idosos são colocados em segundo plano e a velhice não é permitida, sendo vista quase como uma doença de uma sociedade que tem pavor do envelhecimento. Ecléa Bosi (1994) denuncia essa falta de consideração em relação às pessoas idosas. Segundo a autora, a nossa sociedade prega um lugar de respeito aos idosos, mas, na prática, há uma desconsideração em relação a essas pessoas, colocando-as em um local de passividade e privação, seja em relação aos seus bens, seja às suas ideias. Diz ela:

A característica da relação do adulto com o velho e a falta de reciprocidade que pode se traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade. Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação (Bosi, 1994, p.78).

Esse olhar em relação às pessoas idosas nos faz não querer ouvir o que elas têm para dizer e, por isso, perdemos a oportunidade de aprender com elas e com as suas experiências. Dito de outro modo, não permitimos que os mais velhos se expressem e tragam à tona suas lembranças, carregadas de sabedoria. Do mesmo modo, não temos mais o hábito que tinham os nossos antepassados de nos sentarmos em roda para ouvir as histórias contadas pelos mais experientes. Vivemos num tempo em que as cidades se agigantam e o que está nas roças ou comunidades indígenas é visto por nós como primitivo. Essa realidade nos leva a um modo de vida disjuntivo, caracterizado por um denso individualismo (Guimarães, 2021).

Benjamin (1987) denuncia que não temos bons narradores por falta de vivências. Eu ousaria dizer que, hoje, seria ainda mais por falta de “ComVivência”. Nossas memórias são tecidas dos encontros e como estamos vivendo dessa maneira individualista, não temos mais tantas trocas em grupos. Além disso, as vivências são muito parecidas, o que não nos permite aprender com as diferenças. Desse modo, acabamos todas/os muito ilhadas/os em um mundo paralelo, no qual nos falta alteridade porque lidamos somente com os que nos são parecidos.

Cuidar das memórias e histórias de um local ou de uma comunidade faz parte de cuidar também da formação da identidade daquele grupo, sendo um elemento fundamental para a manutenção da cidadania – conhecimentos esses que compõem o chamado Patrimônio Imaterial (IPHAN, 2012). Com isso, o cuidado que começa no indivíduo transborda para o cuidado com o local no qual se vive.

Portanto, se deve levar em consideração a subjetividade desses povos, em consonância com o conceito descrito por Krenak em diálogo com Campos (2021). Eles definem a subjetividade como todo o fluxo da criação desses povos e suas invenções constantes. Consideram, ainda, que essa subjetividade “não é um lugar de produção que o sistema capitalista demarca e a partir do qual opera” (Campos; Krenak, 2021, p.47). De acordo com eles, essa demarcação, entendida como classificação de acervos materiais, possibilita também uma apropriação e transformação desse material em mercadoria.

Assim, as Memórias/Histórias devem ser demarcadas, elencadas e guardadas pelos que a viveram ou têm relação com elas. Por isso, a importância da oralidade e da escuta, sobretudo para se entender enquanto pertencente ou não a um determinado grupo. Nesse sentido, a oralidade é de fato um dos mais ricos patrimônios que temos, sendo para todos nós um direito. E esse direito é o direito de falar e de ser ouvido/a, em sua individualidade e em seus diálogos com os grupos aos quais pertencemos. Dentro dessa perspectiva, de se ouvir os que vieram antes, a seguir dialogarei com Aline Pachamama, uma representante dos povos Puris, originários da Mantiqueira.

Os Puris povos originários da Mantiqueira: um diálogo com Aline Pachamama

Uma vez desta terra, sempre desta terra. Quem ensinou às crianças a história do povo que aqui vive, contou a história de outros, não a nossa. Mas, estamos aqui. Não apenas em voz, mas em coletivo, porque essa é a nossa força

Aline Pachamama

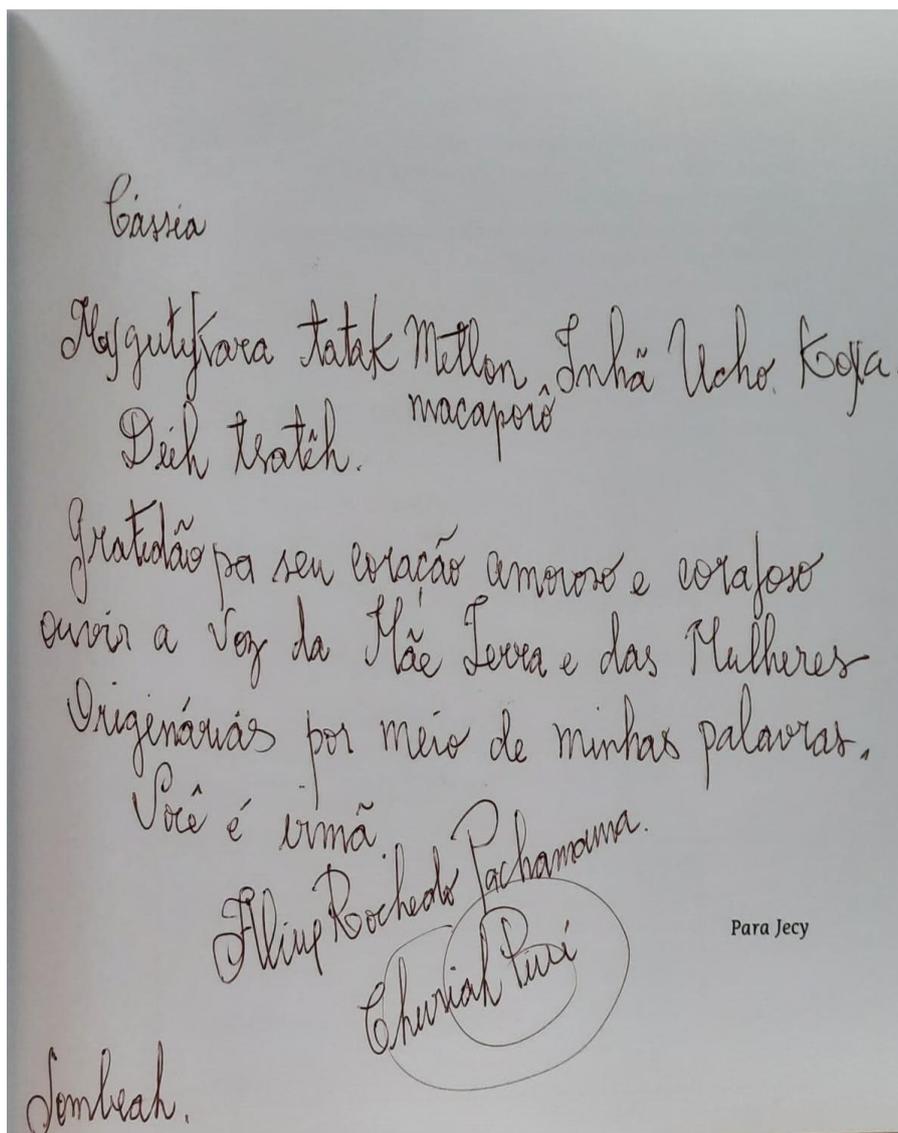


Figura 1. Foto da dedicatória do livro Guerreira, de Aline Pachamama. Fonte: acervo da autora.

Escrever sobre a história da região da Mantiqueira é escrever, primeiramente, sobre a história dos Puris: povos que aqui estavam muito antes de todos os invasores, sendo os verdadeiros donos da terra. Para nos entendermos nesse lugar, é preciso voltar e ouvir o que esses povos originários têm para nos contar. Assim, em busca de informações mais fidedignas do povo da etnia Puri, fui dialogar com uma estudiosa sobre tema, que é de origem Puri, a doutora Aline Pachamama:

Aline Rochedo Pachamama. (Churiah Puri). Mulher originária do Povo Puri da Mantiqueira. Historiadora, escritora e ilustradora. Doutora em História Cultural pela UFRJ. Mestre em História Social pela UFF. Idealizadora da Pachamama Editora (editora formada por mulheres originárias/indígenas). Pela Pachamama Editora, elabora e executa ações em prol da valorização e preservação de Línguas dos Povos

Originários, bem como divulgação de suas Culturas a partir da História Oral e Memória, principalmente, de mulheres e anciãs.¹⁰

Dessa maneira, a partir da história oral, Aline Pachamama oportuniza ao povo Puri ter uma história contada por eles e elas, sobretudo as mulheres anciãs, que são as maiores guardiãs desse legado e têm voz ativa na editora. Em conversa com Aline Pachamama, em sua loja em Visconde de Mauá¹¹, ela afirmou que o que temos história dos povos Puris não foi contada pelos próprios indígenas. Assim, essa história permanece mais viva nos costumes e na oralidade desse povo do que nos registros de terceiros:

A narrativa sobre o povo Puri é repleta de fatos, memórias afetivas e lutas contra um processo de invisibilidade e escravidão. O povo, que já foi dado como extinta, mostra sua presença, principalmente na região das Minas Gerais, por meio das narrativas e práticas culturais de pequenos clãs. Tais atos relatam o processo histórico, que está muito além dos registros sobre o nosso povo. A História Puri está guardada muito mais na memória. (Pachamama 2018, p. 148).

Puri, de acordo com Pachamama (2018), significa calmo ou caminhante. Os Puris são originários da região sudeste do Brasil, espalhados pelos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, na região da Serra da Mantiqueira. A autora afirma que o nome Mantiqueira é originado do tronco tupi e tem como significado “gota de chuva”; a partir da junção dos termos *amana* (chuva) e *tykyra* (gota), a serra pode ser conhecida também como “serra que chora chuva”. Ela ainda explica que o nome seria “Predyóta Inhã Nhãmã” que significaria “Serra Mãe das Águas”. A serra foi protegida durante séculos pelo povo Puri, por isso ainda se encontra trechos de Mata Atlântica em seu território (Pachamama, 2020).

Nessa serra que chora as águas da Mantiqueira, responsável por abastecer tantos rios importantes, como o Paraíba do Sul, que passa pela região, temos esse povo que foi tão desrespeitado e desvalorizado durante o processo de colonização vivido pelo Brasil, mas que, ainda assim, existe e resiste. De acordo com Jani Puri¹² (2020), o povo Puri foi

¹⁰ Fenske, Elfi Kürten (pesquisa, seleção, edição e organização) *Aline Rochedo Pachamama e a literatura dos povos originários*. In: Templo Cultural Delfos, janeiro/2022. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2021/12/aline-rochedo-pachamama.html>. Acesso em jul. de 2022.

¹¹ A Pachamama Editora está no seguinte endereço: Av. Presidente Wenceslau Braz, nº 699, Loja 7, Visconde de Mauá, Resende - RJ, CEP 27553-970. Mais informações pelo site da editora, disponível em: <https://www.pachamamaeditora.com.br/>. Acesso em 12 out. de 2022.

¹² **Vozes dos Povos Originários do Brasil**/Apresentação: Suê Jani Puri / Direção: Gláucio Santos, Helena Azevedo e Simeí Gonderim / Produção: Sistema UFOP de Rádio e Roquette Pinto. Comunicação Educativa / Realização: Universidade Federal de Ouro Preto / Apoio: Geipò - Grupo de Estudos Indígenas e Povos Originários da Universidade Federal de Viçosa. Disponível em <https://radio.ufop.br/noticias/vozes-dos-povos-originarios-do-brasil-povo-puri-memoria-e-resistencia>. Acesso em 12 out. 2022.

extremamente perseguido entre os séculos XVII e XIX. As políticas de aldeamento foram massacrantes, fazendo com que a maior parte dessa história se perdesse. Nos dias de hoje, o povo Puri ainda sofre com as dificuldades de se afirmarem como indígenas, principalmente pelo fato de não morarem em aldeias. A ressurgência desse povo se faz a partir do estudo da sua língua e da sua cultura, buscando um acervo de memórias.

É dentro de tal acervo de memórias e histórias que esse povo, em um vasto território, estão se reunindo para narrar sobre suas vidas e toda escuta que tiveram a partir de seus antepassados, numa reconstrução da identidade que, por muitos anos, devido ao preconceito e violência, foi negada. Como observamos no relato de Jecy Puri:

Eu sou de Minas Gerais. Não morávamos na cidade; era uma região próxima, ainda de mata e muita roça. Lembro, ainda pequena, de quando saía para rua, com minha irmã mais velha, que tinha aquele cabelo muito comprido e bem pretinho, e as pessoas diziam “Nossa, parecem com índias”. E minha mãe falava: “Mas são índias”. Isso eu lembro muito bem. Mas minhas irmãs não gostam que falem essas memórias (apud Pachamama, 2018, p.141).

Essa história foi negada aos povos indígenas pelo fato de não ter sido contada pelas pessoas que a protagonizaram e sim pelo olhar do colonizador, colocando sempre o indígena no lugar de fraqueza. Nessas narrativas, esses povos são tachados, muitas vezes, de preguiçosos, dentre outros tantos adjetivos pejorativos que fizeram com que muitos tivessem vergonha desse passado. Por todos esses motivos, o trabalho de escuta e divulgação de uma história, que tem muito mais a ser contada, se faz importante.

Segundo Pachamama (2018), Dona Jecy, por exemplo, trouxe da sua origem indígena a força para enfrentar as dificuldades da vida e diz não ter passado fome pois a mãe aproveitava tudo da mata. Com ela, aprendeu sobre os chás que curavam as doenças na época em que nunca frequentavam hospital, aprendeu a plantar olhando o momento em que a lua estava nova e a colher na lua cheia para que os grãos rendessem; via a mãe a fazer cestos de palha de milho e potes de barro, ensinamentos passados da avó para filha e para neta. Todo esses *fazeres* ajudavam no sustento da família:

A cesta de milho, minha mãe fazia porque gostava muito e também para ajudar no sustento da família. As crianças sempre ajudavam. A gente pegava as palhas mais clarinhas do milho (das espigas), colocávamos de molho na água e depois a minha mãe rasgava as palhas do tamanho certo. Depois, ela enrolava a palha e torcia uma por dentro da outra, formando cordões. Ia emendando como um fio grosso. A palha precisava estar úmida ainda. Ela tinha uma base de madeira para fazer o formato da cesta e nessa base ela ia unindo os cordões e dando formato da cesta. Fazia uma “trançagem” como os cordões e dando forma a cesta. Eu tenho na mente esse processo, mas não fiz mais. Meu pai fazia

balaio de bambu, mas eu não sei explicar como ele fazia. Só os homens faziam esse balaio. Fazíamos fogueira toda noite. Tinha aquela roda de conversa e histórias. Era bom. Saudades (Pachamama, 2018, p. 144).

Esses povos têm muito para nos ensinar, sobretudo quando pensamos nas suas relações com a Natureza, muito mais próximas que as nossas. Trata-se de um povo que tem a sua espiritualidade “fincada” nas raízes da terra, em uma relação recíproca com a Mata Atlântica, se sentindo parte dela. Exemplo dessa relação é a sacralidade que é atribuída a elementos da Natureza. Os povos Puris têm como árvore sagrada a Lonke (sapucaia). Eles se alimentam do seu fruto e fazem caçambas para guardar alimentos das suas cascas (Pachamama, 2018).

Por isso, trazer essa história, dialogar com ela e contá-la é reverenciar a nossa ancestralidade. Nesse sentido, o processo educativo passa por ensinar as crianças e jovens sobre suas origens. Esse processo é ainda mais importante quando se trata de Educação Ambiental, uma vez que os indígenas são os primeiros educadores e educadoras ambientais, vivendo de maneira mais simbiótica com o meio ambiente: uma relação que, como já dito, temos que aprender. Observar essa trajetória de lutas e de persistência é mostrar para todos/as o quanto esse povo é importante e ainda existe e resiste, apesar de todas as dificuldades vividas.

É importante ressaltar que história dos Puris, assim como outros povos, é uma história de resistência, desde que os europeus a invadiram seus territórios. Há, assim, um apagamento proposital dessa história e memória, assim como fizeram com a história dos negros. Em alguns livros que contam a história da cidade de Itatiaia, por exemplo, os povos Puris são narrados a partir do olhar do colonizador, de forma a colocá-los numa situação de inferioridade, como é comum na História dita oficial. Em um desses exemplares, os indígenas são retratados apenas em situações de subalternidade, como se observa no trecho: “De fato, nos anos 1780 a região se via a ‘salvo’ dos índios, **seus primitivos habitantes** (grifo nosso) [...]” (Barcelos, 2014, p.7). Nesse caso os “índios” seriam justamente os da etnia Puri, descritos como povos primitivos e perigosos. Por isso, o homem branco deveria “salvar” a população de seus perigos, reduzindo toda a riqueza e toda a cultura desse povo.

Essa visão eurocêntrica fez com que os povos negros e indígenas, que Bispo (2015) vai denominar de povos *afropindorâmicos*, tivessem sua identidade dilapidada, silenciada, desrespeitada e desprestigiada. Como aponta o autor:

O processo de escravização no Brasil tentou destituir os povos afropindorâmicos de suas principais bases de valores socioculturais, atacando suas identidades individuais e coletivas, a começar pela tentativa de substituir o paganismo politeísta pelo cristianismo puro monoteísta. No plano individual, as pessoas afropindorâmicas foram e continuam sendo taxadas como inferiores, religiosamente tidas como sem almas, intelectualmente tidas como menos capazes, esteticamente tida como feias, sexualmente tidas como objeto de prazer, socialmente tidas como sem costumes e culturalmente tidas como selvagens. Se a identidade coletiva se constitui em diálogo com as identidades individuais e respectivamente pelos seus valores, não é preciso muita genialidade para compreender como as identidades coletivas desses povos foram historicamente atacadas (Bispo, 2015, p.38).

Na região de Penedo, essa história não foi diferente. Mais tarde, quando os territórios indígenas já haviam sido tomados, essa região foi apropriada pelos “barões do café”. Nelas havia muitas pessoas escravizadas, majoritariamente negras (Pozzobon, 2008). A história das negras e negros escravizadas/os aqui também foi apagada. Assim, cabe aqui as minhas reverências a essas pessoas que são parte importante da história da cidade de Itatiaia, da região de Penedo em toda sua construção cultural. Elas resistem no rosto das crianças negras, criadas pelos seus pais negros residentes em bairros como o “África I e África II”, dentre outros bairros periféricos da cidade. Destarte, escutar os povos originários contando a sua própria história nos faz ter elementos mais sólidos sobre a realidade desses povos. O povo da Mantiqueira sofreu com essas invasões por séculos e ainda resistem na serra que foi e é abrigo para essas memórias e histórias.

A História de Itatiaia, assim como a História do nosso país, é marcada pela chegada de povos vindos de outros continentes, seja com a colonização, seja com a violenta vinda das/os negras/os escravizadas/os e, em outros momentos, com a chegada dos europeus vindo fugidos de guerras e outras adversidades ou em busca de uma terra na qual pudessem viver em paz e em harmonia com a natureza, como foi o caso dos finlandeses vindos para região de Penedo.

A colônia Finlandesa: a utopia de uma comunidade vegetariana

Desde a primeira vista senti Penedo como meu lar. O que realmente sinto não posso explicar em palavras, há algo que sugere uma orientação transcendental. Acredito que Penedo um dia será o lugar onde viverão os amantes da paz, e o berço para um novo modo de viver.

Toivo Uuskallio

O bairro de Penedo tem um destaque especial na história de Itatiaia, por se tratar da primeira comunidade finlandesa no Brasil. A história da imigração finlandesa em Penedo tem seu início em 1927, com a chegada de Toivo Uuskallio. “Toivo Uusakallio e sua mulher Liisa partiram para o Brasil em 6 de agosto de 1927. Em companhia de três jovens entusiasmados com os mesmos ideais” (Hildén, 1989, p.20). De acordo com autora, o fundador da colônia recebeu um chamado divino para criar uma comunidade na qual as pessoas estivessem em contato com a natureza, fossem vegetarianas e com igualdade de condições para todos. Assim, inicia-se essa experiência de uma comunidade utópica no Brasil (Fagerlande, 2007).

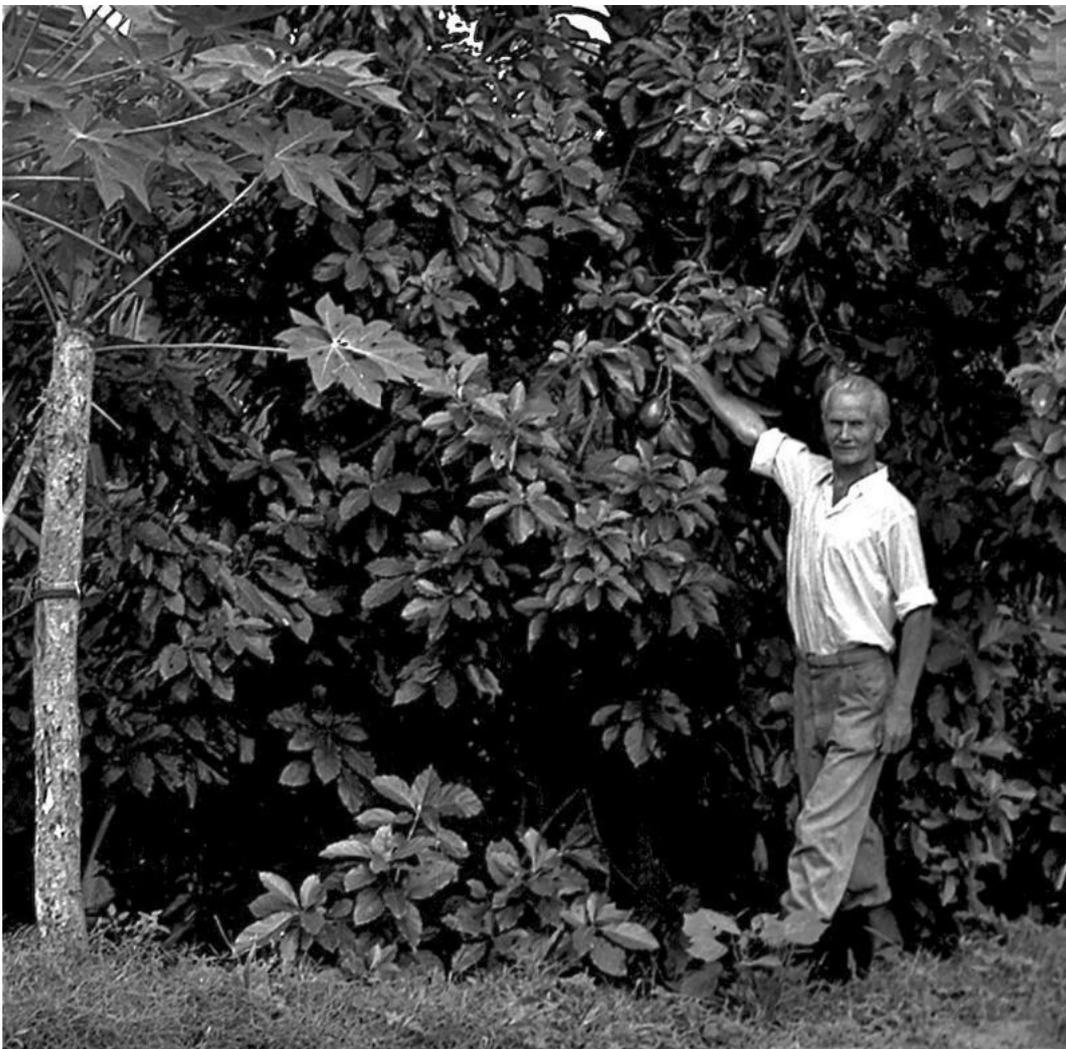


Figura 2. Toivo Uuskallio, idealizador da Colônia Finlandesa de Penedo. Fonte: www.penedo.com



Figura 3. Moradores do início da colônia. Fonte: Sérgio Fagerlande, 2007

O criador da colônia acreditava ser um local perfeito para viver uma vida em total harmonia com a natureza. Praticava-se o nudismo, os banhos de cachoeiras, atividades físicas e o sexo aconselhado apenas para a procriação.

Para entender como se deu o estabelecimento de Penedo foram estudadas as bases ideológicas de sua formação, que foram o resultado de um movimento existente na Finlândia, concernente a tratamentos de saúde naturais e vegetarianismo, bem como de pensamentos de setores religiosos pentecostais, além das ideias próprias de Uuskallio. (Fagerlande, 2007, p.7).

Desde o início de sua vinda para o Brasil, Uuskallio se preocupava com a situação do desmatamento causado pela criação de gado e expressou isso logo que chegou ao Brasil, mesmo antes de chegar a Penedo, em uma breve estadia na cidade de Barra Mansa, onde ele trabalhou por algum tempo. De acordo com Hildén (1989), ele ficou triste por ver destruída a natureza daquela maneira: “Por que tinha sido destruída grandes florestas tropicais para tanta plantação de café? Cacau, fumo, cana de açúcar, algodão e cereais, e por que tantos pastos de gado? Todas essas áreas poderiam ser pomares florescentes

produzindo o alimento natural?” (Hildén, 1989, p. 19). Nessa época, essa era a realidade do Vale do Paraíba que tinha sido um grande polo de plantação de café no Brasil.

Desejando encontrar um local definitivo para criar a colônia, Uuskallio soube da venda da fazenda Penedo. Depois de muita luta e ajuda de amigos finlandeses, em janeiro de 1929 foi feita a escritura de promessa de compra e venda da fazenda. Porém, a compra definitiva se daria muitos anos depois, com muito sacrifício de todos os envolvidos nesse sonho de vida utópico (Hildén, 1989).

Os anos iniciais de criação da colônia foram muito difíceis. O trabalho era pesado para todos, pois era necessário abrir estradas, construir casas e lutar contra o calor e as formigas saúvas. Com o tempo, começaram a surgir as primeiras plantações. As práticas econômicas estavam baseadas na agricultura, com cultivo de laranjas e bananas. Mais tarde, o artesanato foi se fortalecendo com a feitura de roupas e chapéus de bucha cultivada na região, e que passou fazer parte do artesanato local, além de tapeçaria (Hildén, 1989).



Figura 4. Appelgreen, Kaarina, Ulla e Asikainen, no meio da plantação, com uma bucha na mão (1931). Fonte: Fagerlande, 2007.

O turismo, parte importante da economia de Penedo, teve seu início quando os finlandeses passaram a receber hóspedes em suas casas. No início, não havia luz, pois a iluminação na cidade chegou na década de 1970. As saunas, trazidas para o Brasil pelos finlandeses de Penedo, também ganharam reconhecimento e foram construídas em todos os hotéis, que nessa época já eram uma fonte de renda dos moradores. Inovações como a chegada do telefone e a criação da Via Dutra (mais tarde, a sua duplicação), fizeram com que o turismo se consolidasse como principal fonte econômica do local (Hildén, 1989).

Hoje, Penedo se estabeleceu como polo turístico, tendo como principal atração o parque temático que reproduz uma vila finlandesa. Atualmente, a maioria dos comerciantes locais não descendem dos finlandeses originários, mas a arquitetura conserva o estilo finlandês.



Figura 5. Centro de Penedo. Fonte: Stela Cramer.

Hildén foi uma das primeiras crianças a vir para a colônia Finlandesa de Penedo e teve várias idas e vindas da Finlândia até se estabelecer de fato na região de Itatiaia. Durante muitos anos, antes da chegada do dito “progresso”, a vida não foi fácil, devido às dificuldades de locomoção, falta de luz e outros desconfortos oriundos da ausência de infraestrutura. No entanto, na época em que a autora escreveu seu livro, ainda na década de 1980, ela declara um desconforto talvez maior do que os vividos no passado, que é degradação da natureza:

O começo da década de 80 trouxe dois progressos para Penedo: o telefone e a estrada principal asfaltada. Isso serviu de impulso para o

surgimento de hotéis, restaurantes, artesanatos e outras lojas comerciais [...], mas o progresso tem seu preço. Penedo já é uma cidade com seus problemas, especialmente a poluição. O ribeirão não é tão cristalino como antes (Hildén, 1989, p.109).

De fato, a realidade das questões ambientais em Penedo se agravou com o tempo. O crescimento desordenado do bairro, bem como a falta de saneamento básico, que joga o esgoto nos rios poluindo e causando várias doenças, demonstram que o dito progresso não foi assim tão promissor. Para fins de compreensão dessa situação, temos o seguinte dado sobre a cidade de Itatiaia: “Somente 2.075 habitantes (de uma população de 29.448 habitantes) são atendidos com esgotamento sanitário recolhido, sendo que nenhuma porcentagem do volume do esgoto recolhido é tratada” (Castro, 2021, p. 92).

Para todos/as que atuam no Colégio Municipal Dom Ottorino Zanon, em Penedo, é importante conhecer essa história para a formação da identidade dos que ali estudam e trabalham. Cabe aqui uma observação importante: embora essas crianças e jovens do colégio estudem em Penedo, muitos deles desconhecem a fundo a história da região. Além disso, os espaços que hoje são frequentados por turistas não o são pelos nossos/as estudantes, por serem muito caros. Considerando que a clientela do Colégio em grande parte pertence a bairros muito pobres do entorno de Penedo, com exceção dos que ali frequentam por trabalhar, a maioria não usufrui desses espaços para seu lazer.

O que temos para refletir sobre a colônia Finlandesa no Brasil? Fazer as relações dessa comunidade, sobretudo no que diz respeito aos aspectos ambientais, é algo que enriquece ainda mais nossas reflexões e práticas relacionadas à Educação Ambiental dentro desse espaço do Colégio Municipal Dom Ottorino Zanon. Nesse sentido, é possível trazer comparações da Penedo antiga com a de hoje, como era, o que mudou em relação às questões ambientais, dentre tantas outras inferências.

O desejo de Uuskallio de viver de forma harmônica com a natureza, respeitando os animais, por ser uma comunidade vegetariana, nos traz também reflexões sobre a Educação Ambiental. Sabemos que o consumo de carne e alimentos advindos de origem animal, dentro do modo de consumo das sociedades capitalistas, é uma das principais causas de degradação do planeta (Knoche, 2016). Diante dessa realidade, visitar essa história é uma possibilidade de mostrar outras formas de vida na Terra.

Além de Penedo, com sua rica História e Natureza, a cidade de Itatiaia abriga o Parque Nacional, que recebe seu nome, outro importante ponto turístico.

Itatiaia e o Parque Nacional

O município de Itatiaia fica às margens da rodovia Presidente Dutra, próximo ao município de Resende, do qual fez parte até sua emancipação, no ano de 1989. No entanto, sua história tem mais de 170 anos, sendo a data de 05 de abril de 1839 o marco da fundação do povoamento inicial, com o nome de Campo Belo. A população estimada é de 32.000 pessoas (IBGE, 2022). Tem um riquíssimo polo industrial com empresas de fabricação de eletrodomésticos, indústria automobilística, dentre outros, o que faz com que o município tenha uma arrecadação de impostos expressiva. Abriga ainda a Usina Hidrelétrica de Funil¹³, que faz parte do Parque gerador de Furnas, usuária das águas do rio Paraíba do sul.

Itatiaia significa pedras pontudas em Tupi-Guarani. Assim, a origem do nome demarca a importância dos diferentes povos indígenas que aqui habitavam. O Parque Nacional e as políticas de preservação ambiental, assim como os indígenas, sobrevivem a terríveis massacres e a um desmonte¹⁴ massivo de sua proteção.

A cidade é muito conhecida por abrigar parte do Parque Nacional de Itatiaia¹⁵, criado em 14 de junho de 1937 pelo Decreto no 1.173, do presidente Getúlio Vargas. Trata-se da primeira Unidade de Conservação Ambiental do Brasil, sendo uma referência histórica para o país. As terras que deram origem ao parque eram de propriedade de Visconde de Mauá. Os primeiros a idealizarem o projeto foram André Rebouças e o botânico Alberto Lofgren. A área do Parque está localizada em ambiente de Mata Atlântica na Serra da Mantiqueira, apresentando uma rica flora e fauna, com ricos mananciais e com uma diversidade ecológica importante para a preservação e estudos (ICMBio, 2022).

¹³ A Usina do Funil é considerada de grande importância para o Sistema por estar localizada próxima aos grandes centros consumidores, garantindo confiabilidade do suprimento de energia elétrica aos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. Disponível em:

<https://www.furnas.com.br/subsecao/119/usina-de-funil?culture=pt>. Acesso em 12 set. 2022.

¹⁴ Dentre as várias práticas de desmantelamento do aparato regulador de preservação do meio ambiente feitas no governo Bolsonaro, temos a Lei Geral do Licenciamento Ambiental, aprovada pela Câmara dos Deputados. O licenciamento ambiental mediante estudo de impacto ambiental prévio é o principal instrumento de qualquer política ambiental. Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/retrospectiva-o-que-de-pior-aconteceu-para-o-meio-ambiente-em-2021-e-o-que-esperar-do-proximo-ano/>. Acesso em 11 out. 2022.

¹⁵ Primeiro parque nacional a ser criado no Brasil, em junho de 1937, o Parque Nacional de Itatiaia é administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão do Ministério do Meio Ambiente (MMA), responsável pela gestão das unidades de conservação (UCs) federais. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/noticias/parque-nacional-do-itatiaia-regulariza-mais-92-hectares>. Acesso em 12 set. 2022.

Situado na Serra da Mantiqueira, o Parque Nacional do Itatiaia abrange os municípios de Itatiaia e Resende no Estado do Rio de Janeiro e Bocaina de Minas e Itamonte no Estado de Minas Gerais, onde ficam aproximadamente 60% de seu território. A Unidade está localizada entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, próximo à Rodovia Presidente Dutra, tendo como polo econômico mais próximo a cidade de Resende. Apresenta um relevo caracterizado por montanhas e elevações rochosas, com altitude variando de 600 a 2.791 m, no seu ponto culminante, o Pico das Agulhas Negras. Originalmente com 11.943 hectares, o Parque foi ampliado para os atuais 28.086 hectares em 21 de setembro de 1982 pelo Decreto no 87.586 (ICMBio, 2022, s/p).



Figura 6. Agulhas Negras. Fonte: Daniel Toffoli (ICMBio, 2022).

O local foi preservado pelos povos indígenas em seu passado e hoje, sob a administração do Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade (ICMBio), preserva uma biodiversidade importante. Seu símbolo é o sapo-flamenguinho,

Melanophryniscus moreirae, uma espécie endêmica¹⁶, considerada quase ameaçada porque, apesar de ser comum sua existência no parque, o seu refúgio geográfico é muito restrito (Barreto, 2013). O parque abriga muitas outras espécies ameaçadas de extinção como: Muriqui-do-norte (*Brachyteles hypoxanthus*), Morcego vermelho (*Myotis ruber*), Onça-parda (*Puma concolor capricornensis*), Borboleta (*Tithorea harmonia*), dentre tantas outras espécies importantes para o equilíbrio da flora e fauna (ICMBio, 2022).

A Unidade de Conservação hoje sofre com as queimadas, geralmente causadas pela ação do homem, devido ao fato de suas terras estarem próximas à abertura de pastagens, ou pelo uso inadequado de suas áreas por turistas. A questão fundiária ainda é um problema, posto que as dificuldades de regularização das terras é uma realidade comum das unidades de conservação no país. Além disso, existe um impasse entre moradores que residem dentro do parque e que não desejam sair de lá, por causa de diversos fatores que não nos cabe aqui aprofundar, mas que em situações específicas, pode comprometer a preservação do parque (Barreto, 2013).

A Unidade conta com o *Núcleo de Educação Ambiental do PNI* (Parque Nacional de Itatiaia), que tem como principal objetivo a inclusão socioambiental da rede escolar dos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais:

Seu principal projeto é o Programa de Visitas Orientadas, com média anual de seis mil pessoas atendidas. Um trabalho que conta com o apoio de voluntários. Desde 2007, a ênfase de sua programação é o Curso de Multiplicadores em Educação Ambiental, no qual educadores participam de palestras e experiências práticas para levar esses conhecimentos aos seus trabalhos diários (Barreto, 2013, p.5).

E é próximo a esse local de muitas belezas naturais, lutas e sonhos que está situado o Colégio Municipal Dom Ottorino Zanon, que será mais bem detalhado nas páginas seguintes.

¹⁶ Uma espécie endêmica é aquela espécie animal ou vegetal que ocorre somente em uma determinada área ou região geográfica. Disponível em: <https://oeco.org.br/dicionario-ambiental/28867-o-que-e-uma-especie-endemica/>. Acesso em 11 set. 2022.

1.2 DETALHAMENTOS DO LUGAR DE PRÁXIS: INÍCIOS, CONTEXTOS E PESSOAS DA PESQUISA

O Colégio Dom Ottorino Zanon, situado no município de Itatiaia, no bairro de Penedo, possui um terreno de 55.143 m² (Jornal Folha Regional, 1990). Esse espaço, que já funcionou como internato e escola de formação técnica, hoje é um colégio de Ensino Fundamental I e II. Atualmente, atende por volta de 528 alunos, do 1º ao 9º ano, o que representa aproximadamente 11% do total de alunos matriculados na rede pública e 6% do total de crianças e adolescentes do município.



Figura 7. Colégio Dom Ottorino Zanon, vista aérea. Fonte: Acervo Instituto Toré.

Dentro do colégio, estabeleceu-se, no final de 2021, uma parceria de trabalho com a equipe do instituto Toré, a partir de um convite vindo do responsável Gabriel Garros. Na ocasião do convite, eu, os diretores da época e membros da comunidade escolar estávamos buscando alternativas para sanar uma prática do despejo de lixo “verde” que ocorria no terreno da escola. O lixo dito “verde”, oriundo de podas das casas do bairro de Penedo, vinha misturado com lixo comum sem nenhum tratamento, poluindo o solo e trazendo infestação de pragas. Assim, a parceira com um projeto que tem como fim as práticas de agroflorestamento¹⁷ seria ideal para tentarmos dar um outro destino a essa parte do terreno do colégio.

¹⁷ Agroflorestamento é um sistema produtivo que concilia a produção de alimentos com a recuperação de áreas degradadas, promovendo benefícios econômicos e ecológicos. Tudo isso com o objetivo de construir um novo paradigma produtivo que não se baseia somente na monocultura, como ocorre hoje. Disponível em <https://ciclovivo.com.br/planeta/desenvolvimento/voce-sabe-o-que-e-uma-agrofloresta/>. Acesso em 11 out. 2022.

A escolha do *Instituto Toré* em atuar no colégio se deveu ao fato de nele existir um terreno adequado para as práticas de agroflorestamento, além de ter sido uma escola de formação de técnicos agrícolas, guardando em sua tradição uma relação com práticas de manejo do solo. Dessa forma, o colégio possuía todas as características necessárias para implementação de um projeto sólido.

Sobre o projeto *Agroflorestar*, seu objetivo principal é criar um “Viveiro Educador”, que consiste na plantação de mudas para o reflorestamento de áreas degradadas no município de Itatiaia, sobretudo no Parque Nacional de Itatiaia. Além disso, propõe a criação de uma horta para a produção variada de alimentos para merenda escolar e o cultivo de plantas medicinais. Em relação à horta de medicinais, tem-se o intuito de oportunizar um reencontro com saberes ancestrais, oriundos da cultura quilombola e indígena, que usam as plantas para as curas de suas doenças. Tem como propósito, também, reviver o tempo no qual a escola abrigou uma horta que fornecia matéria prima para fabricação de remédios em uma farmácia de manipulação de fitoterápicos que funcionava dentro da instituição.

Dessa maneira, a criação dos espaços de plantação dialoga com a filosofia do “AgroSaberes”, já que a horta se transforma em um local de troca de saberes para além de plantar e colher. Para isso, se utiliza dos momentos coletivos para compartilhar habilidades, competências e percepções que atravessam as disciplinas escolares, tais como História, Geografia e Ciências, dentre outras. Todas as discussões acontecem de maneira interdisciplinar, tendo como base os saberes quilombolas e da cultura indígena, ressignificando, assim, o processo de ensino-aprendizagem.

A construção do espaço do projeto Agroflorestar

*A Terra tão generosa é mãe fértil protetora
A semente que nela brota renascerá de novo
Pé de limão e laranjeiras ou as ervas da guiné
Alimento e proteção para todos que vierem!*

Cassia Viana

Agora, começarei contando como aconteceu todo o processo de construção da horta, nosso espaço de troca de saberes. Para que haja um maior entendimento dos locais nos quais a pesquisa ocorreu, produzir um esquema mais detalhado da vista área de partes dos terrenos que iremos transitar/dialogar nessa pesquisa:



Figura 8. Vista aérea do colégio. Fonte: editado pela autora a partir da imagem do Google Maps (2023).

É válido destacar que o espaço educativo se constrói no meio físico, pelas pessoas que integram esse meio, como iremos aprofundar adiante com a ideia de “ComVivência Pedagógica”. Dessa maneira, no decorrer deste trabalho todas essas pessoas terão suas identidades reveladas propositalmente. Com a autorização de cada um/uma, vou citar seus nomes e colocar suas fotos, por acreditar que o protagonismo delas é muito importante para trazer ao leitor a realidade desse trabalho.

Minha escrita acontecerá na primeira pessoa do singular e na primeira pessoa do plural. Dessa forma, o “eu” e o “nós” irão se misturar porque em alguns momentos serei eu a falar, enquanto em outros, trago meus parceiros de pesquisa na forma do “nós”. Quando utilizei primeira pessoa do singular é porque a partir da minha observação dos acontecimentos, ainda que esses acontecimentos sejam coletivos. Assim, a pesquisa foi talhada dentro de um processo dialógico com as pessoas que dela fazem parte.

Por isso, vou começar apresentando quem são meus pares nessa pesquisa. Para iniciar, apresento meus parceiros do projeto *Agroflorestar*: Gabriel Garros¹⁸ é o responsável geral pelo *Instituto Toré* e o idealizador do projeto *Agroflorestar*; Alexandre Nascimento¹⁹ é quem executa o projeto “*Agroflorestar*” em suas práticas de educação socioambiental com a metodologia de “*AgroSaberes*”²⁰; e Mariana Costa²¹ é responsável pela comunicação do projeto.

Aqui, quero chamar atenção para Alexandre Nascimento. Na minha escrita dialogarei muito com ele, por ser o responsável pela horta, espaço em que aconteceu a maioria das reflexões dessa pesquisa. Alexandre traz para este projeto muito mais que sua força de trabalho no manejo das plantas; ele traz toda sua sabedoria, sua intelectualidade, sua grandiosidade e sua simplicidade em uma mesma pessoa. Importante salientar que, em muitos momentos, seu nome pode ser citado como educador Alexandre, professor Alexandre, ou tio Alê, que é a maneira carinhosa como as crianças o tratam. Essas nomenclaturas vão diferenciar devido a situação a ser narrada. No entanto, Alexandre não é um professor concursado da rede Prefeitura de Itatiaia, assim como também não o são os demais integrantes da equipe do Instituto Toré. Reitero que eles atuam dentro do colégio por serem os membros da equipe do instituto, executores do projeto *Agroflorestar*. Porém, em alguns momentos, Alexandre vai lecionar conteúdos referentes a seu trabalho na horta como um “professor”; noutros, ele será o “educador socioambiental”; a sua fala também poderá ser de “sociólogo”, sua formação acadêmica; às vezes quem fala é o “tio Alê”, amigo das crianças/estudantes. Alexandre tem uma vasta experiência de vivências em quilombos e aldeias indígenas, já realizou um trabalho em Cabo Verde e tem tantas outras bagagens de saberes para compartilhar. Assim, é importante demarcar esses papéis que se misturam, só para ficar explícito para os/as leitores/as.

Gabriel Garros e Mariana Costa não menos importantes, mas aparecerão mais nos bastidores da pesquisa. Mariana com seu olhar cuidadoso dará vida a muitas das imagens desta tese, com suas fotos que trazem seu olhar sensível. No entanto, o trabalho dela vai

¹⁸ Gabriel Garros, gestor de projetos do *Instituto Toré* e atual presidente do Fórum Municipal de Educação de Itatiaia.

¹⁹ Alexandre Nascimento é graduado em Ciências Sociais pela PUC-RIO e com MBA em Gestão Ambiental – Politécnica da UFRJ.

²⁰ A metodologia “*AgroSaberes*” tem como objetivo oportunizar uma educação socioambiental pautada em saberes oriundos das comunidades quilombolas e indígenas.

²¹ Mariana Costa é bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense, além de graduada em Comunicação Social pela mesma instituição. É ativista pela luta da reforma agrária e trabalha com comunicação no terceiro setor e em movimentos sociais do sul Fluminense. É uma das fundadoras do *Instituto Toré* e coordenadora da comunicação do projeto.

muito além, pois possui uma vasta vivência em movimentos sociais e traz essa experiência em sua atuação no projeto. Gabriel Garros, por ser o gestor do projeto, cuida da parte mais burocrática, embora esteja também envolvido diretamente nas ações do projeto *Agroflorestar*.



Figura 9. Equipe do Instituto Toré. Da esquerda para direita: Gabriel Garros, Alexandre Nascimento e Mariana Costa. Fonte: acervo da autora.

Além da equipe do Instituto Toré, as professoras são protagonistas ativas da pesquisa. E quem são elas? Mulheres com formação de professoras em nível médio, ou, em sua maioria, pedagogas, e pós-graduadas na área de Educação, concursadas da Prefeitura Municipal de Itatiaia, que atuam no Colégio Municipal Dom Ottorino Zanon, lecionando para o Ensino Fundamental I, e das quais sou Orientadora Pedagógica.

Dentre as professoras temos: Rosângela Nunes e Fabíola Silva, professoras do primeiro ano, Sabrina Faquir e Joseli Morgado (Jô), atuando no segundo ano, Priscila Lunardi, no terceiro ano, Rafaelle Vieira, do quarto ano, e Rosane Reis, do quinto ano. A equipe ainda conta com Anne Nunes, professora de Educação Física, e Laís Salgueiro, de Atividades Complementares. Nos encontramos diariamente no colégio – com exceção da professora Anne, que leciona apenas dois dias no CMDOZ. Por isso, temos momentos cotidianos de trocas dentro desse processo de formação reflexão conjunta.

Muito embora não sejam muitos os momentos nos quais encontramos todas/os participantes da pesquisa, como o mostrado na **Figura 10**, nosso diálogo acontece quando eu desço com elas e suas turmas para a horta, semanalmente, em horários diversos.



Figura 10. Foto da Equipe Pedagógica da escola: da esquerda para a direita temos as professoras do Ensino Fundamental I: Anne, Sabrina, Joseli, ao fundo Gabriel Garros (Instituto Toré), Rosane, Laís, ao fundo Alexandre Nascimento (Instituto Toré), Rafaelle, Rosângela, Priscila, Cassia Viana (Orientadora Pedagógica e autora deste trabalho) e Fabíola (agachada de blusa de manga comprida). Fonte: Mariana Costa.

Além dessa equipe, conto ainda com a colaboração de pessoas que aturam no colégio na época do Colégio Técnico Agrícola, dentre elas, a professoras Barbara Castaño, que conta sua história com muitos detalhes importantes, dona Anália, e todos os demais participantes do “Café com Memórias” – que será discutido e analisado na **Parte 2**.

Depois de sabermos quem são os personagens dessa história, e nos situarmos geograficamente no terreno do colégio, narrarei, a seguir, como foi a abertura do espaço para construção da horta, local em que acontece a maioria das atividades do projeto Agroflorestar.

Abrindo caminhos: a consolidação prática do projeto

A equipe do Instituto Toré foi responsável por organizar a abertura dos caminhos para que o projeto acontecesse na prática. O mato havia crescido muito no local de construir a horta. Esse espaço havia sido ocupado no ano de 2019 por uma horta de um particular, mas, no momento, se encontrava desativada e com o acesso para o local dificultado. Assim, abrir esse espaço para a descida pelo terreno, bem como para a

plantação da nossa horta, era uma das primeiras demandas para que o projeto se concretizasse. Esse processo aconteceu em **abril de 2022**, com a ajuda de um trator. Especialmente nesse dia, tivemos a oportunidade de ver o projeto nascer de fato.



Figura 11. Abertura do espaço para a construção da horta em abril de 2022. Fonte: acervo da autora.

Foi nesse solo, que no passado já havia produzido tanto, que se deu a construção do espaço da horta. A terra, tão generosa, guarda em si suas memórias, que nos vão *sendo contadas* ao longo do tempo com suas raízes que insistem em brotar. Muitas mudas, que ainda estavam vivas desde os tempos do colégio Técnico Agrícola, permaneceram no entorno do espaço da horta. Pés de limão, laranjas, muitas ervas medicinais e curativas, como pés de Guiné, se mantinham abençoando o local. Essas raízes ajudaram (e ajudam) a contar a história e memórias desse espaço tão rico.



Figura 12. Local da construção da horta já arado pelo trator, com as primeiras estacas para a construção de um telhado. Fonte: Alexandre Nascimento.

A sua fertilidade, apesar do tempo, ainda foi mantida, pois, como um útero, a terra mostra que está preparada para receber, sobretudo depois do longo descanso. O mato que estava denso na parte de cima teve que ser aparado; e a retirada das ervas daninhas nos fez lembrar das *ervas daninhas* que brotam em nossas vidas, as quais devemos sempre arrancar para fertilizar os nossos canteiros interiores. Essa analogia, aprendida com o Alexandre Nascimento, foi ensinada a ele em uma de suas muitas andanças.

A partir da vegetação aparada, o início da construção do espaço feito por Alexandre com a ajuda de parceiros da equipe do Instituto Toré. Com isso, o local foi liberado para que pudéssemos descer até o espaço onde a horta seria semeada. Desde esse momento, as crianças/estudantes já começaram a acompanhar todo o processo de organização e fertilização da terra para receber a horta. Alexandre transformou o chão em quadro e as pedras se fizeram giz para o melhor detalhamento de tudo.



Figura 13. Alexandre Nascimento ensinando as crianças sobre a construção da sala de aula a “céu aberto”. Fonte: acervo da autora.

Na **Figura 13**, Alexandre desenha no chão o formato da horta e fala com os alunos e alunas quais os materiais seriam utilizados, explicando o motivo pelo qual a horta seria circular. Segundo ele, o fato de ser circular era para que pudéssemos ter acesso uns aos olhos dos outros, diferente de uma sala de aula convencional, quadrada, na qual as crianças se sentam umas na frente das outras, sem se verem. Olhar o outro nos olhos é uma das maneiras mais sublimes de troca e, no caso da horta circular, isso é permitido com facilidade. E circularidade faz parte da cultura dos povos originários, o que foi explicado por Alexandre nessa conversa.

Depois dessa explicação, pedi às crianças que desenhassem como elas tinham entendido a futura horta. A seguir, temos um desses desenhos, mostrando a horta a partir do olhar de uma aluna:



Figura 14. Desenho de uma aluna mostrando o viveiro de mudas, o espaço da horta e a cerca da casa do vizinho do colégio. Fonte: acervo da autora.

A partir da explicação de Alexandre, ela desenhou o a horta com o formato de um sinal de *wi-fi*. Além disso, ilustrou o viveiro de mudas e demarcou a casa do vizinho. Todo esse processo de acompanhamento das crianças da construção do espaço foi importante para apropriação delas em relação a esse local.

Foi interessante observar a curiosidade dos alunos e alunas acerca da construção em um lugar que eles/elas não sabiam que existia, devido ao mato que estava em volta. Era um espaço, que sobretudo os/as menores nunca tinham ido. Nesses momentos, aproveitamos para contar para eles um pouco da história do lugar, que no passado havia abrigado um local de práticas do curso de Técnico Agrícola.

Contar para as crianças que aquele lugar já havia sido uma horta e que muitos alunos e alunas como eles haviam feito esse trajeto para plantar foi bem interessante.

Assim, eles puderam conhecer um pouco mais sobre a história da instituição em que estudam. Pensando na importância da história para forjarmos a identidade (Halbwachs, 1990) e o pertencimento deles/delas, esse foram momentos de rica formação.

Nas outras vezes que iam para a horta, muitos alunos e alunas relatavam ter contado para seus responsáveis sobre a experiência que tiveram no espaço. Foi muito instigante que os responsáveis, então, revelaram que já estiveram presentes naquele local e/ou que estudaram na época que o colégio era Técnico Agrícola. Essa foi a possibilidade de um reencontro entre gerações, incitando conversas que fizeram como que muitas crianças entendessem a história de vida escolar dos seus pais e a própria história do espaço do qual elas começavam a se apropriar.

Por volta do meio de julho de 2022 o espaço já estava pronto para início do cultivo da horta. A construção com telhado circular (**Figura 15**) seria o nosso ponto central de encontro e conversas, ou seja, a nossa “sala de aula”. No entorno, seria o local destinado à plantação da horta propriamente dita.



Figura 15. Estrutura da “sala de aula”. Fonte: Acervo da autora.



Figura 16. Perspectiva da sala de aula e horta. Iniciando o plantio final de julho 2022. Fonte: acervo da autora.

Assim, estava criado nosso espaço de troca de saberes; um lugar de “ComVivência Pedagógica”.

O ambiente da pesquisa: um espaço de “ComVivência Pedagógica”

Cantar, Plantar e Colher!
Eu vou descer pra plantar com o tio Alê!
Eu vou descer pra plantar com o tio Alê!
Com dedo indicador um furinho eu vou fazer.
Plantando a mudinha que está pronta pra crescer.
Com sol, água e cuidado, com o tempo eu vou colher:
salsinha, cebolinha e alface pra comer!
Tem rúcula, couve e até manjeriço.
Comida de verdade na nossa alimentação!
Cantando e plantando com toda gratidão!
Cantando e plantando com toda gratidão!

Cassia Viana²²

Logo que se iniciou o plantio, passamos a ir até lá com as crianças. Como a horta fica em um terreno de nível mais baixo que o prédio do colégio, com o passar dos dias, a prática de *descer* para fazermos nosso plantio passou a ser uma rotina de alegria e contentamento para nossos alunos e alunas.

Esse espaço, projetado por Alexandre Nascimento, como já dito, é uma horta circular. Em seu centro, foi erguida uma “sala de aula”, destinada à troca de saberes. O local abriga ainda uma cobertura de telhado com as laterais abertas, permitindo aos participantes se enxergarem entre si, além da vista do espaço externo.

²² Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BOSMYJUZk>. Acesso em out. 2022.



Figura 17. Crianças no processo de plantio. Fonte: acervo da autora.

Especialmente nesse lugar, ocorreram e ocorrem as trocas abordadas nesta pesquisa. Saindo da sala de aula convencional, entramos em um ambiente propício para as práticas de Educação Ambiental dentro da perspectiva da “*ComVivência Pedagógica*”, como escreve Granier (2022, p. 53):

[...] num processo de desconstrução e construção de novos sentidos, individuais e coletivos, este ambiente é construído a partir das relações que os educadores ambientais estabelecem entre si e com o meio, numa atmosfera que propicie a experiência do reconhecimento das raízes da problemática socioambiental através de diferentes canais (perceptivos, cognitivos, reflexivos, emocionais). Ou seja, nesta proposta o ambiente educativo não é engessado nem imposto, mas construído coletivamente.

Dessa maneira, rompemos com a ideia de que a troca de saberes dentro do ambiente escolar tem que estar atrelada a um local fechado, no qual o professor ministra aulas teóricas e expositivas. O nosso desejo com esse espaço foi nos libertarmos da “educação bancária”, na busca de um ensinar repleto de boniteza e amorosidade (Freire, 2011). Ademais, buscamos uma educação que se alinhasse com a ideia de: “Exercitar a emoção como forma de desconstrução de uma cultura individualista extremamente calcada na razão, e a construção do sentimento de pertencimento ao coletivo, ao conjunto, ao todo, representado pela comunidade e pela natureza” (Guimarães, 2004, p. 116). Queríamos, sobretudo: “[...] uma relação respeitosa, orgânica e biointerativa com todos os elementos vitais, uma das principais chaves para compreensão de questões que interessam a todas e a todos. Pois sem a terra, a água o ar e o fogo não haverá condições sequer para pensarmos em outros meios” (Bispo, 2015, p.90).

Dentro desse espaço de respeito, formamos o ambiente educativo. Devemos considerar que esse espaço é composto pelo espaço físico e, também, pelo espaço

construído pela nossa interação. Cada um que integra esse espaço traz consigo todas as suas vivências. E é nesse processo de encontro e de troca que nos encontramos e nos construímos.

A partir dessa ótica, de nos ver e nos conhecer, o que o educador Alexandre Nascimento trouxe para o colégio foi uma radicalidade: um negro retinto, com os cabelos de *dreads*²³. Além disso, um homem, em um universo predominantemente feminino, uma vez que a maioria que leciona para crianças são mulheres. Assim, muitas dos nossos/as alunos e alunas desejavam entender quem era essa pessoa que estava ali como professor da “horta”. Logo nas primeiras aulas eles queriam saber mais sobre o professor Alexandre, e o cabelo foi o ponto que mais chamou atenção das crianças. Em um desses encontros, um aluno pediu para que ele soltasse o cabelo para que eles pudessem ver. Foi quando o professor Alexandre soltou os cabelos e contou para as crianças a história dos *dreads*.



Figura 18. “Me mostra seu cabelo tio Alê”. Fonte: Acervo da autora.

Como mostra a **Figura 18**, ele nos contou a história dos seus cabelos e como foram feitos esses *dreads*, dentre tantas outras informações importantes dentro do processo educativo das crianças. Assim, temas como a vinda dos negros escravizados para o Brasil, quilombos, resistência, a formação da identidade negra, a cultura e pertencimento se abriram para a reflexão a partir do encontro com o Alexandre Nascimento. Essa situação demonstra que, a partir da mediação, o espaço pedagógico pode ser também um:

²³ Os *dreads*, *nattydreads* ou *jata* (no hinduísmo), dentre outras denominações, são cabelos enrolados em forma cilíndrica com seus mais variados estilos, construindo, dentro de um universo estético, parte de uma identidade ligada a um discurso de resistência e de contracultura. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-1125-1.pdf>. Acesso em jul.2022.

[...] espaço pedagógico de vivências de estímulos aos sentidos que nos toque o coração o corpo e alma, de reencontro do natural em religação e comunhão a um sentido maior par além da matéria e do individual; dinâmica de grupo em que experienciamos ousar para o novo, a amorosidade de vivências do sentimento de pertencimento ao natural e a um movimento coletivo conjunto, sentido a sinergia da força coletiva e de viver mais integrado; grupos de discussão de estímulo à reflexão crítica e a problematização do que está dado; exercícios de desconstrução de sentidos e reconstrução conceitual, em que o ferramental das representações sociais pode ser um bom instrumento de trabalho (Guimarães, 2021, p. 86).

Dentro dessa perspectiva, o professor Alexandre Nascimento pôde trazer para o espaço a possibilidade de rompimento, uma vez que, com a estrutura social racista na qual vivemos, essas questões muitas vezes não são tratadas com as crianças. E, como já escrito anteriormente, o professor era um dos poucos negros retintos com quem as crianças tinham e têm contato no ambiente escolar, endossando ainda mais essa realidade cruel.

Foi a partir do diálogo amoroso que muitos desses/as alunos e alunas se reconheceram como sendo também negros, entenderam um pouco da sua ancestralidade e se orgulharam dela. Essa foi uma das inúmeras conversas que se teceram ao longo desse processo de construção do espaço da horta. Eu e Alexandre, como mediadores, conseguimos trazer para as crianças essa nova maneira de se entender e se enxergar, uma vez que muitas nunca tinham ouvido aquelas histórias. Muitas vezes os conteúdos escolares não estão atrelados a realidade social dos alunos e alunas. Dessa forma, temas como raça, crenças religiosas diversas etc., são tratados de maneira superficial, sem muito sentido. Por isso, entendemos que “em um processo pedagógico de convivência relacional, em que a aprendizagem se dá de forma significativa, é que construímos um ambiente educativo propício para uma percepção consciente de intervenção na realidade” (Guimarães, 2021, p. 87).

Sendo a escola uma instituição propícia para a formação de identidades, sejam ela raciais ou ecológicas, dentre tantas outras, seguimos na esperança de que a partir desse espaço de trocas, consigamos nos transformar coletivamente em “sujeitos mais ecológicos” (Carvalho, 2013, p. 116) e, sobretudo, mais humanos. Quando pensamos em uma identidade ecológica, temos que pensar no contato dos discentes com a natureza. No nosso colégio, temos o privilégio de termos esse local no qual as crianças podem colocar as mãos na terra e, a seguir, refletiremos sobre essa importância.

1.3 APROFUNDAMENTO DAS BASES TEÓRICAS

Criança e Natureza: a importância do desemparedamento na infância

Muito se reflete sobre o afastamento das crianças dos espaços verdes, nos quais elas podem ter um contato maior com a natureza. Esse afastamento pode trazer consequências prejudiciais para o processo de ensino-aprendizagem delas. De acordo com Louv 2016, " As crianças precisam da natureza para um desenvolvimento saudável de seus sentidos e, portanto, para o aprendizado e a criatividade" (p.78).

No entanto, mesmo nas cidades menores, sabemos que nem sempre os espaços escolares contemplam áreas verdes para que seus alunos e suas alunas possam frequentar. E quando possuem, as escolas ainda priorizam o ensino focado em salas de aula fechadas, algumas vezes por não terem possibilidades de espaços alternativos, outras vezes pelo fato de os/as professores/as não inovarem em suas práticas por inúmeros motivos – sobre os quais não caberia uma discussão nesse momento. Fato é que, principalmente, com o advento da Pandemia de Covid 19, nossas crianças ficaram bastante tempo afastadas de parques, locais verdes e da própria escola, que, muitas vezes, seria o único espaço onde elas teriam um contato maior com os elementos naturais e com a terra. Esse afastamento, bem como dos encontros sociais que acontecem nesses locais, prejudicou a saúde psíquica das crianças (Almeida; Silva, 2021).

O isolamento causado pela Pandemia agravou o que Louv (2016) denomina *défice do transtorno de natureza*. De acordo com o autor, as crianças estão ficando menos vivas, uma vez que não estão sendo proporcionadas a elas experiências em locais abertos junto à natureza. Sabemos que, principalmente nas grandes cidades, as crianças ficam confinadas em apartamentos ou pequenas casas, absortas em seus dispositivos eletrônicos, telas de celulares e computadores, sem possibilidade de correr, tomar sol, pisar na grama ou subir em árvores. E a consequência dessa realidade nos traz uma preocupação:

O distanciamento atual entre as crianças e a natureza emerge como uma importante crise do nosso tempo. Especialmente no contexto urbano, independentemente do tamanho da cidade, o mundo natural tem deixado de ser visto como elemento essencial da infância. As consequências são significativas: obesidade, hiperatividade, déficit de atenção, desequilíbrio emocional, baixa motricidade – falta de equilíbrio, agilidade e habilidade física – e miopia são alguns dos problemas de saúde mais evidentes causados por esse contexto. Além

destas, diversas consequências menos reconhecidas também fazem parte desse cenário. (Barros, 2018, p. 16).

Não estar em contato com a natureza em áreas abertas não permite que as crianças se movimentem, o que agrava problemas de saúde causados pelo sedentarismo. Ademais, sabemos que o desenvolvimento motor e psíquico das crianças depende de atividades variadas, nas quais elas tenham possibilidade de experimentar sensações que ativem todos os sentidos.

Tais experiências também dependem do processo de “desemparedamento”, como denomina Tiriba (2010). Nele, tiramos as crianças de locais fechados e proporcionamos a elas vivenciarem a natureza para: “[...] senti-la e compreendê-la em interação com a vegetação que está ao redor, com os animais que se alimentam de seus frutos, com as nuvens que trazem chuva, com a sensação agradável gerada pela sombra em que brincamos” (p.8).

A maioria das pessoas que tiveram a oportunidade de brincar, na infância, debaixo de uma árvore, de colocar os pés em contato direto com o chão ou de pegar uma fruta no pé carregam consigo memórias afetuosas. Na escola, o processo do aprender pode ser mais lúdico e afetivo se propiciarmos às nossas crianças espaços nos quais elas possam também criar essas memórias. Sabemos que esse contato é fundamental: “O contato com a natureza é essencial no processo de ensino-aprendizagem e melhorias nas condições biopsicossocial, contribuindo para que os estudantes sejam mais felizes, criativos e saudáveis e tenham qualidade de vida (Fridrich, 2021, p.5)”.

Ao pensarmos a nossa preocupação em relação ao distanciamento das crianças com a natureza, como aponta Louv (2016), por exemplo, devemos refletir sobre os rumos que a nossa sociedade está tomando. Se nós, das gerações passadas, tínhamos uma proximidade maior com a Natureza e ainda assim a degradamos tanto, imaginemos agora as gerações que têm esse contato tão reduzido, o que farão? Essa é uma preocupação que devemos ter, porque o ser humano é parte da Natureza, mas devido ao seu distanciamento é possível que haja um esquecimento dessa realidade. Não existe separação do ser humano com o meio e é isso que devemos ensinar para nossos alunos e alunas:

Qual a separação que existe entre o ser humano e o meio ambiente, se todo momento o ser humano aspira para o seu interior o ar que circunda, ingere a água que bebe, o alimento que come, exterioriza sentimentos com outra pessoa, uma flor, um animal, uma paisagem? Uma relação intrínseca e vital com o ambiente (Guimarães, 1995, p.31).

No processo de ensino-aprendizagem, devemos aprimorar esses ensinamentos porque deles dependem a nossa manutenção enquanto espécie. Esses são valores que devem estar presentes diariamente no ambiente escolar. No entanto, mais que falar, ou apresentar vídeos, o ideal é levar as crianças a terem experiências que as aproximem, de fato, dessa Natureza: à céu aberto, com os pés na terra, sempre que possível, e tomando sol. O sol é sem dúvida uma fonte de conexão com a Natureza. E as crianças que vivem emparedadas brincam muito pouco sob a luz do sol (Tiriba, 2010).

Devemos considerar que trazer as crianças para “fora das paredes” é algo complexo, pois sabemos da violência que existe nas grandes cidades, da falta de espaço nas casas e também nas instituições escolares. Assim, passeios em parques e praças próximas às escolas são alternativas possíveis. Ressignificar os espaços existentes, trazendo hortas verticais e plantas, por exemplo, também é algo que diminui um pouco a lacuna de contato com os espaços verdes. Ainda assim, o ideal seria caminharmos rumo a estrada que nos leva “pro mato”, desbravando novamente as terras, como faziam os indígenas, num caminho no qual tiramos os sapatos das crianças; também são retiradas as mochilas das costas delas, porque os cadernos não são necessários; esses dão lugar às mãos no barro; o celular sai de cena e o *wi-fi* é substituído por nossas *antenas internas*, nos conectando com a nossa mais verdadeira essência. Com isso, torna-se possível “Ser Mais Ambiental” (Granier, 2022, p.75).

Assim, como aponta Tiriba e Profice (2019, p. 16):

[...] não se trata, aqui, de defender uma ilusória e romântica ideia de retorno à aldeia, pois há a clareza tanto dos males e maravilhas dos modos de viver e de educar urbanos, quanto das alegrias e agruras vivenciadas por povos indígenas aldeados, em luta por suas filosofias de vida, suas condições dignas de existência, sua saúde e sua educação.

Trata-se, portanto, de aprender mais com esses povos, que apesar de todas as mudanças causadas ao longo do tempo, ainda sim, estão em conexão maior com a Natureza que nós. Dessa forma, é necessário trazer para as crianças essa cultura, mostrando para elas que existem outras formas de vida e outras maneiras de se relacionar com o meio.

Trazendo ainda novas possibilidades, vamos dialogar, na sequência, com as práticas agroecológicas, apresentando também maneiras mais harmônica de lidar com a terra.

Educação Ambiental crítica: o colégio em diálogo com as práticas de Agroecologia

Hoje, no Brasil, com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), observa-se um verdadeiro desmonte da Educação plural e emancipatória, uma vez que:

[...] oferece o acesso ao básico, definido pelos organismos internacionais promotores da conferência como necessário para formar mão de obra nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, e não ao desenvolvimento das máximas potencialidades humanas, cujos conteúdos são reservados às escolas das elites (Filipe; Silva; Costa, 2021, p. 788).

Obviamente, dentro desse cenário, a Educação Ambiental embora seja um tema importante dentro do documento, não é abordado da maneira como deveria. Assim, nessa perspectiva, observamos um esvaziamento, como aponta Marques (2019, p. 456):

[...] quando encontramos unidades de significados relacionadas a EA, verificamos o predomínio das vertentes naturalista e conservacionista. Além disso, as discussões acerca das questões socioambientais são apresentadas na BNCC na perspectiva ecológica, sem problematizar a EA enquanto um campo político que atua criticamente no equilíbrio das relações de poder (p.465).

Essa realidade demonstra o descaso com que as questões ambientais vêm sendo tratadas na atualidade. Não podemos descontextualizar ou compartimentar a Educação Ambiental de toda a situação política na qual ela está inserida. Na BNCC, de acordo com Marques (2019), ela é abordada de forma naturalista em unidades temáticas que tratam de ecologia, deixando de lado a temática social e política. O ambiente escolar é uma pequena réplica da nossa sociedade e, com isso, acontecimentos que ocorrem de forma macro podem ser vistos de forma micro. Nessa percepção, esse ambiente se torna fértil para a discussão de questões relacionadas a educação socioambiental, que devem acontecer de forma crítica. Como escreve Guimarães (2016, p. 17):

Em uma concepção crítica de Educação, acredita-se que a transformação da sociedade é causa e consequência (relação dialética) da transformação de cada indivíduo, há uma reciprocidade dos processos no qual propicia a transformação de ambos. Nesta visão, educando e educador são agentes sociais que atuam no processo de transformações sociais e nesse processo se transformam; portanto, o ensino é teoria prática, é práxis. Ensino que se abre para a comunidade com seus problemas socioambientais, sendo a intervenção nesta realidade a promoção do ambiente educativo e o conteúdo do trabalho pedagógico.

Posto isso, podemos indagar sobre situações que ocorrem nesse espaço trazendo reflexões sociais, tais como: para onde vai o nosso lixo? Existe no colégio uma coleta

seletiva? Temos árvores no espaço da nossa escola? Por que cortamos as árvores do terreno? Como lidamos com a água? Ampliando o foco, pensamos no entorno da escola: Como estão sendo cuidados os rios que perpassam o entorno da nossa escola? Quais as medidas tomadas pelo poder político para melhorar as condições ambientais desse espaço? Como e a quem devemos cobrar por essas ações? Por que nos bairros mais pobres o esgoto está a “céu aberto” e isso não ocorre nos bairros mais ricos? E tantos outros questionamentos que podemos inferir a partir desse ambiente escolar. Conforme Lamosa (2017, p. 114):

A educação ambiental crítica, diante do esgotamento ambiental produzido pelo modo de produzir capitalista, deve servir para o fortalecimento de uma perspectiva pedagógica transformadora, vinculando os conhecimentos escolares aos problemas cadentes vividos pelos trabalhadores em sua experiência de luta. Os conflitos sociais, inerentes às formações sociais no capitalismo, oferece repertórios de temas geradores para uma prática pedagógica que cumpra o papel de socialização do conhecimento universalmente acumulados sob uma base de problemas que mobilizem os sujeitos que formam a relação de ensino aprendizagem.

No caso específico do Colégio Dom Ottorino Zanon, essas questões podem ser vistas ainda de maneira mais explícita, uma vez que há um grande terreno, que conta com rio, matas e espaço para plantação. Dentro desse espaço, é possível observar problemas ambientais tais como: o lixo descartado de forma incorreta, esgoto de fossa poluindo o meio ambiente, lixo supostamente “verde” sendo jogado sem nenhum tratamento dentro do quintal da escola, promessas de políticos não cumpridas, dentre tantas outras questões que demonstram em escala reduzida os problemas que também estão presentes em escalas maiores.

Assim, as práticas Agroecológicas que são propostas pelo projeto *Agroflorestar*, acabam por fomentar momentos/espços nos quais podemos pensar alternativas que vão para além desse espaço do colégio. Sobretudo porque “agroecologia pode ser considerada uma integração das várias áreas do conhecimento, proporcionado a práxis educativa e contribuindo para a aproximação da escola como processo da formação humana [...]” (Soares *et al*, 2017, p. 14).

No entanto, devemos ter cuidado ao pensar as práticas de Agroecologia de maneira rasa, esvaziando toda a sua complexibilidade. A Agroecologia é sobretudo uma ciência que busca dialogar com saberes históricos dos agricultores dentro de uma perspectiva não cartesiana, mais transdisciplinar e integral. Conforme Caporal (2009, p. 39):

Agroecologia, mais do que simplesmente tratar sobre o manejo ecologicamente responsável dos recursos naturais, constitui-se em um campo do conhecimento científico que, partindo de um enfoque holístico e de uma abordagem sistêmica, pretende contribuir para que as sociedades possam redirecionar o curso alterado da coevolução social e ecológica, nas suas mais diferentes inter-relações e mútua influência.

Considerando essas especificidades, a Agroecologia é uma proposta mais próxima do que se pensa sobre uma sociedade mais sustentável. Os princípios pedagógicos que estabelecem conexão com o conhecimento agroecológico são: interdisciplinaridade; valorização do trabalho pedagógico coletivo e partilhado; sólida formação teórica do educador articulado a sua prática consequente; pesquisa como princípio educativo de conhecimento e de intervenção na realidade (Soares *et al*, 2017). Tais valores convergem diretamente com os *Cinco Princípios Formativos dos educadores ambientais* (Granier, 2022), sobretudo, a “Reflexão Crítica”, que contribui para que as certezas que temos sejam constantemente analisadas e problematizadas sob uma ótica diferenciada da lógica dominante (Granier, 2022).

Essa realidade problematizada dentro do ambiente das escolas, especialmente as periféricas, são aspectos que trazem a possibilidade de uma “Reflexão Crítica”, podendo levar a uma ação coletiva e caminhando para uma “Intencionalidade Transformadora” (Granier, 2022). Essa oportunidade de levarmos para o ambiente escolar tais questões nos permite pensar em uma educação politizada, porque o que vemos hoje²⁴ é uma parcela grande da população sem senso crítico para saber qual é o seu papel diante da realidade. Trata-se, portanto, da construção de uma educação mais freiriana, na qual os nossos alunos e nossas alunas se vejam como parte responsáveis em suas ações e escolhas.

Para chegarmos a essa forma de interação social consciente devemos proporcionar momentos de pausar para pensarmos juntas/os a partir de uma “Postura Conectiva” (Granier, 2022, p.87), na qual *parar para pensar* ultrapassa o nosso excesso de informação e nos propicia uma formação, formação essa no sentido de trazer esses saberes compartilhados a partir de trocas reflexivas para dentro do nosso entendimento como seres humanos que somos. Dessa forma, prevalece a ideia de que somos apenas mais **uma** espécie dentro desse planeta, não a **única**. Por isso, é fundamental lembrarmos que conosco habitam diversas espécies e que não somos melhores, mas sim parte delas.

²⁴ Hoje, dia 03 de outubro de 2022, temos como realidade uma situação na qual participamos da escolha diversos cargos públicos de gestão e criação de leis, como o presidente, governador, deputados e senadores. E a realidade é uma massiva quantidade de eleitos com agendas neoliberais que não contemplam as necessidades dos mais pobres, muito menos a urgência das questões socioambientais.

O universo escolar pode ser esse espaço de conectividade, mas, para isso, precisamos abrir momentos de reflexão com os nossas/os educadoras e educadores, pois elas e eles são agentes de formação. Temos que proporcionar a formação de Educadores/as Ambientais para esses/as professores/as, ou seja, trazer a ideia de que a Natureza não está para o ser humano como um objeto como muitas vezes a enxergamos:

[...] É comum a Natureza ser reduzida a mais um objeto supostamente disponível para o uso humano, que pode ser usurpada e manipulada segundo sua vontade. Desconectado de sua essência de Ser Natural, os humanos modernos não se sentem integrados a Natureza e, portanto, não vivem a experiência significativa desse vínculo vital. O excesso de distrações materiais, que devora seu tempo e atenção, faz deles seres alienados da essência primária, comprometendo sua capacidade de observação, escuta ativa e sensível do ser vivo Terra, de maneira que possam captar seus sinais, sua expressão e atuar em função do equilíbrio desse macro ecossistema ao qual pertencem. (Granier, 2022, p.77).

Pensando por dentro dessa ótica, temos uma Educação Ambiental de forma crítica, visando a “problematização da realidade, de nossos valores, atitudes e comportamentos em práticas dialógicas” (Loureiro, 2007), ou seja, pensar a escola não desconexa da sociedade, mas juntamente com e para ela. Não temos mais tempo de tratarmos, dentro da escola, as questões ambientais como “um dia a ser comemorado”. As questões relativas à Educação Ambiental devem pertencer ao currículo escolar em todas as suas disciplinas de forma diária.

Práticas mais sustentáveis são necessárias em todas as instâncias possíveis da sociedade, inclusive no ambiente escolar. Dessa maneira, agroecologia é uma alternativa viável porque:

A Agroecologia é terra, instrumento e alma da produção, onde se plantam novas sementes do saber e do conhecimento, onde enraíza o saber no ser e na terra; é o caldeirão onde se amalgamam saberes e conhecimentos, ciências, tecnologias e práticas, artes e ofícios no forjamento de um novo paradigma produtivo (Leff, 2002, p.37).

Diante do cenário de extrema degradação ambiental no qual vivemos, vamos ter que aprender a olhar para trás. Nós precisamos voltar para a nossa ancestralidade, dialogar com ela, acender novamente as fogueiras, cantar para a Chuva e para o Sol, trazer os galhos de benzer, sentir o rio nos pés, escutar os pássaros a cantar e nos dizer como viver! Precisamos abrir os horizontes olhando para o passado, uma vez que no presente estamos sendo extremamente rudes com a nossa *Mãe Terra*. Precisamos olhar para um tempo no qual as pessoas viviam em maior consonância com a Natureza, uma vez que vivemos um paradoxo, pois “basta observar que hoje, se faz educação ambiental (EA) muito mais que

no passado, no entanto a sociedade degrada muito mais a natureza (Guimarães, 2021, p.133). Desse modo, aprender com os nossos passados se torna uma necessidade.

E quando pensamos na ideia de passado não quer dizer que hoje não tenhamos maneiras inteligentes de viver de forma mais sustentável com o Planeta, ou que hoje não existam povos que se relacionam com a Natureza de forma próxima, como por exemplo como aldeias indígenas, quilombos, pessoas que vivem em ecovilas, dentre outros. Um exemplo interessante é o dos povos andinos. Na própria Constituição do Equador, “Pacha Mama” é tratada como a “Mãe Terra” e tem seus direitos reconhecidos:

Reconhecer os direitos da natureza, compreendê-la como sujeito de direitos, na proposta da Constituição do Equador implica uma mudança de paradigma, não só para o pensamento constitucionalista, mas para todas as áreas da ciência do direito e outras ciências, desenvolvidas em bases antropocêntricas (Ferreira, 2013, p. 406).

Esse reconhecimento, como observamos na Constituição do Equador, é algo que deveria ser exemplo para outros países. No entanto, estamos longe de transformar esses direitos em direitos mundiais. No geral, não se tem o Planeta como sendo um “ser” digno de ter seus direitos respeitados. Porém, há indícios fortes de que essa concepção seja o caminho não somente para a preservação da Terra como dos seres que nela vivem:

Gaia, “planeta vivo”, deve ser reconhecida como um “ser”, e não assimilada a uma soma de processos, no mesmo sentido em que reconhecemos que um rato, por exemplo, é um ser: ela é dotada não apenas de uma história, mas também de um regime de atividades próprio, oriundo das múltiplas e emaranhadas maneiras pelas quais os processos que a constituem são articulados uns aos outros, a variação de um tendo múltiplas repercussões que afetam os outros (Stengers, 2015, p. 50).

Todas essas articulações, teias e emaranhados que existem para que o Planeta permaneça saudável para a nossa continuidade e continuidade de todas as espécies, depende da nossa visão sensível, empática, simbiótica e atenta em diálogo com povos ancestrais. Tendo o Planeta como um legado que deve ser respeitado e cuidado para nós e para as gerações vindouras.

Como vimos, as práticas agroecológicas dialogam diretamente com os Cinco Princípios Formativos de Educadores Ambientais. Nas páginas que seguem aprofundaremos a reflexão sobre cada um deles.

Os Cinco Princípios Formativos de Educadores Ambientais na proposta da “ComVivência Pedagógica”

A minha prática como Orientadora Pedagógica dentro do Colégio Dom Ottorino Zanon me permitiu estar muito próxima da prática do projeto *Agroflorestar*, que se inseriu dentro do colégio. Isso porque o papel do Orientador Pedagógico (OP), também denominado Coordenador Pedagógico, envolve, dentre outras atividades, a de formação continuada dos professores e o acompanhamento dos projetos pedagógicos que ocorrem no espaço escolar (Lima; Santos, 2000). Dessa forma, minha função de OP junto às docentes com as quais eu atuo e os membros do *Instituto Toré*, se mesclou à minha formação como Educadora Ambiental. Essas práticas que ocorrem de maneira concomitante ao projeto *Agroflorestar* dialogam entre si, enriquecem as nossas trocas e a nossa *práxis* pedagógica, uma vez que formo Educadores e Educadoras Ambientais dentro desse espaço e, ao mesmo tempo, me formo Educadora Ambiental. Esse processo se dá em consonância com o que afirma Paulo Freire (2011, p. 25) “[...] Quem forma se re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”.

Todos e todas que compõem esse ambiente educativo, em junção com o espaço físico, criam o ambiente educativo da “*comvivência pedagógica*” (Guimarães; Granier, 2017, p. 122):

A “*ComVivência Pedagógica*” é uma estratégia metodológica, adotada no presente processo formativo, pela qual o ambiente educativo se constrói na convivência entre educadores ambientais em formação, em uma *práxis* pedagógica. Propõe-se, pela vivência da dialogicidade, o reconhecimento do outro, a partir de referenciais integrativos de novas relações. A experiência proporciona o aprendizado vivencial de forma coletiva, pela experiência entre os participantes, na interação com o contexto proposto por essa intencionalidade educativa de formação.

Nesse encontro de troca de saberes, a partir dessa vivência dialógica, nós nos formamos. No entanto, a riqueza desse processo vai depender das pessoas que fazem parte dele. Precisamos de um grupo heterogêneo, com experiências variadas que possibilitem um compartilhamento de aprendizagens. É essencial que se traga para esse ambiente educativo possibilidades de reflexão sobre uma Educação Ambiental Crítica, vinculada aos processos ecológicos e aos processos sociais na nossa forma de ler o mundo, bem como nas maneiras de intervir na realidade e de existir na natureza (Loureiro, 2007).

Assim, “este ambiente educativo pode ser pensado a partir de diferentes possibilidades, contanto que ele seja formativo” (Guimarães; Granier, 2017, p. 1594). O ideal é que nesse ambiente seja propiciadas experiências radicais, com o objetivo de trazer

aos participantes um choque de realidade frente às questões ambientais que estão cada dia mais graves (Granier *et al*, 2021). Para dinamizarmos esse processo, podemos ter como base os *Cinco Princípios Formativos de educadores ambientais*, a saber: “Reflexão Crítica”; “Posturas Conectivas”; “Indignação Ética”; “Desestabilização Criativa”; “Intencionalidade Transformadora” (Garnier, 2022). Alguns deles já foram comentados anteriormente, mas agora serão apresentados com mais profundidade.

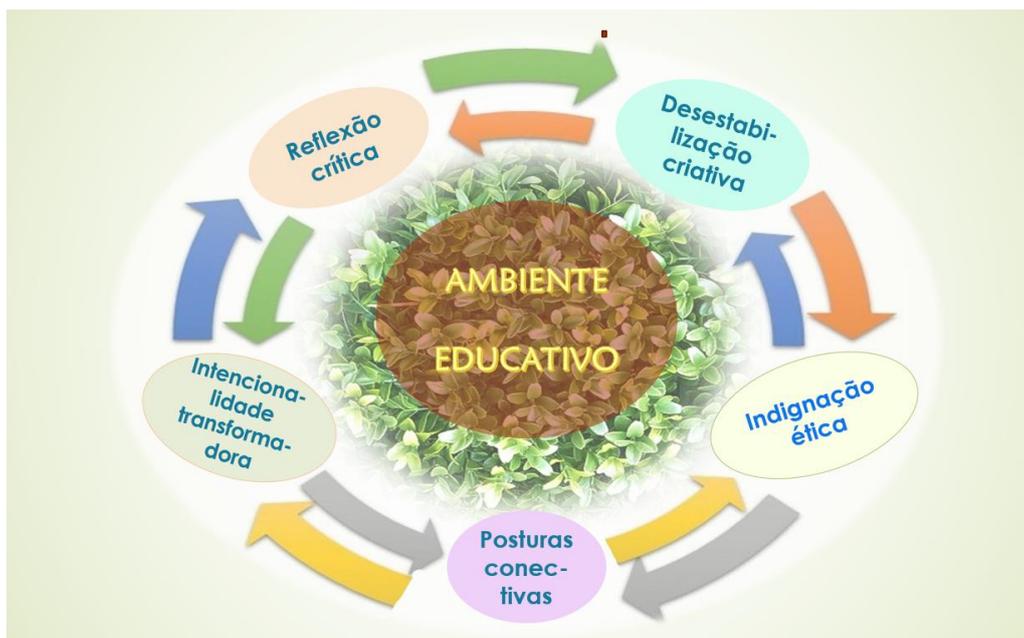


Figura 19. Os cinco Princípios Formativos. Fonte: Granier, 2022, p. 85.

Como observamos na **Figura 19**, os Princípios estão pairando sobre o ambiente educativo de maneira não hierárquica, e todos eles estão inter-relacionados. “A intercessão entre eles se realiza e realiza o ambiente educativo, onde acontece a possibilidade de vivenciá-los e onde a *ComVivência Pedagógica* se potencializa” (Granier *et al*, 2021, p. 209). E para que essa dinamização de fato ocorra, é preciso se apropriar desses Princípios de forma a trazê-los nos momentos oportunos, [...] “para desencadear no sujeito em formação um processo de desconstrução interna dos padrões estabelecidos pelos paradigmas da modernidade, com vistas a uma reconstrução de sentidos em direção ao estabelecimento de bases mais sustentáveis de atuação no mundo” (Granier, 2022, p. 85).

Para que ocorra essa apropriação dos Princípios pelos educadores, cabe então uma reflexão um pouco mais detalhada sobre eles. Começaremos então com o *Princípio da Reflexão Crítica*:

[...] uma das propostas centrais do Princípio Reflexão Crítica é de que, através de uma análise problematizadora da realidade sob pontos de vista diferenciados da lógica dominante, não aceitando a realidade como dada e pronta, o sujeito vivencie a experiência de “trocar suas lentes”, para a visualização e percepção dos fatores implicados na problemática socioambiental a partir de um olhar mais apurado sobre esta conjuntura, que possibilite uma visão complexa sobre ela (Granier, 2022, p. 88).

Não podemos pensar na formação de educadoras/es socioambientais sem considerar a problematização da sociedade na qual vivemos, que dentro da lógica capitalista excludente consome os recursos naturais de forma a degradar a Natureza e explorar os mais pobres, alijando-os das possibilidades de viver em maior igualdade de condições sociais e ambientais. Se faz necessário, como aponta a autora, “trocar as lentes” que não nos permitem enxergar essa realidade inaceitável.

É nesse processo de *Reflexão Crítica* que se torna possível despertar a nossa *Indignação Ética*, que corresponde, justamente, à junção dos conceitos “indignação” e “ética” (Granier, 2022, p. 148):

A combinação da palavra Indignação com Ética propõe que este Princípio provoque no sujeito em formação a vivência do “sentir” que algo está errado (indignar-se), tendo a perspectiva ética na base deste sentimento. Consideramos que o vivenciar do sentimento de injustiça socioambiental sob um prisma da ética, é um forte elemento mobilizador, que fortalece o desenvolvimento do sujeito ético ativo e contribui para o exercício do Ser Mais Ambiental.

O ato de indignar-se é uma característica básica do educador e, por consequência, do educador socioambiental. Assim, quando pensamos o ambiente educativo, trazer elementos que despertem nas pessoas em processo de formação essa condição de indignar-se, estaremos propiciando um campo fértil para a *ComVivência Pedagógica* (Guimarães, 2004). Esses elementos dentro de um país excludente como o nosso ficam evidentes, sobretudo, para educadoras/es que lecionam em escolas públicas. No entanto, devido a nossa alienação, não percebemos, ou naturalizamos essa realidade, por acreditarmos que mudanças não são possíveis. Daí a importância da dinamização dos Princípios por meio de práticas dialógicas que mostrem outras saídas possíveis num processo de despertar de consciência.

Dentro desse paradigma, podemos nos aprofundar em outro Princípio Formativo capaz de trazer pistas de mudanças nas nossas ações, o da *Desestabilização Criativa* (Granier, 2022, p. 157, grifo nosso):

Este Princípio parte da premissa de que os padrões de visão de mundo difundidos pela racionalidade dominante estão de tal forma enraizados (estabilizados) na sociedade moderna, que influenciam a forma como os indivíduos se constroem internamente em seu ser e estar no mundo; é a pavimentação do “caminho único”. Um processo que, ao impactar objetiva e subjetivamente a dimensão criativa do sujeito, irá interferir na orientação de suas escolhas e na percepção de suas possibilidades individuais e coletivas de contribuir para a **transformação da realidade**.

A partir do entendimento de que nossa sociedade está cada vez mais complexa, planetária e individualista (Guimarães, 2004), torna-se possível pensar em alternativas para uma transformação real. Somente com essa consciência conseguiremos reagir nos levando a uma *Desestabilização Criativa* (Granier, 2022). Com base nesse Princípio, abrem-se caminhos coletivos para sairmos dessa situação. Sabemos que não é uma situação fácil de se resolver, uma vez que a realidade na qual vivemos, tanto social quanto ambiental, vem sendo construída há séculos e está estabelecida. Desse modo, o elo mais fraco dessa corrente é o povo pobre e oprimido (Freire, 1987). No entanto, esse povo é também a maioria. Daí entende-se um dos motivos para se proporcionar nos ambientes escolares os espaços de “ComVivência Pedagógica” (Guimarães, 2017), uma vez que a escola é um dos mais importantes aparatos sociais para essa população.

Partindo dessa premissa, se o/a educador/a ambiental estiver desperto e consciente, ele pode ser agente de transformação a partir da *Intencionalidade Transformadora* (Granier, 2022, p. 173):

Este Princípio parte do pressuposto de que o educador ambiental em suas práticas e, indivisivelmente, enquanto sujeito histórico inserido nos processos coletivos de transformação do mundo, para poder intervir na construção de uma realidade mais justa socioambientalmente, é necessário que tenha condições de romper com as armadilhas impostas pelos paradigmas da modernidade. Vale reforçar que uma das características destas armadilhas é a visão de mundo baseada numa perspectiva disjuntiva, que provoca a dicotomização de unidades, como a nefasta divisão entre seres humanos e seres da Natureza.

Essa mudança parte do entendimento não egoísta da visão do ser humano diante dos seus semelhantes – não somente em relação aos humanos, mas também aos animais e às florestas. Como escreve Krenak (2020, p. 57): “talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos num abismo. Quem disse que a gente não pode cair?”. Cair nesse abismo que nos desestabiliza para uma nova e possível realidade é o que propõe a “ComVivência pedagógica”, regada pelos “Cinco

Princípios Formativos de Educadores Ambientais” (Granier, 2022). Seguindo ainda a reflexão proposta por Krenak (2020, p. 57) “Quem disse que já não caímos?”. Nessa perspectiva, já estamos no abismo quando pensamos no agravamento da crise climática, no aumento das catástrofes ambientais e na Pandemia da Covid 19, que como aponta Becker e Marcomin (2021), demonstrou uma enorme gravidade, nos mostrando o quanto esse abismo pode ser trágico.

Para se chegar a esse momento coletivo de lucidez, é preciso fazer uma pausa: é necessário entrar em contato com o nosso interior e com a nossa ancestralidade, tudo isso em relação direta com a Natureza. E uma das possibilidades de fazermos esse caminho é a partir do *Princípio das Posturas Conectivas* (Granier, 2022, p. 118):

[...] O que o Princípio Posturas Conectivas propõe em suas provocações é que um movimento inverso à estas perspectivas seja acionado, de maneira que possa desencadear nos educadores em formação uma regeneração da natural conectividade que os liga ao todo. No sentido literal, uma regeneração essencial. O Princípio provoca um deslocamento do foco, da atenção centrada no ego, para a experiência conectiva das relações, para uma interação em equilíbrio com os outros, indivíduos viventes e Natureza como um todo.

Devido a essa desconexão com a Natureza, a humanidade se comporta como sendo superior a ela, e, talvez por isso, nos encontramos nesse caminho bárbaro de destruição. Assim, esse reconectar é uma possibilidade de reaprendermos com os povos originários como viver em maior harmonia com todos os seres que habitam esse planeta além de nós.

Em meu trabalho como orientadora pedagógica, atuo também como dinamizadora desses Princípios. No entanto, estou contribuindo dentro desse processo de formação coletivo e não me encontro em uma posição diferente dos meus colegas, uma vez eles também me trazem muitos outros saberes. Observo os Princípios ocorrendo nas nossas práticas atuais e, à medida que me inteiro do passado, os percebo também em fatos que aconteceram anteriormente dentro do colégio. Nesse ambiente de aprendizagem e trocas de saberes coletivos, estamos em processo de práxis de todo esse conhecimento compartilhado:

[...] na convivência entre educadores ambientais em formação, em uma práxis pedagógica. Propõe-se, pela vivência da dialogicidade, o reconhecimento do outro, a partir de referenciais integrativos de novas relações. A experiência proporciona o aprendizado vivencial de forma coletiva, pela experiência entre os participantes, na interação com o contexto proposto por essa intencionalidade educativa de formação (Guimarães; Granier, 2017, p. 159).

Sabemos que há chance de, dentro do ambiente escolar, entrarmos em um processo de *Armadilha Paradigmática* (Guimarães, 2004). Ou seja, por mais bem intencionados que sejamos, acabamos por realizar ações desconexas da criticidade. Isto posto, trazer os Cinco Princípios Formativos de Educadores Ambientais (Granier, 2022) como sendo base das nossas ações, se faz pertinente, uma vez que eles poderão provocar em nós uma desconstrução do que temos como práticas de Educação Ambiental. Em diversos momentos, por exemplo, agimos com ações pontuais em determinadas datas específicas, nos tirando a responsabilidade de pensarmos seriamente a realidade da situação ambiental na qual vivemos, que é de fato gravíssima. Tal exemplo revela como as práticas muitas vezes estão desconexas da realidade social, política, ética e sobretudo crítica, como já dito.

Cabe ressaltar, novamente, que os Princípios aqui apresentados não são hierárquicos e não possuem uma ordem para serem dinamizados. Eles pairam sobre o ambiente educativo em momentos variados. Assim, podemos usá-los como ferramenta dinamizadora para fomentar as reflexões necessárias aos Educadores e Educadoras ambientais em formação. E ao internalizar esses Princípios, eu, como pesquisadora, consigo vê-los não somente nas ações atuais do colégio no projeto *Agroflorestar*, como também em projetos anteriores. A partir dessa visão teórica dos Cinco Princípios vamos começar nossa análise prática deles, vendo como eles aparecem no cotidiano, ou seja, no “chão” da escola.

PARTE 2 – DO TRONCO AOS FRUTOS

2.1 ANALISANDO OS PRINCÍPIOS A PARTIR DE SITUAÇÕES QUE OCORRERAM NO COLÉGIO

Indignação Ética: a escola não é um lixão!

Em 2021, ano de volta à escola depois da Pandemia de Covid 19, nos deparamos no colégio com uma situação de extremo desrespeito. Na parte dos fundos da instituição, uma boa parte do terreno estava sendo usada para o descarte de “lixo verde”. A localidade do Jardim Martineli, na qual o colégio está situado, tem muitas casas com árvores e jardins, e cabe à Prefeitura de Itatiaia recolher esse material e destinar para um local adequado. No entanto, na falta de um local melhor, eles decidiram encaminhar o lixo para o terreno do colégio, alegando ser apenas poda de árvores e resto de grama. Mas, a quantidade de moscas e ratos havia aumentado significativamente nas instalações da instituição. Na época, o diretor Sidney havia percebido que o lixo que estava sendo destinado não era apenas lixo verde, mas sim restos de obra, misturado com lixo comum.

Ao constatar essa situação, funcionárias/os e professoras/es do colégio ficaram muito indignadas/os. *Como seria possível uma instituição escolar servir de depósito de lixo?* Esse foi o nosso questionamento. E começamos então um processo de *Reflexão Crítica* (Granier, 2022). A partir desse momento, começamos a refletir como uma escola que já havia sido referência no ensino de Técnico Agrícola, que teve uma plantação de hortaliças que excedia o consumo escolar, que já havia abrigado uma horta de medicinais, poderia estar agora sendo um depósito de lixo?

Todas essas nossas indignações e reflexões transformaram aquela situação em espaço fértil para o pensamento crítico sobre a própria escola, bem como sobre o nosso papel como educadoras/es. Eu, ainda me apropriando dos Cinco Princípios Formativos de Educadores Ambientais (Granier, 2022), pude enxergar nitidamente a importância dessa criticidade para a nossa tomada de ação. Ação essa que seria política, além de crítica, observando que “[...] o enfoque crítico a que nos referenciamos orienta-se por uma abordagem que evidencia o caráter político do ato educativo que, assim como a dimensão coletiva, se apresentam como indissociáveis das questões concernentes à realidade socioambiental” (Granier, 2022, p. 91).

Diante dessa realidade, nós, como educadores e educadoras, tivemos que nos unir para definirmos ações que pudessem resguardar o espaço que estava sendo ocupado por um amontado de lixo. Essa tomada de decisão aconteceu depois que entendemos o que

estava ocorrendo à nossa volta. E cabe uma reflexão aqui: por que nós tomamos verdadeira consciência do que estava acontecendo somente quando o cheiro começou a incomodar? Por que nem todas/os foram averiguar antes, quando observávamos a chegada de caminhões entrando no terreno do colégio? Tal fato demonstra como lidamos com o meio ambiente: não nos importamos até que se iniciem catástrofes ambientais, ou mesmo uma pandemia. Por isso, o processo de “Reflexão Crítica” se faz tão importante, como aponta Granier (2022, p. 90):

Cabe dizer que o enfoque problematizador que inspira e subsidia este Princípio está essencialmente sintonizado com as propostas da vertente crítica da EA, cujos processos se voltam justamente para ações educativas engajadas em desvelar e desconstruir as perspectivas paradigmáticas da sociedade moderna implicadas na crise socioambiental, de maneira que possibilitem o rompimento com a alienação conservadora que mantém a sociedade cega e surda a estes fatores, na intencionalidade de gerar um movimento transformador desta realidade.

Nesse cenário, tivemos que observar a realidade já em destruição para a nossa tomada de decisão, como é possível notar nas fotos a seguir:



Figura 20. Lixo no chão da escola. Fonte: acervo do colégio.



Figura 21. Lixo no chão da escola. Fonte: acervo do colégio.

Quando as fotos do espaço foram divulgadas para os membros da escola, aconteceu uma grande indignação por parte de todas/todos as/os professoras/es e funcionárias/os, especialmente as/os mais antigas/os, que viram esse local tão diferente no passado. Como o acesso a esse espaço não era tão frequente, por ele estar distante do prédio do colégio, o susto foi ainda maior.

Nesse momento, eu pude presenciar o potencial da *Indignação Ética* (Granier, 2022) em falas como: “nós não podemos deixar isso acontecer com a nossa escola!”; “É um absurdo isso estar acontecendo com o aval da Prefeitura!”; “Temos que fazer alguma coisa!”. A partir dessas colocações, observamos que a tomada de consciência coletiva ganhou força, tendo em vista o entendimento de que o espaço pertence a todas as pessoas, é um bem público e que, por isso, temos que cuidar dele. Tais observações estavam em consonância com o que afirma Granier (2002, p. 156): “O decurso que leva à Indignação Ética, ao passar pela Reflexão Crítica sobre os elementos implicados na conjuntura de

crise atual, gera um movimento de rompimento com a acomodação e alienação, pois tira o sujeito de sua ‘zona de conforto’”.

Dessa forma, nós fomos arrancados da nossa “zona de conforto” pelo cheiro fétido do lixo, das moscas e dos ratos que atravessavam o quintal e chegavam às edificações do colégio. Precisou isso para nos movimentarmos com a intenção de transformar o cenário. Novamente, ousou fazer um paralelo da escola com a sociedade na qual vivemos. Como a sociedade se comporta diante das situações mais absurdas que nos chegam todo dia pelos meios de comunicação? Nos acomodamos nessa situação enquanto estamos dentro de nossas casas confortáveis. No entanto, vemos que a situação trazida pelas mudanças climáticas está começando a incomodar, assim como os ratos e moscas que adentraram as nossas salas.

Destarte, a partir da tomada de consciência, os professores indignados começaram a denunciar em suas redes sociais esses acontecimentos. O diretor pediu que fizéssemos um relatório, com todos os detalhes possíveis, para ser enviado à Secretaria de Educação e do Meio Ambiente da Prefeitura de Itatiaia. Para além disso, o diretor colocou um cadeado no portão por onde o lixo entrava, impedindo que ele continuasse a ser despejado. Essa foi uma atitude corajosa, uma vez que esses caminhões chegavam vindos com a autorização de uma instância superior. No entanto, a revolta e a tristeza de ver o ambiente sendo degradado daquela maneira fez com que ele tivesse a força para colocar em prática o que era necessário. Conforme Paulo Freire (2011) “ensinar exige comprometimento” (p. 94) e “Ensinar exige compreender que a Educação é uma forma de intervir no mundo” (p. 96). Essas reflexões eram vistas na prática com as decisões tomadas pela direção. Uma vez que nós tínhamos que pensar em formas de mudar aquela realidade, todas e todos deviam estar comprometidos com a ação que reverberaria em uma real mudança, não apenas em falas vazias; precisávamos de atividades coletivas para a situação tomar um novo rumo.

Diante de tudo que estava acontecendo, não podíamos falar de Educação Ambiental no colégio sem termos o senso crítico de pensar que aquela realidade que ali ocorria era de extremo desrespeito. Todos decidiram que o colégio não seria destruído e que, se os caminhões insistissem depositar lixo na nossa escola, iríamos fazer um abraço coletivo, manifestações e outras ações para impedir que aquela situação permanecesse.

Assim, fizemos um relatório com o objetivo de denunciar às instâncias legais o que estava ocorrendo. Isso porque, além das condições insalubres nas quais o colégio

estava, o rio que passa pelo terreno da escola estava sob sério risco de contaminação, uma vez que o lixo se encontrava muito próximo ao local.

No decorrer desses eventos, foi possível observar também os princípios da *Desestabilização Criativa* e da *Intencionalidade Transformadora*, que nos obrigaram a pensar algo com o intento de mudar aquela realidade degradante que estávamos vivendo. Dessa maneira, fomos construir mais evidências sobre o risco que aquele lixo causava. Para tanto, a nossa vice-diretora, na ocasião, conseguiu que o fotógrafo Cristiano Braga, que integra a equipe da Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Itatiaia, viesse tirar fotos com a ajuda de um drone, para que conseguíssemos construir esse relatório da maneira mais contundente. Como fica perceptível nas figuras que seguem, a proximidade do lixão com o rio era inegável.



Figura 22. Terreno da escola no qual se jogava lixo e proximidade com o rio. Fonte: relatório oficial da escola (Cristiano Braga Pacheco).

Na imagem, vemos que o aterro está a uma distância de 90 m (noventa metros) do rio. Além do perigo de contaminação das águas, o aterro poderia desequilibrar toda a fauna e flora daquele local e prejudicaria a mata ciliar que deve ser protegida para a manutenção do rio.



Figura 23. Proximidade do lixo do rio. Fonte: acervo do documento oficial do colégio (Cristiano Braga Pacheco).

O relatório foi entregue aos órgãos responsáveis da Prefeitura de Itatiaia e, a partir daí, eles destinaram esse lixo para um outro local para. No final de novembro de 2021, o descarte desses resíduos não entrou mais para o quintal do colégio. No entanto, não sabemos, ainda hoje, qual foi o local de destino desse material. E nesse momento fica a reflexão: será que foi para o local adequando? Será que foi destinado de maneira correta? O lixo é de responsabilidade apenas da Prefeitura? Quem produziu esse lixo? Qual é o nosso papel diante do grande volume de lixo que produzimos diariamente? Até quando o planeta vai suportar ser o nosso “lixão”? Desse modo, a solução mais imediata do problema do descarte do lixo no quintal do colégio não interrompeu a nossa reflexão, pois quando começamos a pensar criticamente esse é um movimento sem volta.



Figura 24. Vista do espaço do lixão. Fonte: documento oficial do colégio (Cristiano Braga Pacheco).

No início de 2022 tivemos ainda, na escola, a visita de algumas pessoas relacionadas à Secretaria de Meio Ambiente, sondando sobre a possibilidade de destinar novamente o “lixo verde” naquele espaço, mas agora com um possível tratamento. Todas e todos, inclusive os novos diretores, foram totalmente contra essa possibilidade, porque infelizmente não acreditamos que teriam esse cuidado. Ademais, aquele lugar contava com uma vegetação e, se observarmos a **Figura 24**, há um buraco na área verde, demonstrando todo o estrago produzido. O solo, que antes tinha árvores, se tornou árido e impróprio para o plantio, uma vez que estava cheio de restos de material de construção e outros resíduos em uma camada muito espessa.

Enfim, reitero que esse era só o começo de um processo de mudanças que nunca se esgota. No momento desses acontecimentos, eu ainda não havia apresentado para a comunidade escolar os Cinco Princípios Formativos de Educadores Ambientais (Granier, 2022). No entanto, eles já estavam internalizados em certa medida dentro de mim e pude perceber eles sendo vivenciados. Como Educadora Socioambiental em formação, abordar esses Princípios em diversas situações passou a ser minha meta, a começar instigando meus pares sobre o quanto era absurdo aceitarmos aquela situação que estava acontecendo no colégio. Daí a importância de trazer esses Princípios como ferramentas, como instrumentos, como possibilidades para pensarmos uma Educação Ambiental Crítica.

Foi em meio a toda essa discussão sobre como poderíamos transformar o colégio em um local de preservação, ainda sobre os impactos da luta para retomá-lo integralmente, que ocorreu a chegada do *Instituto Toré*, com Gabriel Garros nos propondo uma parceira de trabalho. Ficamos abismados com a “coincidência”, se é que elas existem, ou com a providência da nossa “Mãe Terra” para darmos novos destinos à instituição.

Assim, no dia 9 de fevereiro de 2022 tivemos o primeiro encontro com o Instituto Toré para apresentação da proposta do Projeto *Agroflorestar*. A partir dessa conversa, estabelecemos possibilidades de ação, surgindo um campo ainda mais fértil para semear os Cinco Princípios Formativos (Granier, 2022).

Apresentação dos Princípios para os participantes da pesquisa: o galinho de mirra e suas possibilidades para uma Postura Conectiva

No dia 24 de abril de 2022, fizemos uma reunião para a apresentar os Cinco Princípios Formativos de Educadores Ambientais (Granier, 2022). O encontro aconteceu na sala de vídeo do colégio, onde pude compartilhar imagens que elucidavam o tema.



Figura 25. Cassia Viana organizando a apresentação. Fonte: acervo da autora.

Como seriam utilizados *slides* para a apresentação, tínhamos que nos reunir em uma sala – ainda que o ideal fosse um espaço aberto. Guimarães (2021) relata sobre a importância da radicalidade do ambiente educativo para que a formação seja ainda mais significativa para os participantes. Todavia, esse ambiente se forma por uma junção entre o local e as pessoas. E nesse encontro, essa realidade ficou muito explícita, porque, apesar de estarmos em uma sala fechada, as pessoas ali presentes para trocar saberes eram abertas, estavam atentas e tinham muitas bagagens para que a troca ocorresse de maneira rica.

Uma das participantes, a orientadora Graça Melo, encontrou no caminho para a reunião um pé da erva conhecida como “falsa mirra”. Ela trouxe um galinho e me presenteou, em um gesto de pura amorosidade e gentileza. Quando esse galinho me foi entregue eu logo levei ao nariz para sentir o perfume. Naquele momento algo aconteceu: eu me conectei com várias situações por mim vivenciadas. Me conectei com a Dona Natividade, benzedeira lá da rua onde morei na infância, na qual minha mãe me levava para benzer “vento virado”, “quebranto” e outros males; me conectei com o Domingo de Ramos e sua procissão, onde as pessoas levavam ervas que perfumavam o caminho. E ali tive em mim o *Princípio das Posturas Conectivas* (Granier,2022) ativado de maneira completamente natural. A partir de um galinho de mirra, me veio à cabeça todas aquelas lembranças tão importantes para minha formação hoje como Educadora Socioambiental,

uma vez que essa conexão com a natureza tem o poder de nos tocar afetivamente de diversas maneiras e nos unir. Nesse sentido as posturas conectivas são

um antídoto com potencial de agir sobre algumas das “anomalias” que vêm se desenvolvendo entre indivíduos da sociedade moderna, decorrentes da consolidação dos paradigmas reducionista e disjuntivo das concepções de mundo dominantes, que repercute em humanos alienados de si, entre si e da Natureza (Granier, 2002, p. 116).

Essa lógica disjuntiva da sociedade nos afasta uns dos outros, nos segrega e nos faz entender que somos apenas consumidores em potencial. Desse modo, não nos entendemos como Natureza, como simbiose ou como humanos. E quais os caminhos para outras maneiras de se entender dentro de um todo complexo? Quais os caminhos para adiarmos o fim do mundo, como reflete Krenak (2020)? Não temos uma única resposta, mas como certeza ela passa pela conectividade.

Depois desse turbilhão de lembranças, resolvi compartilhar o presente com os participantes. Pedi a todas e todos que se silenciassem, respirassem e que fossem passando o galho de mirra, pensando quais eram as lembranças que vinham a partir daquele aroma. Conforme o galhinho era passado de mão e mão, as pessoas foram sentindo, se conectando internamente e compartilhando as lembranças. Nesse momento, vimos o quanto nos parecemos e que as lembranças de afeto eram muito semelhantes.



Figura 26. Professora Val e o galhinho de mirra. Fonte: acervo da autora.

Dessa forma, apesar de estarmos dentro de um espaço físico fechado, aquele raminho de mirra pôde conectar as pessoas com uma outra dimensão, trazendo a elas uma realidade diferente dentro do ambiente educativo. De repente, elas não estavam mais ali naquele espaço; elas tinham se conectado com um outro tempo. Pedi, então, que compartilhássemos uns com os outros os lugares para onde aquele cheiro nos tinha levado e obtive muitas respostas: a casa da vó, a procissão de Ramos da igreja, a cura trazida por um chá, o terreiro das rezas e o terreiro de casa. Um simples galinho conseguiu produzir um efeito de conexão muito forte com a Natureza.

Assim, o *Princípio da Postura Conectiva* (Granier, 2022) foi observado e sentido de maneira muito afetuosa naquele momento. Algo que não foi planejado, mas que trouxe aos participantes a parte prática da explicação do Princípio. Para mim, como educadora, essa experiência abriu uma possibilidade simples e marcante para as minhas práticas de formação, podendo ser também alternativa para outras/os educadoras/es e que pretendem semear esses ensinamentos e uma possibilidade de partilha.

Ainda nesse clima de conexão, Alexandre se sentiu à vontade para contar suas experiências de trabalho e nos mostrar exemplo de hortas circulares como a que ele pretendia construir no colégio.



Figura 27. Alexandre Nascimento compartilhando seus saberes. Fonte: acervo da autora.

E, nesse momento, observamos como o movimento da troca de saberes acontece quando criamos ambientes educativos possíveis. Mais uma vez, reiteramos a importância de proporcionarmos um ambiente de possibilidade dialógica para que as práticas de Educação Ambiental aconteçam de fato. Alexandre trouxe um pouco da experiência dele em quilombos, aldeias indígenas e, também, em países africanos. Segundo ele, foi a partir dessa troca de saberes com pessoas que viveram da terra que ele teve seus maiores ensinamentos. Nós escutamos atentos e curiosos, ainda na expectativa do que seria o projeto *Agroflorestar* na prática. Juntos estávamos gestando nossos sonhos, pensamentos e possibilidades.

Em seguida voltei a conversar com os presentes sobre os Princípios, trazendo a Indignação Ética para o nosso encontro, como contarei a seguir.

O passado e o presente do terreno e a nossa Indignação Ética

“O mundo está sendo, o mundo não é”.

Paulo Freire

Na reunião do dia 24 de abril de 2022, ainda na perspectiva da “conexão”, mostrei fotos antigas do colégio, antes da chegada do lixão. Na imagem a seguir, vemos, por exemplo, crianças subindo pelo local que passou a ser ocupado pelo lixo.



Figura 28. Crianças subindo o quintal antes da chegada do lixão. Fonte: acervo da autora.



Figura 29. Mesmo local da imagem anterior, mas agora tomado pelo lixo. Fonte: acervo da autora.

Ao trazer essa comparação, pude mostrar aos participantes da formação a ideia do *Princípio da Indignação Ética*. Todas e todos as/os presentes ficaram muito revoltadas/os com a realidade que viram: algumas pessoas mais novas no colégio, que não tinham acompanhado a nossa batalha anterior para impedir o lixo de ser jogado, diziam: “Nossa! Não acredito que o terreno se transformou nisso!”. Outros diziam: “É um absurdo uma Prefeitura permitir esse lixo no chão de um colégio!”.

Depois da exposição das fotos, com o exemplo do lixão, apresentei o significado do Princípio a partir da palavra indignação:

Os significados que encontramos para a palavra Indignação são: revolta, sentimento de oposição, de cólera, provocado por uma

circunstância injusta, indigna ou revoltante. São significados fortes e o uso da palavra Indignação aqui não implica que em nossa proposta intencionamos incentivar todos estes sentimentos no sujeito em formação, mas sim provocar um despertar mais “visceral”, no sentido de mobilizá-lo internamente para a problemática socioambiental (Granier, 2022, p. 144).

Esse despertar visceral, abordado pela autora, não deve acontecer apenas quando algo ocorre muito próximo de nós, como no exemplo que observamos em relação ao lixo depositado no colégio. Vivemos em um tempo no qual as mudanças climáticas²⁵ estão cada vez mais acentuadas, tragédias sendo retratadas com cada vez mais constância e, ainda assim, muitos não se indignam. Ter consciência da realidade que nos cerca é também atuar nela e a consciência sem ação é vazia. O incômodo deve ser causado, pois a ânsia por mudança só acontece a partir desse entendimento de que algo está errado.

Assim, o lixo, que é responsabilidade de todos nós, por exemplo, só nos causou incômodo quando estava muito próximo de nós, acarretando muitos problemas. Porém, muitas das crianças que frequentam o colégio convivem em locais insalubres e tanto elas como suas famílias não entendem a gravidade desse problema. Diante de situações como essas, uma possibilidade é nós, como Educadores e Educadoras Socioambientais, estarmos munidos do *Princípio da Indignação Ética*, a fim de despertar a consciência de que algo está errado e refletir sobre ações concretas de mudança.

No entanto, como fala o antropólogo Viveiros de Castro²⁶, estamos vivendo um momento no qual conseguimos construir a crise climática, mas não conseguimos mensurar sua dimensão. Ou seja, as consequências das nossas ações estão cada vez mais apartadas das nossas ações, o que gera uma dificuldade de compreensão da realidade que nos cerca. Assim, vivemos sem pensar nos riscos de que ela cause, de fato, uma catástrofe planetária. Assim, apesar das mudanças visíveis nas temperaturas, da pandemia de Covid e do aumento nas catástrofes, surgem argumentos como “não sou eu o culpado” ou “a culpa é dos governos e dos países que mais poluem”, dentre outros pensamentos semelhantes. Assim, vamos nos enganando e vivendo (os que sobrevivem a tudo isso) de

²⁵ Chamamos aqui de Mudanças Climáticas o aquecimento da Terra devido a ação humana que vem causando catástrofes ambientais. Mais informações em: O CONTEXTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS E AS SUAS VÍTIMAS. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mercator/a/SgzwvyFQvzynynM8ZhdRzjr/?lang=pt> Acesso em 22 jul. de 2023.

²⁶ Diálogos sobre o fim do mundo. Do Antropoceno à Idade da Terra, de Dilma Rousseff a Marina Silva, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro e a filósofa Déborah Danowski pensam o planeta e o Brasil a partir da degradação da vida causada pela mudança climática. El País, set. 2014. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283_365191.html. Acesso 12 em set. 2023

maneira “confortável”, numa realidade que Viveiros de Castro denomina de “antiutópica”.

Por isso, o despertar tem que ser também político, ético e crítico. Nós, que nos formamos Educadores Socioambientais, não podemos nunca perder de vista todas essas vertentes. Sabemos que nem todas as pessoas que fazem parte do corpo docente de uma instituição escolar têm essa consciência. Por isso, a importância do fortalecimento do diálogo, diálogo esse que deve se estender a toda a comunidade escolar, aos funcionários, e aos responsáveis pelos alunos e alunas. Nós somos, muitas vezes, a figura que pode transformar as vidas das pessoas que frequentam esse local. Por isso, devemos entender a relevância do nosso papel, uma vez que “Ensinar exige a convicção que a mudança é possível” (Freire, 2011, p.74). Não podemos, apesar do cenário, perder a esperança.

Essa convicção de mudança só ocorre de forma coletiva e estruturada. No caso do ambiente escolar, uma maneira de compartilhar essa realidade é a partir do fortalecimento dos Conselhos Escolares, para que as questões relativas à escola e ao seu entorno sejam motivo de indignação quando observarmos as injustiças muitas vezes existentes. No nosso colégio, foi somente esse movimento coletivo que conseguiu transformar a realidade incômoda.

O terreno, ainda que o lixo não fosse mais depositado, ficou comprometido devido à quantidade de entulhos que, ainda hoje, não foi retirado. Essa é uma outra batalha que a comunidade do colégio terá que travar para transformar o espaço em um local apropriado para o restabelecimento da vegetação. Sabemos que isso pode demorar muitos anos. Dessa forma, todo um conjunto de vidas que ali habitava deixou de existir. Mas, como observamos na foto anterior, pés de bananeiras insistem em crescer em meio aos escombros, mostrando que a Natureza ainda resiste, apesar de tanta destruição.

Infelizmente o próprio espaço destruído se transformou num possível local para a aprendizagem dos alunos e alunas do colégio. Ali, foi possível observar uma realidade de destruição ambiental. Vale lembrar que o colégio que, na ocasião, se encontrava em uma situação ambiental crítica é lembrado por muitos por ter sido uma instituição de excelência, sobretudo na época do curso de Técnico Agrícola. Por isso, reviver essa história é uma maneira de conectar as experiências do passado e as ações no presente. Visando essa possibilidade, aprofundarei adiante nas histórias e memórias do colégio.

2.2 DAS MUITAS HISTÓRIAS DO COLÉGIO AO CAFÉ COM MEMÓRIAS: UM BATE PAPO SOBRE UM PASSADO SAUDOSO

A história do colégio se inicia com o padre Flávio Azambuja. Ele tinha o sonho de criar um local para abrigar as crianças que eram órfãs e, em 1966, num terreno situado no bairro Penedo, na localidade do Jardim Martinelli, doado por Arnaldo Marzotto, foi construído o “Lar dos Meninos”. Assim se iniciou toda a história da instituição (Projeto Político Pedagógico do colégio Dom Ottotino Zanon, 2018).

Antes de continuarmos a contar a história da fundação da instituição, é necessário contextualizar sobre a História da Educação no que ela traz sobre a criação dessas instituições, intituladas de Patronato:

No século XIX, existia a preocupação da sociedade em assistir as crianças que perambulavam pelas ruas. Nesse momento, aparece a Igreja como principal condutora desse trabalho de retirar essas crianças de locais inóspitos, não deixando que as mazelas das cidades ficassem à mostra para a sociedade. À Igreja é dada essa função não exclusivamente por merecimento, mas porque o Estado não conseguia assumir, sozinho, preferindo assim delegar. Junta-se então, a Igreja na realização dessa tarefa de escolarização do povo. O que de certo modo, fica gravado no imaginário da época, pois quando se falava em uma missão ou ordem religiosa logo se pensava na instituição escolar que poderia trazer para determinada localidade (Veiga, 2014, p. 51).

O Colégio Dom Otorrino Zanon, como veremos adiante, não foge a essa realidade, sendo uma instituição criada com o fim de abrigar crianças órfãs e desvalidas da sociedade. De acordo com Veiga (2014), a preocupação com a caridade e a higienização darão espaço para atividades voltadas para o trabalho, com objetivo de imprimir condutas morais e oportunizar o aprendizado de um ofício, mesmo que esse ofício fosse para as crianças se submeterem a servir camadas da sociedade mais privilegiadas. Assim, os pais das crianças pobres ali atendidas viam nessas instituições uma possibilidade de futuro melhor para seus filhos.

O colégio segue exatamente essa trajetória, sendo inicialmente um internato de crianças pobres e, mais adiante, uma escola profissionalizante.

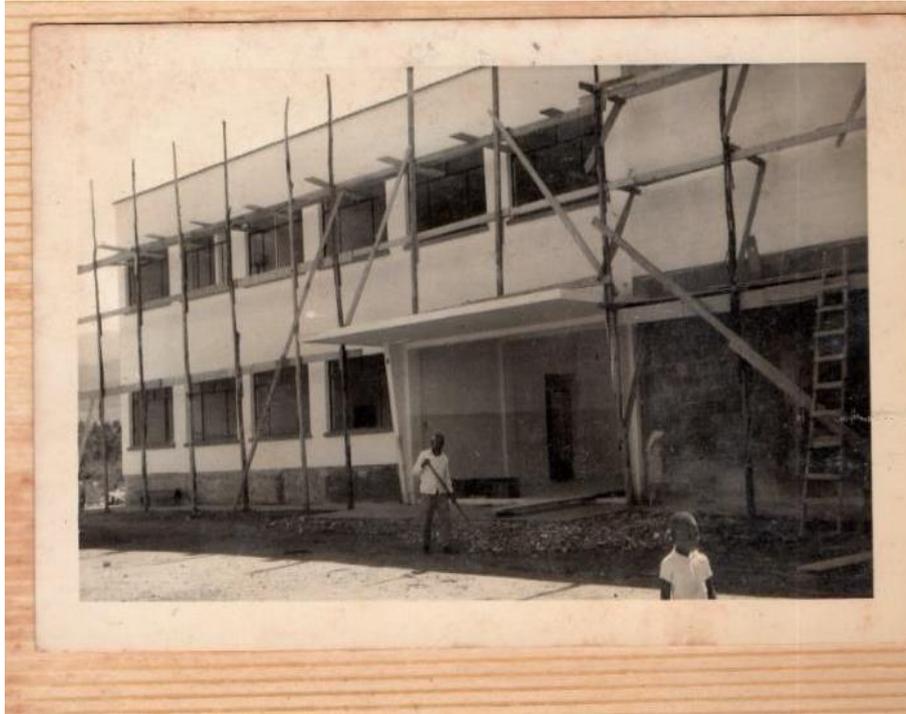


Figura 30. Fachada Principal – Escola Profissional Lar dos Meninos. Fonte: Acervo do Colégio Dom Ottorino Zanon.

De 1961 a 1966, a instituição ficou sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal de Resende. De 1968 a 1969 usou o nome de Escola Reunida Alzira Vargas sem mudar seus objetivos e sua filosofia. Em 1970 passou para seu nome de origem: Escola de Artes e Ofícios Lar dos Meninos (Projeto Político Pedagógico do colégio Municipal Dom Ottorino Zanon, 2018, p. 6).

De acordo com o *Jornal Regional* (1990), o colégio, quando denominado Escola Alzira Vargas, estava sob a responsabilidade do governo do estado do Rio de Janeiro, nos anos de 1968 e 1969. Nos anos de 1970 a 1971, esteve sob a responsabilidade da Prefeitura de Resende. De 1972 a 1980, ficou sob os cuidados da *Pia São Caetano*, recebendo o nome de *Escola Profissional Dom Ottorino Zanon* em homenagem ao fundador da Congregação (*Folha Regional*, 1990).

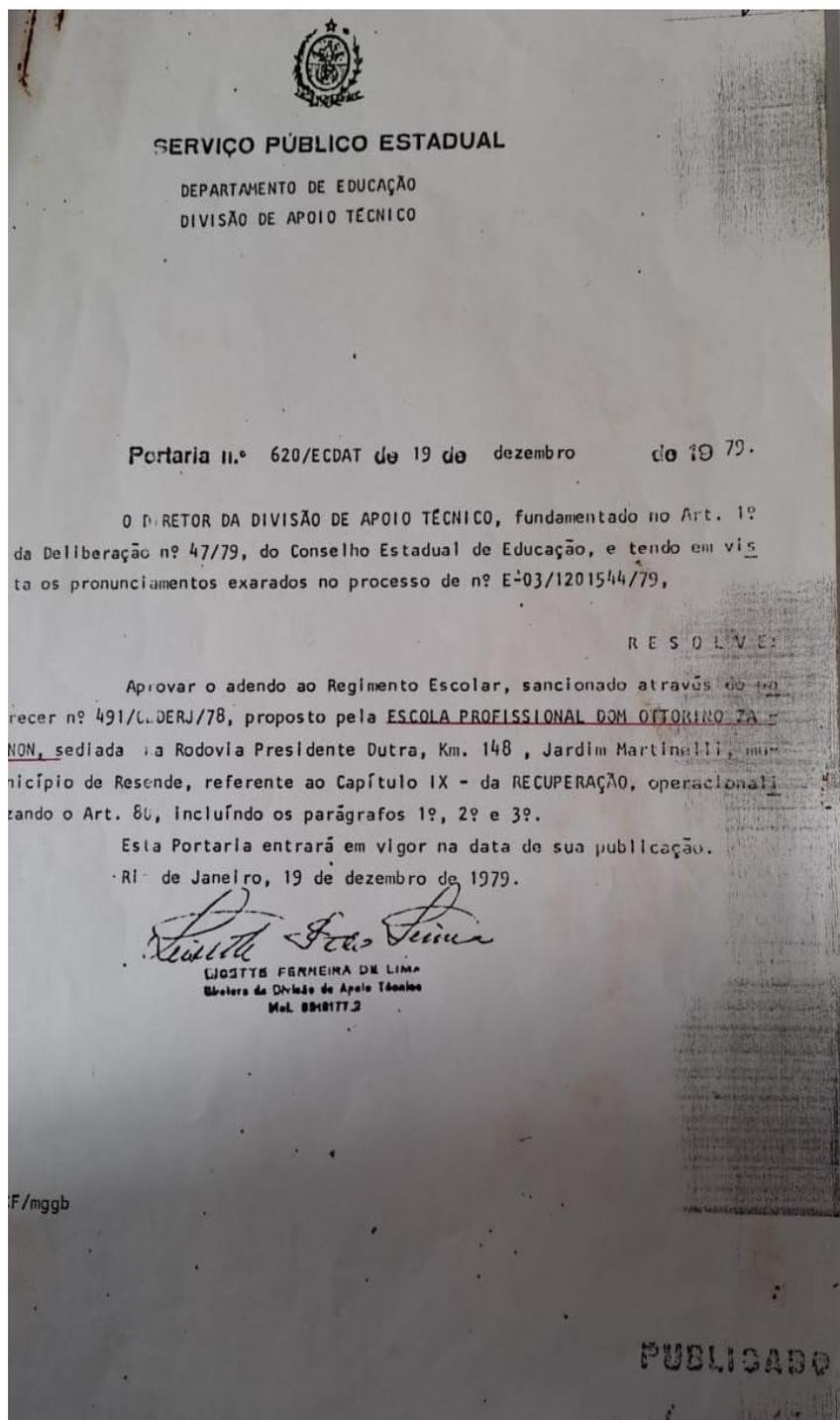


Figura 31. Portaria de criação da Escola Profissional Dom Ottorino Zanon 1979. Fonte: Acervo da Prefeitura de Itaitiaia.

Mas, quem foi o Padre Dom Ottorino Zanon, que dá nome atualmente à instituição? Vamos voltar um pouco no tempo para contarmos a história desse personagem. O Padre Dom Ottorino Zanon, nasceu na Itália no ano de 1915, em meio à entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial. Nascido de uma família humilde, o Ottorino foi para escola e desde cedo mostrava-se interessado em aprender atividades técnicas:

marcenaria, mecânica e gráfica, dentre outras. Esses interesses teriam formado em sua personalidade uma afeição pela formação profissional (Pia São Caetano, 1991).

Depois da cura da sua mãe, atribuída a um milagre, ele decidiu se ordenar padre, seguiu os estudos e em 1940 concluiu sua formação. Em agosto do mesmo ano, começou a trabalhar na pastoral da paróquia em Araceli, na Itália. O jovem padre ficou incomodado com a situação dos jovens que viviam em uma situação miserável próximo àquele local. Por isso, sentiu que deveria oferecer a eles uma formação humana e profissional e, no dia 24 de abril de 1941, ele inaugurou uma pequena oficina no porão do teatro paroquial (Pia São Caetano, 1991).

Nesse espaço muito simples, a partir de doações, ele montou uma oficina que com latas velhas, construía pequenas chapas que eram vendidas para uma fábrica de motores. Com o tempo, “passou a oferecer para alguns órfãos, um prato de comida por dia e um lugar para dormir, tirando-os assim do dormitório público e tudo que isso significava em termos de deseducação” (Pia São Caetano, 1991, p. 18). Já no final daquele mesmo ano, conseguiu um terreno e construiu a primeira casa, dando início ao Instituto São Caetano. Foram anos de trabalho e a instituição cresceu muito. Mais tarde, o padre lutou para transformá-la em uma congregação.

Anos depois, com sacrifício, o padre Dom Ottorino Zanon conseguiu realizar o desejo de transformar o Instituto São Caetano em uma Congregação. A partir de então, começaram as suas experiências pastorais em diversos locais, chegando ao Brasil em 1967, com o envio de padres para a missão pastoral:

A Pia Sociedade São Caetano está presente no Brasil desde o dia 14 de fevereiro de 1967, quando em Resende – RJ, a convite do cardeal Sebastião Baggio, na época Núncio apostólico no Brasil e amigo do Pe. Ottorino, **aceitou a educação das crianças do Patronato** “Lar dos meninos” (Pia São Caetano, 1991, p.36, grifo nosso).

É nesse convite que se inicia a relação do padre Dom Ottorino com a instituição que hoje recebe seu nome. Com a Associação Pia São Caetano, o colégio passou por um momento muito importante da sua história. E o padre Dom Ottorino Zanon acompanhou e orientou o trabalho com visitas periódicas.



O Núncio Apostólico
Mons Baggio com os
Superiores da "PIA SO-
CIETA' SAN GAETANO ~
Vicenza ~Itália,, :
Pe. Ottorino Zanon e
Pe. Aldo de Antoni, e
outros amigos

Os três primeiros
religiosos da "PIA
SOCIETA' SAN GAETANO,,
que tomaram conta do
Patronato entre amigos



Uma Primeira Comunhão
no Patronato



Figura 32. Visita do padre Dom Ottorino Zanon e outros momentos. Página do álbum de fotos com a história do colégio. Fonte: Acervo do Colégio Municipal Dom Ottorino Zanon.

Nesse período, ainda de acordo com a matéria do Jornal Regional (1990), a escola teve suas instalações ampliadas e foi criado o curso técnico de carpintaria, uma gráfica e uma serralheria. As pessoas iam ao colégio comprar móveis da produção dos estudantes.

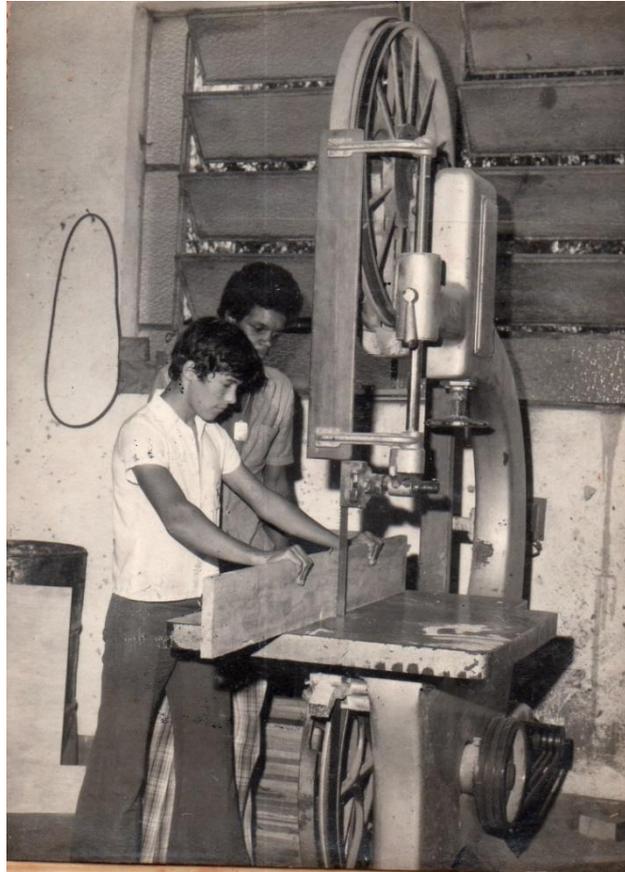


Figura 33. Oficina de Marcenaria. Fonte: Acervo do Colégio Municipal Dom Ottorino Zanon.

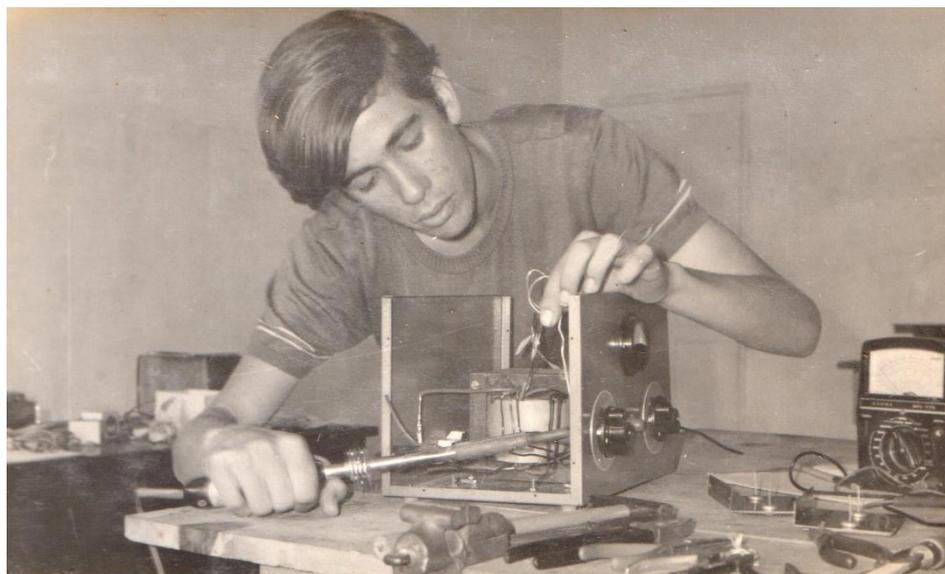


Figura 34. Laboratório de eletrotécnica. Fonte: Acervo do Colégio Municipal Dom Ottorino Zanon.

Com a chegada do SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, bem como do SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial no município, e com a expansão da rede de ensino, os padres entregaram o Colégio para a Prefeitura de Resende. A gráfica e a fábrica de tela foram vendidas e, atualmente, a primeira funciona no município de Resende, com o nome: “Gráfica Patronato”.

De 1980 a 1985, o colégio funcionou como uma escola de Primeiro Grau e, a partir de 1985, como semi-internato, onde os alunos mais carentes ficavam por oito horas diárias. Ainda no ano 1985, para atender as demandas regionais, o colégio passou a atender também o antigo Segundo Grau, oferecendo o curso Técnico Agrícola, conhecido como TA, e o curso de Formação de Professores, o antigo Normal. (Folha Regional, Itatiaia/Resende, set. 1990). Oficialmente, seu decreto ocorreu em 1988.

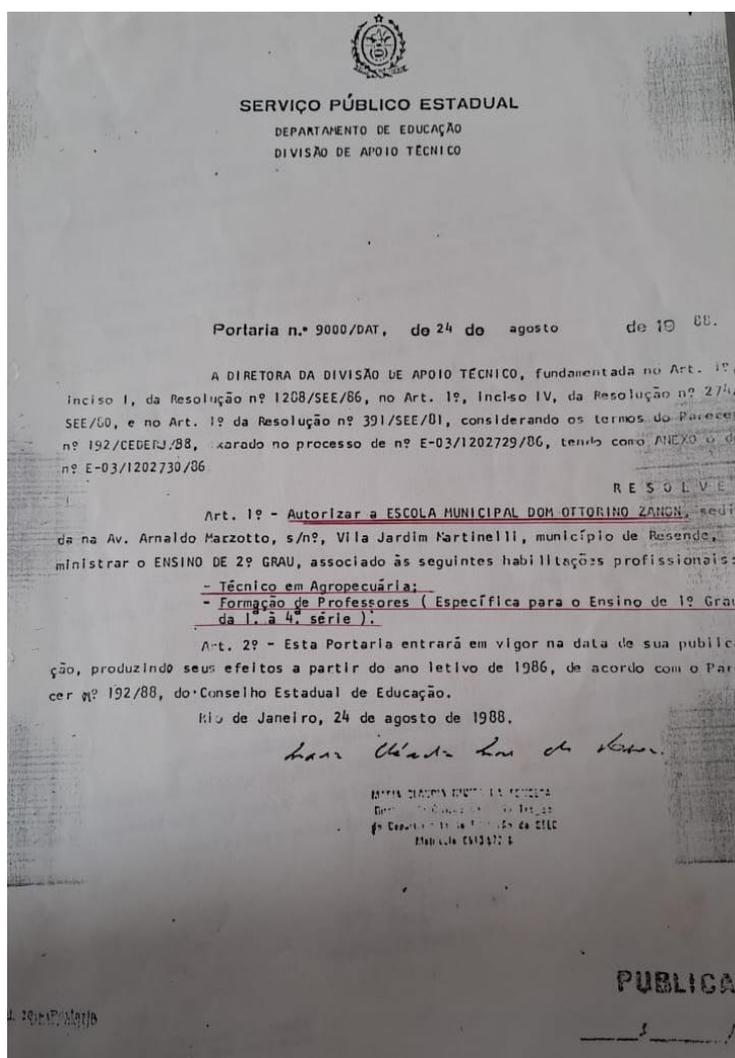


Figura 35. Decreto de criação dos cursos de Técnico Agrícola e Formação de Professores 1988. Fonte: Acervo Prefeitura de Itatiaia.

Neste trabalho, vamos dar uma ênfase maior aos detalhes do curso de Técnico Agrícola, por ser o curso que tem uma relação com os projetos que se destacam nessa pesquisa. Não que o curso de Formação de Professores não tenha uma enorme importância, mas não seria possível neste trabalho, devido ao tempo, o detalhamento de sua história.

Como observamos na reportagem a seguir, o colégio foi criado para atender as demandas da região naquele momento.

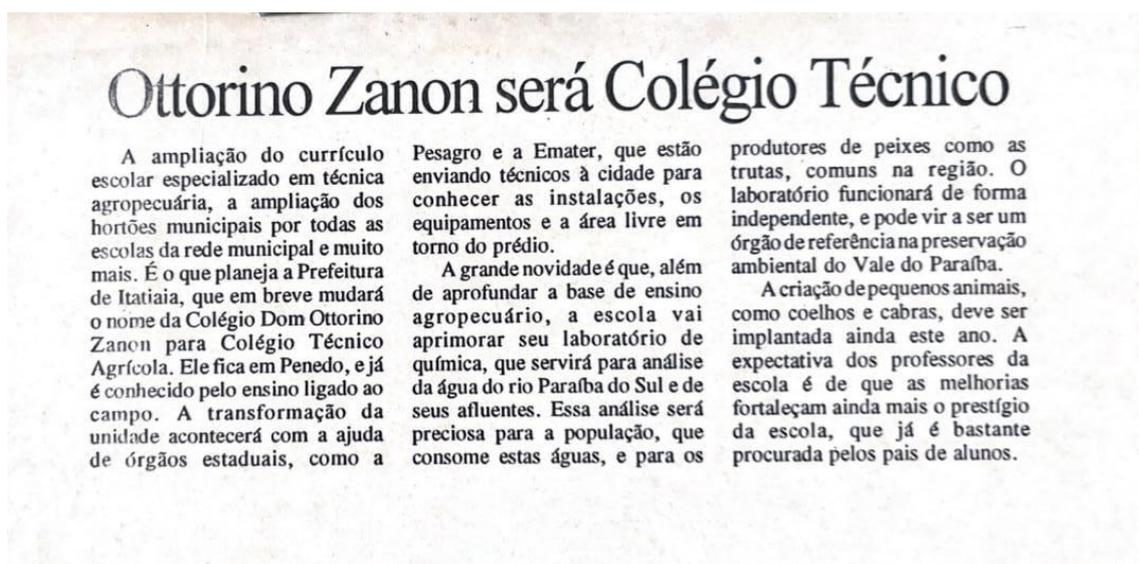


Figura 36. Reportagem sobre a criação do Colégio Técnico Agrícola. Fonte: acervo pessoal da professora Cristina Magnanini.

Já com suas bases consolidadas, o curso de Técnico Agrícola teve uma importância muito grande para o abastecimento de alimentos para a merenda escolar não somente do colégio, mas também da rede de Itatiaia:

Uma das maiores e mais variadas produções de legumes e verduras de Itatiaia não é uma granja nem uma fazenda, mas uma escola, a Dom Ottorino Zanon, no Jardim Martinelli, em Penedo. Pioneira na implantação de um curso de técnico agrícola em toda a região, a escola tem hoje uma produção que além de abastecer a merenda de seus alunos, ainda produz excedente, distribuindo para outras escolas do município. [...] Essa horta extraordinária não se destaca apenas pela quantidade, mas pela qualidade e exuberância de sua produção como pode ser visto há poucas semanas, pelo repolho de oito quilos e meio (Folha Regional, 1999, p. 5).



Figura 37. Produção da horta na C.D.O.Z. Fonte: Jornal Regional 1990.

Além de verduras, havia ainda a plantação de feijão e abóbora, dentre outros legumes, fruticultura, apicultura e a criação de coelhos e caprinos.



Figura 38. Colheita de Feijão. Eng. Agrônomo responsável Aldemário C.D.O.Z 1993/1995. Fonte: acervo da professora Bárbara Castaño.



Figura 39. Ao fundo galpões de criação animal a frente alunos da quinta série nas aulas práticas, 1996. Fonte: acervo da professora Bárbara Castaño.



Figura 40. Criação de caprinos. Fonte: Acervo da professora Bárbara Castanho.

Além das aulas no espaço do colégio, os jovens faziam excursões para outros locais para o aperfeiçoamento das práticas. Com isso, houve muitas aulas na Universidade Federal de Viçosa, dentre outros locais.

O colégio, ainda na época do curso técnico agrícola, também abrigou uma Farmácia de Fitoterápicos. A instituição fornecia parte da matéria prima para a fabricação

dos remédios – aprofundarei mais adiante nessa história a partir de conversas que tivemos com docentes desse período da instituição.



Figura 41. Notícia sobre a economia com a produção de remédios. Fonte: Revista Regional - Edição de Abril de 1995, n. 01, p. 8.

De acordo com a matéria da Revista Regional (1995), o laboratório era responsável por fornecer 40% dos medicamentos usados no município, trazendo uma enorme economia em gastos com saúde. Além disso, virou referência para muitos outros municípios.

No ano de 2003, o colégio deixou de oferecer a formação técnica, tornando-se apenas uma instituição de ensino Fundamental I e II, oficialmente a partir do decreto do prefeito Almir Dumay.

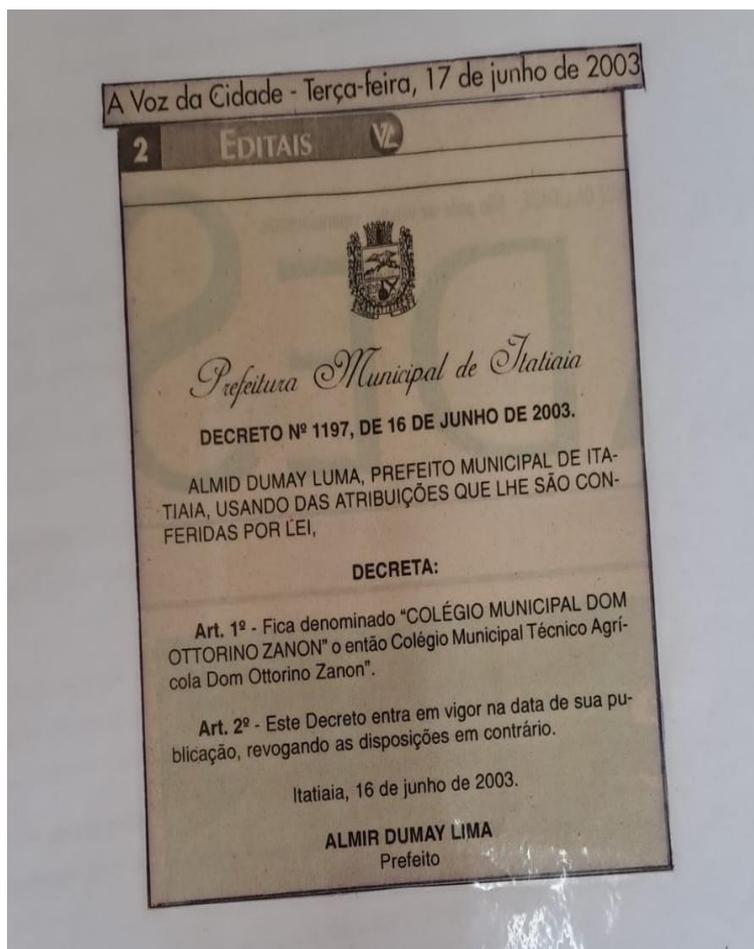


Figura 42. Jornal a Voz da Cidade. Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Itatiaia

Hoje a instituição oferece o ensino Fundamental I e II, além de cursos e oficinas no Centro de Formação anexo ao colégio, tais como: música, dança e robótica, dentre outros. Esses cursos atendem aos alunos e alunas no turno e contraturno das aulas.

A partir de 2022, o colégio passou a contar também com a horta e o projeto *Agroflorestar*, que atende os alunos e alunas, bem como toda a comunidade escolar. Essas vivências do presente, por tudo o que foi visto até aqui, dialogam com as práticas vividas nos tempos do curso de Técnico Agrícola. E para conhecermos mais sobre o passado, fizemos um encontro em maio de 2022 para reencontrar as pessoas que foram parte dessa história e ouvir delas como foi esse tempo importante da instituição.

O Café com Memórias



Figura 43. Convite do evento. Fonte: acervo do colégio. Arte de Mariana Costa.

O acolhimento faz parte dos momentos nos quais criamos memórias afetivas. E para acolhida das pessoas que chegaram para nossa tarde, nós recitamos em forma de jogral uma poesia de minha autoria denominada “Memórias do Patronato”:

Memórias do Patronato

Lá de longe eu vim! De um tempo que passou. E parece que foi ontem... Estive por aqui, aqui estudei, conheço esse chão! Reconheço essa terra, plantei nela, aqui há memórias de um tempo que fui muito feliz!

Verdade...! Eu bem lembro! Aqui vi a austeridade dos padres passar nos corredores, vi máquinas que escreviam histórias nas gráficas. Vi madeira ser talhada com adornos de um tempo que não volta mais. Ainda ouço o barulho das oficinas. Daqui vi jovens saírem técnicos. Vi plantas virarem remédio pra cuidar do corpo e benzer a alma.

Vivi tempos que guardei na memória, vi gente se tornar gente grande. Como eu me lembro! Naquele tempo tinha muita gente boa! Sou do tempo que tinha o ensino forte, eu não consigo esquecer. Vi meninos ser tornarem homens, vi meninas se tornarem mulheres, aprendemos muito mais que o currículo pretendia ensinar.

Teve gente importante que passou por aqui! Você sabia? Teve gente que virou agrônomo, teve gente que virou professora, teve gente que virou profissional da culinária e faz uma comida gostosa até hoje pra quem ainda está aqui!

Eu lembro quando isso tudo aqui ainda era mato! Eu me lembro dos tempos que tinha teatro! E no meu tempo? Que eu aqui até morei! Sabia de tudo que passava no Patronato! Aqui estudei, depois me casei, aqui meus filhos estudaram, aqui passou muita gente que deixou um legado com a sua própria trajetória.

Hoje com todo respeito a essa história, as convido, “ó memórias!”, para saírem das gavetas do tempo e nos contarem tudo!

Cassia Viana



Figura 44. Recitando a poesia de acolhida. Da esquerda para direita: Cassia, Professora Márcia, Orientadora Educacional Anelize, Alexandre Nascimento, Orientadora Pedagógica Graça Melo. Fonte: acervo da autora.

Foi em um tempo longínquo que se plantou as sementes de uma história que hoje eu venho contar. No nosso primeiro “Café com Memória”, as pessoas foram chegando, se aconchegando em abraços longos e sorrisos fáceis; lágrimas salgavam o doce reencontro de décadas atrás. De longe se ouvia: “Aquele roseira fui eu que plantei! Ela ainda está aí! Mas o jardim era tão mais bonito no nosso tempo!”. E foi com esse tempo que nós, em nossa formação de Educadores e Educadoras Socioambientais, estávamos nos conectando. Tantas vivências a serem compartilhadas de um tempo que não

estávamos presentes. Esse momento foi um momento de busca por uma Postura Conectiva (Granier, 2022) com o passado, com suas raízes ancoradas na década de 1980. Dona Dora, uma das senhoras que trabalhou na escola nessa época, ficou feliz de ter tomado chá de melissa do pé que ela plantou naqueles tempos. Mas ficou triste porque o jardim não estava tão bem cuidado, embora ainda restasse uma roseira dos tempos antigos, também plantada por ela.



Figura 45. O abraço. Fonte: acervo da autora.



Figura 46. Reencontros Fonte: acervo da autora.

O abraço traz a conexão, tão importante para as relações humanas acontecerem. Como sentimos falta desse afeto durante a pandemia de Covid 19. Assim, esse reencontro a partir do toque, possibilita uma relação conosco e com os outros. Nossas relações afetivas nos tornam mais humanos e essa humanidade está além da preservação da nossa espécie, mas também do nosso planeta e de todas as espécies que dele fazem parte.

Quando dona Dora reconheceu as plantas que havia cultivado no passado, exemplificou que o que nós cultivamos, nós reconhecemos. Assim como ela reconheceu os amigos e amigas que fizeram parte daquele tempo, ela reconheceu também as plantas. E elas sobreviveram ao tempo, às chuvas, às intempéries, à ausência de um cuidado mais efetivo, e se mantiveram ali. A ação de plantar foi um ato amoroso, um ato de cuidado para com todos que fizeram e fazem parte do colégio, tendo a possibilidade contemplar a roseira que ela plantou há mais de 30 anos.

Esse ato da dona Dora nos faz refletir sobre o processo de Educação Ambiental. Se cada uma/um de nós tivéssemos esse cuidado de plantar uma árvore ou uma flor, por exemplo, nas escolas e praças, e fôssemos responsáveis por elas, será que a nossa relação com a Natureza seria diferente? A nossa relação distanciada com o meio ambiente nos faz não termos essa percepção de cuidado e responsabilidade. Ver a Dona Dora depois de tantos anos reconhecendo suas plantas me fez refletir sobre o cuidado e o afeto.

Ainda por esse prisma de lembranças afetuosas, todas e todos que compartilharam esse momento do Café com Memória se lembravam com alegria da horta, dos momentos de plantação. Embora o prédio do colégio fosse um fator importante para que as memórias fossem acionadas, os seres vivos oferecem um elo de ligação muito maior, sejam eles as pessoas ou mesmo as plantas. Ou seja, a nossa relação com o que é vivo é muito mais importante do que qualquer outra relação, muito embora vivamos em um mundo tão materialista, no qual se degrada tanto a Natureza para que sejam construídas mais coisas.²⁷

Aceita um cafezinho?

A hora do café remete a um momento de pausa, de encontro, de aconchego e de ternura. O cheiro do café é capaz de nos trazer lembranças amorosas. Foi pensando nesses significados que preparamos um espaço com capricho, com o objetivo de tornar especial aquele momento de encontros e reencontros. Para compor o espaço, que a partir daquele

²⁷ Sugiro para aprofundamento da reflexão o vídeo “A história das coisas”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dfm4V9gDs08>. Acesso em 8 ago. 2023.

momento se tornou também um ambiente de “ComVivência Pedagógica”, e trazer para os convidados uma atmosfera intimista, fizemos uma mesa de café, um painel de fotos antigas e espalhamos outras fotos do acervo do colégio pela mesa, de forma que as pessoas fossem fazendo essa conexão com o passado. Nossa curiosidade estava em saber sobre aquelas histórias do tempo em que o Colégio era um Colégio Técnico Agrícola e suas possíveis conexões com o projeto *Agroflorestar* que se iniciava.



Figura 47. Mesa do café. Fonte: acervo da autora.

As pessoas chegavam no espaço e iam se reconhecendo, depois de tantos anos, naquelas fotos e naquele passado, que, apesar das mudanças, ainda se fazia presente. Histórias de um tempo em que o colégio era tido como uma das mais respeitadas

instituições da cidade foram contadas e recontadas. Era possível ver nas pessoas o orgulho e a alegria de terem tecido suas histórias naquele local. Pude observar a todo tempo o *Princípio das Posturas Conectivas* (Granier, 2022) se apresentado nos olhares; nos abraços; nos silêncios reflexivos das pessoas que ali estavam presentes; nas suas conversas, que se voltavam para o tempo que se foi; nas suas memórias sendo revisitadas e sendo reconstruídas a partir das memórias dos demais, como uma enorme colcha de retalhos (Halbwachs, 1990).



Figura 48. Professora Márcia revendo fotos do passado do colégio. Fonte: acervo da autora.

Muitas dessas pessoas estavam conectadas apenas pelos dispositivos eletrônicos, sem se encontrarem pessoalmente há anos. Assim, esse reencontro físico proporcionou a

elas grandes emoções. Afinal, o “sentir” e o “estar junto” são fundamentais quando pensamos na ideia de pertencimento:

Pois pelo prisma do Princípio Posturas Conectivas, um dos pontos a se questionar em relação ao aumento exacerbado da comunicação pela mediação tecnológica é a tendência a uma crescente diminuição do contato mais fisicamente presente, do “olho no olho”, da intuição que emerge num primeiro contato com alguém, do captar a sinceridade (ou não) de um sorriso, e tantos outros elementos que caracterizam a complexa naturalidade presente nas conexões entre seres humanos (Granier, 2022, p.127).

Esse reencontro e o “olho no olho”, como aponta a autora, nos fazem ter mais empatia e compaixão; nos humaniza, nos faz lembrar das nossas origens e nos faz querer preservar nossas histórias e memórias. E preservar as nossas histórias e memórias é meio para nos construirmos enquanto humanos, trazendo os ensinamentos dos mais velhos para os mais jovens, de geração em geração.

Nesse encontro, queríamos ouvir dos/as mais antigos/as como era o colégio, aprender com eles e elas sobre os melhores locais para plantar, entender como adubavam a terra, como era o quintal, dentre tantos outros importantes conhecimentos que a experiência faz com que tenhamos.

Para além dos conhecimentos técnicos, as pessoas nos trouxeram também afetuosidade e carinho. Dona Dora, que há tanto tempo trabalhou no colégio, fez questão de trazer um bolo e fazer os biscoitos amanteigados para prestigiar o encontro. Seu carinho e cuidado com a instituição e, sobretudo com as pessoas, eram demonstrados naquele carinhoso afeto feito à mão. E entre as fotos que se espalhavam pela mesa, dona Dora se reconheceu com sua amiga, Dona Anália. Ambas eram serventes do colégio. Dona Anália ficou responsável por mais de vinte anos por abrir a escola. Ela guardava as chaves do colégio com muita responsabilidade. Dona Dora, além dos serviços de limpeza, ajudava em tudo que precisava, assim como dona Anália. Na que carregam (**Figura 49**), elas estavam ajudando a distribuir a merenda escolar. As duas amigas escutaram muitas histórias e foram testemunhas de acontecimentos, sonhos e de tantas realizações dos alunos e funcionários do colégio.



Figura 49. Dona Dora e Dona Anália. Fonte: acervo da autora

As duas amigas, que dividiram tantos momentos juntas, se olhavam com a certeza de que valeu a pena toda aquela trajetória.

A Linha do Tempo

Na linha do tempo que construímos na parede, pedimos às pessoas que colassem suas fotos e fossem trazendo suas recordações. Além das fotos do acervo do colégio, que espalhamos pelo espaço, pedimos que elas trouxessem fotos daquela época para colocarem nessa linha do tempo e compartilhar as suas memórias.



Figura 50. Linha do tempo. Fonte: acervo da autora.

Aos poucos, as pessoas foram trazendo suas vivências, rememorando datas e acontecimentos importantes da época. Nosso objetivo maior era nos conectarmos com o que as pessoas sentiam quando traziam à tona suas memórias. Era nítido o carinho com o qual falavam da horta e de sua construção no tempo do Colégio Técnico Agrícola, de cada projeto com os alunos e alunas, das pessoas que foram diretores/as e da importância de cada um que compunha aquele espaço.

Cada um que trazia suas vivências nos fazia enxergar pontos que nunca tínhamos pensado sob diversos aspectos. A roseira na frente da escola e o pé de erva cidreira nunca mais foram os mesmos depois desse encontro, pois eles agora possuíam uma identidade própria, uma história, com muito mais significado.

E com esses cortes e recortes do tempo, das histórias, foi possível entender muito do que o colégio significou para todos e todas que ainda fazem parte dele. Poder ouvir os seus relatos de como era a horta, como era a criação de coelhos, em qual ano foi, quais foram os prefeitos da época, quais as pessoas que já não estavam mais presentes e quais deixam saudades... toda essa conexão nos trouxe para um lugar de mais pertencimento e entendimento sobre a história do colégio.

Foi muito bonito ver essa conexão entre o passado e o presente, com as pessoas se observando nas fotos, se reconhecendo nelas, se situando no tempo e compartilhando suas experiências, vivências e memórias.



Figura 51. Revisitando o passado. Fonte: acervo da autora.

O encontro findou, mas a conversa não se encerrou naquele dia. Nos dias seguintes, nos encontramos com algumas/alguns professoras/es para uma roda de conversa mais detalhada sobre o tempo do Colégio Técnico Agrícola. Uma dessas conversas, que traz mais detalhes desses tempos, será analisada a seguir.

2.3 RODAS DE CONVERSAS: UM DIÁLOGO DO PASSADO E DO PRESENTE

Nesta seção, são evidenciadas duas das principais coletas de dados produzidas no decorrer da pesquisa: a roda de conversas com a professora Bárbara Castaño, que permitiu um maior conhecimento do passado, e a roda de conversas com as professoras do colégio, no presente.

Roda de conversa com a professora Bárbara Castaño: reconexão com um passado esperançoso

Urge a necessidade de pensar a vida em relação ao simples. Buscar caminhos alternativos mais baratos para as famílias, com o objetivo de torná-las autossuficiente e mais consciente das suas próprias vidas. Uma das opções através do exercício da simplicidade é através da energia regeneradora do amor, um caminho mais próximo da verdade. Atentar à beleza e ao poder curativo das plantas é um exemplo disto. As plantas além de curativas, nutrem, embelezam e alegam a nossa vida, como aplicar esta sabedoria ancestral ao nosso dia-dia?

Bárbara Castaño

No dia 10 maio de 2022, nós tivemos a alegria de receber a professora Bárbara para uma conversa sobre os tempos do Colégio Técnico Agrícola. A professora teve a gentileza de vir do sul do Brasil para nos contar sobre essa experiência. Esse foi mais um momento de extrema conexão com a história daquele espaço em que iríamos desenvolver o projeto *Agroflorestar*. Logo em sua chegada já tivemos informações que desconhecíamos. Muito emocionada, ela nos mostrou os escombros do que havia restado e ainda guardava as histórias do passado. À medida que contava, podíamos observar o verdadeiro sentido da *ComVivência Pedagógica* que se expande “para sentidos como coadunar, sintonizar, equalizar, integrar, relacionar, ir ao encontro de forma empática e voluntária” (Granier, 2022, p. 119).



Figura 52. Professora Bárbara revisitando os seus espaços de atuação no colégio. Fonte: Mariana Costa.

Esse reconhecimento inicial do espaço lateral do colégio, local onde a professora deu início à sua horta de medicinais, foi muito impactante. Ainda existia ali o canteiro no qual ela havia plantado e a sua tristeza foi ver como esse espaço estava tão descuidado, mas, ao mesmo tempo, ainda guardava nele resquícios da época, pois algumas poucas mudas resistiram ao tempo.

A descida para o espaço no qual a nossa horta seria plantada era também o local no qual a professora plantou com seus alunos e alunas do curso de Técnico Agrícola. Nós estávamos em processo de revitalização daquele espaço e a presença da professora foi uma benção para o início de nossos trabalhos. À medida que descíamos, ela nos contou sobre as plantas e sobre as árvores que ainda restavam ali; revisitando suas memórias, podíamos sentir a grandeza que fora todo aquele projeto.



Figura 53. A descida para espaço da horta. Da esquerda para direita Graça Melo, Professora Bárbara, Gabriel Garros e Alexandre Nascimento. De blusa lilás, Cassia Viana. Fonte: acervo do Instituto Toré (fotografia por Mariana Costa)

A professora Bárbara, em uma Roda de Conversa, nos contou fatos importantes sobre esse tempo do Colégio Técnico Agrícola – essa conversa em sua íntegra encontra-se transcrita no **Anexo II** desta tese.



Figura 54. Entrevista com a professora Bárbara. Fonte: Acervo do Instituto Toré (fotografia por Mariana Costa).

Nesse chão de tantas lembranças, tantas histórias semeadas e tantos sentimentos compartilhados, eu e a equipe do *Instituto Toré* nos sentamos para uma conversa com a

professora Bárbara. Ali estávamos nós, dispostos a ouvir cada detalhe. Ela nos contou que chegou no ano de 1986 para a fundação do Colégio Técnico Agrícola. A professora iniciou seu relato fazendo uma comparação com a chegada dos Finlandeses em Penedo, que desbravaram aquele local sem muitas possibilidades no seu início:

Eu cheguei aqui no ano de 1986 onde Itatiaia pertencia a Resende, Penedo pertencia a Resende. E a ideia era de se fundar uma escola agrícola no município de Itatiaia. Quando nós chegamos aqui, realmente nós ficamos um pouco assustados, acho que foi igual os finlandeses quando chegaram e Penedo e começaram a plantar e as formigas não permitiram. Aqui era um matagal, então a gente começou a pensar o que se poderia fazer, né? E a gente não tinha trator, não tinha maquinário nem nada e aí o que fizemos? Botamos a mão na massa com enxada e fomos desbravando aqui o espaço. Para irrigação a gente cavou um poço, com uma torneira que ficava ligada à noite com uma mangueira para encher esse poço e no dia seguinte a gente tentava ir molhando os canteiros, né? Começamos uma pequena horta e a coisa foi indo, assim meio que na marra, né? Até que depois apareceu um trator, a Prefeitura me cedeu um trator, pra gente poder arar o restante da área e aí a gente começou de fato uma horta que até também os alunos tinham acesso, tinham condições de descer pra fazer uma aula prática e tudo mais²⁸ (Entrevista com Bárbara Castanho, 22 de maio de 2022).

Em sua fala, ela demonstra o quanto o docente, em todas as épocas, precisa ter uma força criativa muito grande para tirar do papel os projetos. Observamos que a estrutura inicial era praticamente mínima, uma realidade comum às escolas de ensino público no Brasil. Essa realidade, que a professora nos contou, de ter que desbravar o local, lembrou também a ideia trazida pela *Reflexão Crítica*: “no coletivo tem condições de potencializar as motivações para a superação dos limites inerentes aos desafios que a realidade opressora representa [...] (Granier, 2022, p.114).

Essa realidade opressora que nos faz gastar uma enorme energia para sair do básico, para oferecer aos nossos alunos e alunas uma possibilidade de enxergar um pouco além do que o Estado oferece, se faz a partir da nossa consciência, de forma coletiva e dialógica. Como disse a professora “botamos a mão na massa”, uma ação que ocorreu de forma conjunta com seus pares, na “promoção da participação coletiva que supere a perspectiva do 1 + 1 e potencialize o 1 com 1 (Guimarães, 2021, p.92). Esse 1 com 1, que escreve Guimarães, deve ser nosso objetivo final enquanto sociedade, porque a nossas ações fazem mais sentido de maneira a pensarmos no “todos juntos”. A instituição escolar pública, como parte dessa sociedade, apesar de todas as dificuldades, se faz a partir da

²⁸ No decorrer do texto, as citações longas tiradas das transcrições das entrevistas foram formatadas em itálico, para diferenciá-las das citações bibliográficas.

união das pessoas. Sem romantizar a precariedade, que tanto nos atrasa, são as pessoas que tiram dessa precariedade possibilidades de futuro para nossos estudantes.

Dentro dessas possibilidades transformativas, a professora Bárbara e seus pares queriam possibilitar a seus alunos a chance de viver novas experiências, e faziam com eles viagens para outros lugares para uma vivência ou podemos denominar de *ComVivência Pedagógica*. Muitas vezes, levavam seus alunos para Viçosa, em locais que nos quais poderiam aprofundar seus estudos práticos. Foi nessas viagens para Viçosa que além dos alunos e alunas, a própria professora Bárbara conseguiu fazer conexões importantes para implementação das hortas. O objetivo da professora era que os estudantes pudessem sair um pouco para aprender em outros lugares. Porém, nessas possibilidades de idas e vindas havia muitos desafios a serem vencidos. A necessidade de expandir as possibilidades e experiências fez com que com eles se unissem e transformassem essa realidade:

Quantas vezes a gente quis fazer excursão com os alunos... “Ah, mas não tem dinheiro”. “E se a gente fizer uma rifa”. “Mas não vai poder, vai precisar disso...”. “Mas se a gente conseguir isso?”. E chagava um ponto que não tinha mais argumento. “Olha está tudo aqui, a gente conseguiu, sabe?”. E a gente fazia... (Entrevista com Bárbara Castanho, 22 de maio de 2022).

Para a formação ideal desses estudantes, era necessário que acontecesse o intercâmbio com outras realidades. Assim, quando a professora narrou os entraves existentes para que essas vivências externas acontecessem, e ela e seus colegas fizeram esse movimento criativo para proporcionar a eles a oportunidade de conhecer novas realidades, podemos ver na prática o *Princípio da Desestabilização Criativa*: “Assim, em reciprocidade a desestabilização, o estímulo a criatividade mobiliza em direção ao novo e ao sentido de realização de uma ação criativa, fundamental aos movimentos de transformações” (Granier, 2022, p.158).

Esse desejo de transformar a realidade, mesmo diante de tamanhas dificuldades, dos entraves que observamos rotineiramente, não somente dentro da instituição escolar, mas na sociedade como um todo, nos faz caminhar para um mundo de possibilidades. Observamos que o poder público, em algumas instâncias, tem uma inércia para prover o necessário para o bom funcionamento das instituições, o que faz com que muitas pessoas desistam de lutar por mudança.

Nessa perspectiva, é pertinente a pergunta feita pelo professor Alexandre para a professora Bárbara:

Bárbara, trabalhar com plantas acaba sendo um ato de autocuidado, porque a planta passa a ser nossa referência, como um espelho, para que a gente possa entender a lua, o sol, as sazonalidades... Você não veria esse distanciamento da parte política como medo de um upgrade nas crianças da escola? Uma forma de pensar diferenciada de quem trabalha com plantas? Porque a gente está no meio de Penedo, repleto de água, cheio de território, aqui por exemplo não tem nenhum produtor com DAP [Declaração de Aptidão ao Pronaf] escrita de hortaliças, por exemplo. Não seria um boicote para que os pobres do lugar não entendessem o poder que têm? (Entrevista com Bárbara Castanho, 22 de maio de 2022).

Trabalhar com as plantas, como observa o Alexandre, pode instigar uma percepção mais apurada da própria Natureza, bem como de nós mesmos. Ter essa consciência, percebendo os ciclos, as luas e as sazonalidades, como relata o professor, nos torna mais presentes e atentas/os, sendo uma possibilidade de resistência e ruptura em nossa sociedade tão desigual. Com isso, fica a reflexão: num local como o bairro de Penedo, onde existem todas as possibilidades para a plantação de hortas orgânicas para o consumo próprio ou para a venda, por que isso não acontece? Na região, a maioria dos trabalhadores são empregados no ramo da hotelaria, fazendo trabalhos de limpeza e manutenção dos espaços. Em tal contexto, cursos sobre Agrofloresta ou Agricultura Familiar, por exemplo, poderiam ser ofertados, para que novas opções de trabalho ocorressem. No entanto, desde o fim do Colégio Técnico Agrícola, formações com esse fim não foram mais ofertadas pela iniciativa pública. Desse modo, a ideia de boicote, apontada por Alexandre, desponta como um indício de resposta.

E nessa conversa reflexiva com a professora Bárbara, ela nos contou do projeto que fez com os estudantes, visando justamente a possibilidade de expansão de horizontes, com o objetivo de levar a horta do colégio para as quintas das casas.

Projeto “As hortas saem da escola”

O projeto da professora Bárbara tinha como objetivo levar as Unidades Demonstrativa de Produção (UDP) para a casa das crianças. Buscando incutir nelas hábitos alimentares conscientes, bem como a conscientização para uma economia do orçamento doméstico das famílias. Além de nos contar sobre o projeto, ela trouxe também a versão escrita do mesmo, datada de 1996. E é muito interessante notar o quanto, em seu texto, estão presentes ideias que dialogam com as premissas do projeto *Agroflorestar*:

A aceitação de que a terra possui segredos factíveis de serem aprendidos e aplicados é o primeiro passo. E encontraremos as soluções perfeitas

para nossos problemas. Somos um conjunto de alegrias e sofrimentos, ignorância e sabedoria, saúde e doença, tecnologia e artesanato. Queiramos ou não, temos que caminhar em várias direções. Aprender sempre, rever conceitos e enfrentar com firmeza as dificuldades. E este é o ensinamento da natureza onde os ciclos se entrelaçam, em um movimento sem fim. E é o encanto das plantas que liga o ancestral ao jovem do ano 2000. Este conhecimento acumulado é a maior riqueza da humanidade (Bárbara Castaño, 1996).

Conforme o projeto, os segredos guardados na terra trazem soluções perfeitas para os nossos problemas, e os povos originários sabiam desvendar esses segredos. Quando plantamos uma árvore, por exemplo, e acompanhamos todo o processo de seu crescimento, quando sabemos o quanto demora para ela dar frutos, aprendemos sobre a própria dinâmica do tempo e seus acontecimentos. Quando usamos uma erva para curar as nossas doenças do corpo ou do “espírito”, estamos diretamente acessando esses segredos.

Pensar formas de trazer para as famílias dos alunos esse espaço de conexão com o plantar e o colher, na busca de ofertar uma alimentação mais saudável, é também uma forma de nos sintonizar com as *Posturas Conectivas*, como aponta Noeli Granier (2022, p. 139):

A conexão consciente com o universo interno pode ser fortalecida também pelo cuidado com a alimentação, no sentido de não agredir o organismo com alimentos que o prejudicam, como os industrializados, mas sim priorizar os que lhe fazem bem, como os cultivados mais naturalmente. Levando em consideração que nosso organismo é um microssistema conectado permanentemente ao macrossistema Terra, tal cuidado permite manter viva esta conexão entre ambos, favorecendo a “escuta” destes universos e o entendimento de suas necessidades.

Vinte e sete anos depois do projeto de Bárbara ser escrito, o cuidado com a alimentação se faz ainda mais urgente, uma vez que a indústria alimentícia se desenvolveu para oferecer mais opções de comida ultraprocessada. Sabemos que esses alimentos podem ser muito nocivos para o nosso corpo físico²⁹, sobretudo se consumidos em demasia. Esse tipo de alimento nos distancia desse universo interno sobre o qual escreve a autora, pois esses produtos “rápidos e prontos” são pensados para os tempos acelerados nos quais vivemos. O nosso universo interno, a nossa flora intestinal e o nosso estômago, considerado por muitos estudiosos como um segundo cérebro, ao receber poucos

²⁹ Para maiores informações sobre o tema consultar: LOUZADA et al. Impacto do consumo de alimentos ultraprocessados na saúde de crianças, adolescentes e adultos: revisão de escopo. **Cad. Saúde Pública** 2021, p. 37. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/57BygZjXKGrzqFTTSWPh8CC/?format=pdf>. Acesso em ago. 2023.

alimentos vivos, livres de agrotóxicos, nos transforma internamente em “desertos” em vez de “florestas”.

Quando a professora Bárbara criou o projeto de *horta na casa dos alunos*, ela propiciou a eles a oportunidade de se alimentar melhor e nutrir não apenas o corpo, mas todas as outras conexões possibilitadas pelo contato com a terra. Ela nos contou que foi a partir do desejo manifestado pelas próprias crianças que cursavam o antigo ginásio que ela decidiu escrever e colocá-lo em prática:

Então um dia e falei, eu acho que vou tentar um projetinho de horta fora da escola e ver o quê que dá, né? E eu consegui vários alunos. Aí eu peguei os alunos que gostariam e tal, fui à casa de cada um pra conversar com os pais, porque tinham pais que até queriam, mas tinham pais que não tinham lugar, era só cimento e tudo mais (Entrevista com Bárbara Castaño, 22 de maio de 2022).

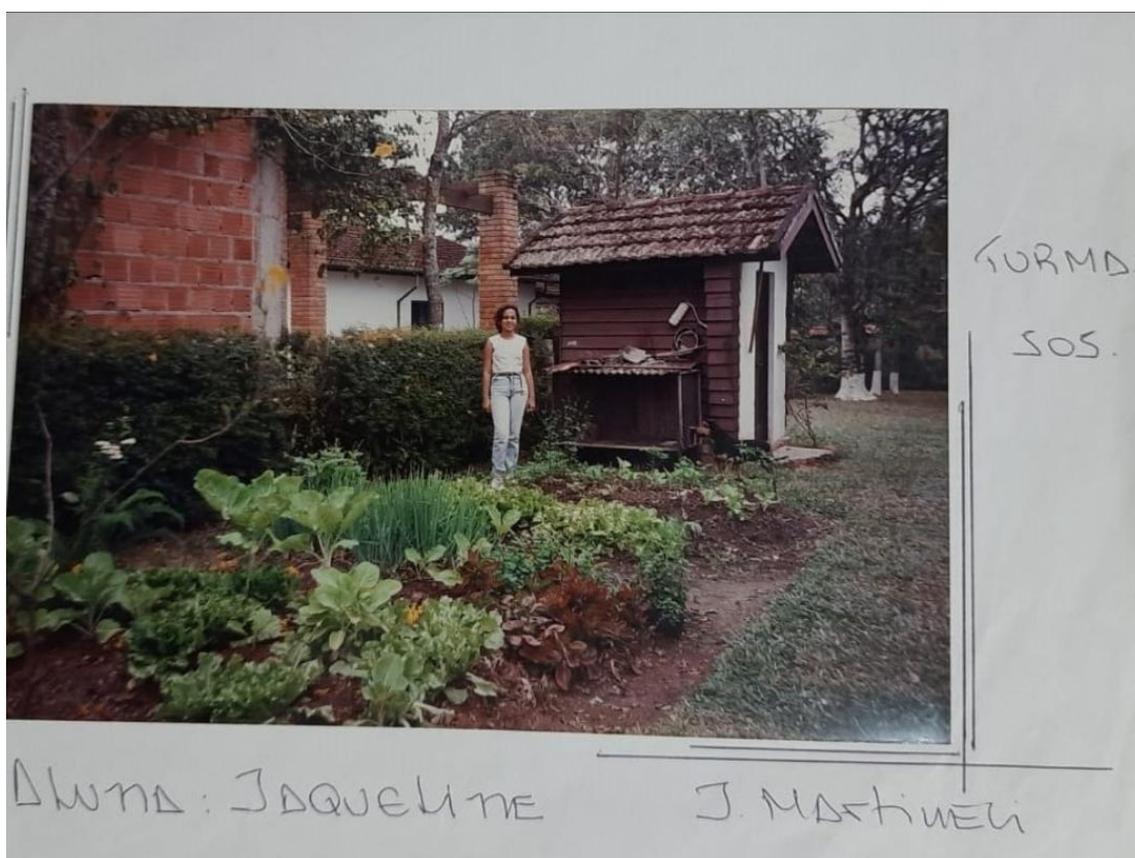


Figura 55. Foto do projeto "As hortas saem de casa". Fonte: acervo da professora Bárbara.

De acordo com a professora, ela conseguiu acompanhar o trabalho de horta de pelo menos 30 alunos, nas regiões de Jardim Martineli, Capelinha e Serrinha, fora os outros alunos que levavam as mudas e que fizeram suas hortas em casa mesmo sem o acompanhamento direto dela.

E eu mostrei pra você uma foto muito interessante, que uma aluna fez o pai dela tirar a parte de cimento e o pai dela fazer a horta na casa dela, entendeu? Gente, isso daí não tem preço! E tive alunos que saíram da escola, que não tinham horta em casa e tudo mais, que vinham aqui na escola perguntar se a gente tinha semente de hortaliças para doar para eles fazerem horta, entendeu? Isso daí, coisas que aconteceram que ficam, né? E foi isso, a história da horta fora da escola eu consegui (Entrevista com Bárbara Castaño, 22 de maio de 2022).



Figura 56. Foto da horta em que a o pai tirou o cimento para a aluna plantar. Fonte: acervo da professora Bárbara Castaño.

Libertar o chão

*Da terra cimento se fez
Escondida, massacrada, sem vida
A terra ali ferida não pôde ser cultivada
Do desejo da menina engajada
A terra que estava encarcerada
Foi novamente libertada!*

Cassia Viana

Esse movimento de retirada do cimento para a criação da horta é um movimento muito simbólico: a aluna não tinha espaço para horta porque o quintal era tomado por cimento, mas ela não desistiu e perseverou na ideia até conseguir seu pedaço de terra para plantar. Talvez esse seja o movimento que devemos fazer em relação ao Planeta Terra.

Esse é um exemplo do Princípio da “Desestabilização Criativa”, pois a aluna usou a criatividade para romper com o que estava posto, ou seja, com o que era dado como sendo pronto e acabado. Talvez devêssemos aprender com essa menina a retirar o cimento, o asfalto, a poluição, o descaso, a falta de cuidado, e permitir que a Terra se liberte dessa situação na qual a colocamos. Devemos aprender com a própria Natureza a sermos perseverantes nessa meta de cuidado, de libertação da Terra, firmes como os rios que seguem seu percurso até chegar ao mar sem nunca desistir, mesmo com muitos percalços pelo caminho:

O rio que corre carregando em si a força para alcançar o mar, vai superando os obstáculos pelo caminho, as vezes contornando-os em curvas que o fazem quase retroceder, mas sem, entretanto, interromper seu curso. Ele avança, com força decisiva, em direção ao seu objetivo. Sua “intencionalidade-força” se complementa com a capacidade inata em saber usar sua maleabilidade e potencialidade para a superação das dificuldades. Imersão e emersão, assim como altos e baixos, são parte de sua trajetória, pois em sua constância, perseverança e direcionalidade, após a escuridão do subterrâneo, ele alcança a luz do sol no ressurgir à superfície. Em seu caminho o rio transforma e se transforma, e em cooperação com outros elementos – terra, ar, seres vivos - nutre de vida e poder vital o universo por onde passa. (Granier, 2022, p.187).

O chão ali escondido também guardava essa “intencionalidade-força” para emergir, ressurgir e frutificar. Qual a intenção da terra senão ser berço para tantas espécies de vida? Quando a menina pede ao pai para que ele “descubra o chão”, tirando o cimento, ela abre diversas possibilidades para aquele local, antes árido. Muitas espécies passam a habitar aquele lugar: minhocas, bactérias, raízes, nascendo novamente com o pé de tomate, com a couve e todo o universo infinito que agora retorna com a libertação da terra.

A professora Bárbara falou com alegria e emoção sobre esse acontecimento do projeto *As hortas saem da escola*. Segundo ela, essas histórias não têm preço, pois são memórias que ela guarda com muito carinho. Nós, que tivemos a oportunidade de escutar sobre esses e outros projetos, nos sentimos importantes, por sermos guardiões dessas vivências tão especiais. Ademais, as experiências narradas despertaram muitas ideias e possibilidade de trabalho no *Agroflorestar* e nas nossas vivências no colégio como um todo.

Além do projeto da horta, ela compartilhou conosco também um projeto de reciclagem de papel.

Um dia eu vi assim, me chamou atenção, a quantidade de papel que a escola produz de lixo, né? De lixo limpo, de papel, lixo limpo. Eu fiquei imaginando. Falei “gente, tem que fazer uma coisa, tem que haver uma maneira de a gente reciclar isso aí, né?”. (Entrevista com Bárbara Castaño, 22 de maio de 2022).

A produção de papel no ambiente escolar de fato é muito grande. No nosso colégio, sobretudo na época da Pandemia de Covid 19, quando os estudantes tiveram que buscar e trazer apostilas para o ensino remoto, a quantidade de papel gasto foi enorme. E na ocasião, nós ficamos pensando em soluções para esse papel. Em sua época, a professora Bárbara viu a possibilidade de transformar o papel comum em papel reciclado. E fez com seus alunos e alunas. Mesmo não tendo um liquidificador apropriado para triturar o papel, ela encontrou outras soluções, e muito do lixo que seria descartado sem nenhum tratamento se transformou em material para a feitura de cartões e outros trabalhos artísticos.

Sabemos que ações semelhantes, feitas sem uma visão crítica da sociedade, podem ocasionar, no ambiente escolar, uma Educação Ambiental que nos leva às *Armadilhas Paradigmáticas* definidas por Guimarães (2004, p. 123) como sendo:

[...] um fazer pedagógico atrelado ao “caminho único”, traçado pela racionalidade dominante da sociedade moderna e que busca ser inquestionável. É esse processo que gerando, predominantemente, ações educativas reconhecidas no cotidiano escolar como educação ambiental e que, por essa armadilha paradigmática na qual se aprisiona professores, apresenta-se fragilizada em sua prática pedagógica. As práticas resultantes (por não saberem fazer diferente) tendem a reproduzir o fazer pedagógico da educação tradicional, inebriando a perspectiva crítica e criativa no processo pedagógico, produzindo predominantemente na realidade escolar uma educação ambiental de caráter conservador. Essa abordagem que homogeneiza e superficializa o discurso de EA – com perda do caráter crítico (por estar refém dessa armadilha paradigmática) – serve a e está a serviço de uma concepção de sociedade e seu projeto de educação, que é hegemônico.

No entanto, esse não era o caso da ação da professora Bárbara, que em seus projetos se mostrou muito consciente de suas ações, atuando no coletivo de forma crítica. E podemos ver isso, em sua participação ativa no projeto: “Curso de Culinária para a Comunidade”.

Esse curso era oferecido para as pessoas da comunidade escolar, não somente do Colégio Dom Ottorino Zanon, como também de outros colégios do município. A professora ministrava, com a ajuda das cozinheiras da escola, um curso para ensinar as pessoas receitas alternativas, a fim de evitar o desperdício de alimentos. Essas receitas,

que poderiam ser de xaropes, balas medicinais, dentre tantas outras, visavam dar às pessoas uma oportunidade de melhorar sua qualidade alimentar.



Figura 57. Foto da Professora Bárbara ministrando o curso: “Curso de Culinária para a Comunidade”. Fonte: acervo pessoal de Bárbara Castaño.

Esse projeto era oferecido gratuitamente, mas pedia para os participantes a doação de dois livros de literatura infanto-juvenil. Esse comprometimento com a divulgação de conhecimentos para a comunidade e a valorização da leitura demonstra que os projetos dos quais a professora fez parte estavam alinhados com as questões sociais. E essa relação de compromisso ficou ainda mais evidente quando a professora foi convidada a participar do grandioso projeto da *Farmácia de Fitoterápicos*, que aprofundaremos a seguir.

A Farmácia de Fitoterápicos: remédios que nascem do chão

Além da professora Bárbara, obtive informações sobre o tempo da farmácia de fitoterápicos que funcionou no colégio com Cristina Magnanini, que também foi professora na mesma época³⁰. De acordo com ela, o projeto da Farmácia de Fitoterápicos no colégio Municipal Dom Ottorino Zanon aconteceu a partir de uma parceira com um projeto estadual, criado em 1996, denominado “Programa Estadual de Plantas Mediciniais (Proplan), com o objetivo de estabelecer políticas públicas nas áreas de preservação, pesquisa e uso de plantas medicinais” (Travensoli, 2016, p. 29).

A professora Bárbara nos contou mais como se deu o início desse projeto a partir da sua experiência:

Como a gente ia a Viçosa sempre e eu comecei a sempre que eu ia a Viçosa [Universidade Federal de Viçosa- Semana do Fazendeiro] a me interessar pelas plantas de medicinais, então, sempre que eu ia eu conhecia uma novidade, aí eu comecei a plantar mudinhas. Comecei a perguntar para as crianças se elas tinham, eles me trouxeram muitas mudas. Eu comecei com a ajuda deles porquê... e nem foi com o curso Técnico Agrícola, foi com as crianças, sabe... (alunos do ginásio). “A minha vó tem isso” e vinham com aquelas mudas muitas vezes repetidas... Aí a gente começou a plantar, eu comecei com aquela parte ali de trás do refeitório, em caixotes, sabe? Tinha as mudinhas todas em caixotes, identificadas com os nomes e tal, né? E aí um dia o prefeito veio nos visitar, o prefeito que estava era o Jair Alexandre, e quando ele viu aqueles caixotinhos ele ficou deslumbrando com aquilo ali. E, perguntou se era eu que era a responsável e tal e qual era a ideia... E aí ele falou: “olha, você continua nessa linha aí, e pode aumentar a produção, porque eu vou fundar um laboratório de manipulação dentro da escola”. Eu não dei muita bola. [risos] Isso é conversa de político, conversa fiada, não vai dar em nada isso. Mas gente, eu fiquei surpresa. Uns dois meses depois, aí começou um movimento, sabe... Porque vai ter laboratório, porque vai ter, vão mudar, vão fazer isso e aquilo, aquele quebra-quebra de parede não sei onde, sabe... E realmente. Aí um dia ele voltou na escola e perguntou: “você já começou o plantio das plantas?” (Entrevista com Bárbara Castaño, 22 de maio de 2022).

Dessa forma despretensiosa, plantas como camomila, erva cidreira, capim limão, boldo, confrei, eucalipto, dentre tantas outras, serviriam de matéria prima para os primeiros remédios que seriam fabricados nos laboratórios que, de fato, foi implantado

30 No dia 20 de setembro de 2023, a professora Cristina Magnanini entrou em contato comigo pois havia encontrado alguns documentos da época da Farmácia de Fitoterápicos que seriam interessantes para minha pesquisa. Conversamos através do Google Meet. No entanto, devido à proximidade da defesa da tese, essa “entrevista” não foi transcrita como as demais, servindo como material complementar aos dados coletados anteriormente. Ainda assim, algumas informações mais importantes foram incluídas a partir dos documentos apresentados pela professora (em anexo na tese).

dentro do colégio. De acordo com Cristina Magnanini³¹, as plantas que eram cultivadas nos canteiros do colégio, atendendo apenas as finalidades didáticas do curso de Técnico Agrícola, passaram a ser transformadas em remédios nesse primeiro Laboratório Municipal.



Figura 58. Foto do Laboratório de Manipulação de Remédios, produzidos a partir da horta de medicinais. Fonte: Revista Regional, abril de 1995.

A força daquelas plantas, carregadas de sabedoria fez com que algo simples e ao mesmo tempo grandioso se sofisticasse a ponto de produzir remédios para a população com qualidade e baixo custo.

³¹ Palestra proferida por Cristina Magnanini no salão da Câmara Municipal de Itatiaia, durante a solenidade da Academia Itatiaense de História, em 13 de setembro de 1997. Documento em anexo.

COMPARAÇÃO DE PREÇOS (R\$)

Produto	Itatiaia	Mercado
CINARIZINA 75 mg c/30 (droga usada para labirintite, vertigem, arteriosclerose)	0,70	5,69
HIDROCLOROTIAZIDA 50 mg c/30 (diurético)	0,40	1,70
DICLOFENATO SÓDICO 50 mg c/20 (anti-inflamatório)	0,70	5,46
CINEDITINE 400 mg c/16 (para gastrite, úlcera)	1,00	11,77

Não usamos o nome fantasia do remédio, mas o nome do princípio ativo. O preço foi calculado com base no custo da matéria-prima, embalagem, etiqueta, mão-de-obra, equipamentos, luz e combustível, exceto o lucro.
Fonte: Secretaria de Saúde de Itatiaia.

Figura 59. Tabela de comparação de preços dos remédios feitos pela farmácia do colégio e os das farmácias externas.
Fonte: Revista Regional, abril de 1995.

Na tabela, observamos que a diferença de preço era muito significativa, sobretudo para as pessoas mais pobres, que podem comprometer boa parte do orçamento com compra de remédios. Para além disso, de acordo com a matéria da Revista Regional, a economia para o próprio município era muito expressiva, pois eram distribuídos remédios feitos no laboratório da escola também nos postos de saúde. Infelizmente o laboratório durou poucos anos, sendo desativado por questões políticas:

O laboratório [acabou] porque o curso acabou, quando teve aquela passagem do MEC [Ministério da Educação] de que o município não seria mais responsável pelo Ensino Médio. Mas eu acho que teve muita falta de vontade política na época, tudo isso poderia ter ficado no município, não interessa se o curso já tivesse acabado, mas o que já estava aqui poderia ter continuado porque a gente conseguia se sustentar com isso, entendeu? É uma coisa autossustentável. Mas acabou, os técnicos foram embora, né? Quer dizer, alguns foram

remanejados, alguns, eu, por exemplo fui embora, não quis ficar e a coisa acabou-se. (Entrevista com Bárbara Castaño, 22 de maio de 2022).

Todo o investimento de trabalho, de pesquisa, de tantas pessoas, como a professora Bárbara, a professora Cristina e tantas outras; o trabalho vindo das mãos de pessoas como o senhor Luís, que de acordo com a professora Bárbara era maravilhoso: *“Seu Luís! E ele que ficava ali do meu lado, plantando, adubando, com húmus e tudo mais e a gente conseguiu fazer isso aí”* (Entrevista com Bárbara Castaño, 22 de maio de 2022); ou como o farmacêutico Azevedo, que, de acordo com a revista Regional (abril de 1995), se sentida realizado com o trabalho desenvolvido: *“Aqui estou tendo a oportunidade rara de realização profissional, desenvolvendo um trabalho que o que conta é o interesse da coletividade [...]”*. Um empreendimento que, como disse a professora, seria autossustentável, mas acabou.

O projeto da farmácia durou aproximadamente três anos e deixou marcas na história do colégio. De acordo com a professora Cristina Magnanini, o Prefeito da época, Almir Dumay, acreditava que Penedo deveria investir em formação de turismo e, por essa razão, não necessitaria continuar com um projeto que nada tinha a ver com a vocação do lugar. Ao final, ficaram apenas as lembranças dos pedidos antigos e das receitas de xarope e os canteiros vazios.

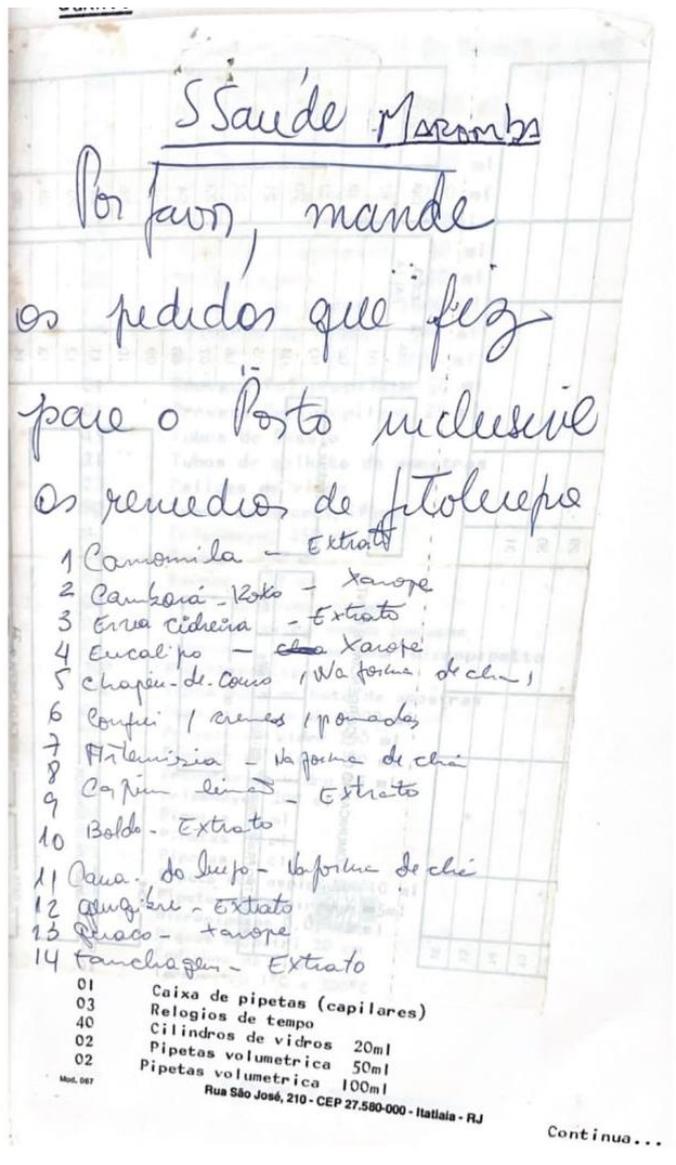


Figura 60. Pedido de remédios da antiga Farmácia de Manipulação do colégio. Fonte: acervo de Cristina Magnanini.

Esse trabalho de conexão com as ervas, trazendo à tona saberes dos povos originários, compartilhados por tantas mãos, de forma coletiva, a partir da contribuição inicial dos alunos e alunas, doando suas mudas, acabou e ficou apenas nas memórias dos que participaram desse tempo.

E nós, em uma conversa, nesse espaço de *ComVivência Pedagógica*, tivemos a chance de acessar essas memórias, que nos causam indignação, mas também esperança. Afinal, “Ensinar exige compreender que a Educação é uma forma de intervenção no mundo” (Freire, 2011, p.96). E professora Bárbara, bem como todas/os as/os demais envolvidas/os nesse projeto, entendia muito bem essa forma de intervir no mundo. Como foi visto, no mesmo período que findou a Farmácia, acabou também o curso de Técnico

Agrícola. No entanto, essa conversa com a professora Bárbara nos fez compreender muito desse passado no colégio. Uma vez que tomamos conhecimento dele, pareceu necessário aproveitar essas experiências em nossas práticas no presente.

“Agora queremos ouvir vocês”: Roda de Conversa sobre a Práxis das Professoras no presente



Figura 61. Professoras participantes da pesquisa: a primeira professora, de macacão florido, é Sabrina; ao seu lado, de blusa rosa, a Joseli (Jô); ao lado da professora Jô está a Rosângela; ao lado da professora encontra-se Rosane; a quinta professora é a Rafaelle; ao seu lado, Laís; de blusa verde Priscila; a penúltima professora é a Fabíola; e por fim Cassia Viana. Fonte: acervo da autora.

No dia 21 de outubro de 2022, fizemos a nossa “Hora Atividade”, que consiste em um momento de reunião mensal, de aproximadamente duas horas. Nesse encontro, chamado de *Agora queremos ouvir vocês*, queríamos avaliar o projeto *Agroflorestar*, que já estava acontecendo na prática há alguns meses. Esses relatos foram gravados com a autorização das professoras e depois transcritos para que eu pudesse fazer essa análise de maneira mais próxima com a fala das professoras – a transcrição dessa Roda de Conversa está no Anexo II desta tese. Estava presente nesse encontro, além das professoras, o educador Alexandre.

A ideia era refletir sobre como o projeto havia acrescentado na formação das professoras em relação a Educação Socioambiental. Houve, então, muitos relatos de extrema importância, que nos dão pistas de que caminávamos para uma nova maneira de enxergar a Educação Ambiental: mais lúcida, mais crítica e mais próxima de uma ruptura com as Armadilhas Paradigmáticas (Guimarães, 2004).

Como ponto de partida, é interessante a percepção da professora Jô (Segundo Ano do Ensino Fundamental) em relação ao projeto, presente nessa fala:

[Os homens] *queimam destrói* [sic], *será o que faltou? Será que lá quando começou [a escola] será que faltou um lugar como esse? Será que as nossas crianças com essa vivência, tudo isso, não vão ter uma mentalidade diferente daqui a um tempo? É por isso que plantar é importante, sem o interesse de colheita, mas que vai ter uma boa colheita eu tenho certeza.* (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês”, 21 de outubro de 2022).

A colheita, no caso, seria justamente essa consciência em relação ao meio ambiente. Nós, como educadores e educadoras socioambientais em formação, estaríamos, nessa analogia, plantando em nossas crianças novas sementes. Talvez, como observa a professora Jô, isso permitiria que tivessem uma percepção diferente sobre as questões ambientais. Dito de outro modo, com afeto pela natureza, surgiriam possibilidades de um cuidar mais efetivo. E essa semente também está em cada um de nós, que tem a oportunidade de encontrar nesse espaço uma chance de rever a própria forma de se relacionar com o meio ambiente. O cuidado só ocorre com algo que nos é valioso. A Jô, em sua avaliação, disse que esse espaço da horta é espetacular. Essa percepção da professora se deve às mudanças e reflexões que ela teve a partir da horta como espaço educativo, porque ela é mais que uma horta; se tornou, com nossa mediação, um espaço de troca de saberes.

E os saberes trasbordam o ambiente escolar, com reflexões sobre a própria sociedade, como aponta a professora Priscila, que leciona para o terceiro ano do Ensino

Fundamental I. Ela chama atenção para a questão do tempo, especialmente para a rapidez vivida no mundo atual, no qual vamos ao mercado comprar as verduras sem termos noção de todo o processo de cultivo que aconteceu antes:

Você vai lá no mercado compra uma couve pronta, uma alface pronta, na horta você precisa plantar, precisa cuidar, a partir dali você vai esperar crescer pra depois colher. Eles [alunos] são muito imediatistas, né? Eles não têm paciência, são muito imediatistas e na horta eles conseguem ter essa percepção do tempo. (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês” 21 de outubro de 2022).

Essa observação da professora nos remete à ideia de como todos nós, mas sobretudo os mais jovens, da geração dos nossos alunos e alunas, temos, hoje, uma percepção de tempo muito diferente. Quando a professora fala sobre o imediatismo das coisas, é importante notar que essa visão do tempo dificulta uma *Postura Conectiva* (Granier, 2022). Queremos que tudo seja para agora e esse “não esperar” nos acelera e nos faz consumir muito mais tudo; uma vez que tudo nos chega de forma muito rápida, não damos valor ao processo e não sabemos nem como ele acontece.

Como escreve Chassot (2006), mostrar aos mais jovens como aconteciam (e acontecem) os processos de feitura das coisas em outros contextos é importante. Isso porque no passado, assim como em outras culturas, que ainda têm uma relação mais artesanal de trabalho, a noção de passagem do tempo é significativamente diferente, bem como o conhecimento sobre as diferentes etapas do processo de produção. Atualmente, esses jovens não entendem como tudo que temos é uma construção. Desse modo, como bem disse a professora em seu relato, a couve está “pronta” no mercado e ninguém pensa sobre de onde ela veio ou como ela foi cultivada. Assim, não se sabe o trabalho que se tem para chegar até o momento de colheita; não se reflete sobre o uso de agrotóxicos; não se sabe a origem do que compramos. Nossos antepassados sabiam mais como tudo se dava, tinham que pensar alternativas para lidar com as pragas na plantação e sabiam da lua certa pra plantar, dentre tantos outros conhecimentos que as nossas crianças e muitos adultos não fazem a menor ideia.

Quando na História se narra sobre o advento do capitalismo, se fala sobre o empobrecimento do homem ao ser expropriado do seu modo de produção em relação ao seu fazer, ou seja, os bens produzidos. Essa expropriação também ocorre no campo dos saberes. Quanto mais o sistema Capitalista avançou, mais distante ficamos de todos os saberes vindo da terra e perdemos o controle do trabalho:

Na medida em que aquela estrutura de controle do trabalho, de recursos e de produtos consistia na articulação conjunta de todas as respectivas formas historicamente conhecidas, estabelecia-se, pela primeira vez na história conhecida, um padrão global de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos. E enquanto se constituía em torno de e em função do capital, seu caráter de conjunto também se estabelecia com característica capitalista. Desse modo, estabelecia-se uma nova, original e singular estrutura de relações de produção na experiência histórica do mundo: o capitalismo mundial (Quijano, 2005, p. 118).

Dentro dessa ótica, podemos observar que temos uma visão fragmentada do todo, pois não sabemos como os produtos que sustentam as vendas no *sistema capitalista* são produzidos. E faz parte do sistema também não nos deixar saber. Afinal, por que eu preciso saber, por exemplo, se aquele produto foi produzido a partir de mão de obra análoga à escravidão? Por que eu preciso saber se esse produto degrada o meio ambiente? A quem essas informações importam? Essa ideia coaduna com a fala da professora Priscila:

Hoje, é muito confortável eu não lavar um prato não lavar o um copo e usar o descartável, eu usar a embalagem de isopor, mas eu não penso na consequência que aquilo vai trazer pra mim e às vezes eu nem me importo, porque não vai ser pra mim, vai ser daqui a alguns anos [as consequências], vai ser pro outro [...]. (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês” 21 de outubro de 2022).

A professora Jô, na ocasião da Roda de Conversa, complementou a ideia da professora Priscila dizendo que, talvez, nos comportamos dessa forma destrutiva pelo fato de não termos Educação Ambiental. Priscila acredita que é preciso mais:

É mais que educação, tem que ter consciência ambiental! Porque você ter educação, você ter recebido isso, o conhecimento, muitos recebem, muitos têm, mas é colocar isso em prática, é ter a consciência do que aquilo vai gerar. (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês”, 21 de outubro de 2022).

O que faz com que transformemos a informação/educação em conscientização? Essa é a grande reflexão, pois, como aponta Guimarães (2021), nunca se falou tanto sobre nem se fez tantas práticas de Educação Ambiental. No entanto, isso não se reflete no nosso comportamento, uma vez que a degradação do meio ambiente está cada dia maior. O que nos faz agir dessa forma? Em qual lugar esse processo está falhando? Quando teremos uma *Indignação Ética* a ponto de chegarmos a uma *Intencionalidade Transformadora* (Granier, 2022) dessa realidade na prática?

Quando ouvimos as professoras contarem sobre o *feedback* das crianças em relação às aulas na horta, pensamos que talvez projetos como esse sejam uma

possibilidade. A consciência acontece a partir do entendimento, da mediação, da troca de saberes e da proximidade com todo esse processo de produção. Nele, temos a oportunidade de acompanhar os milagres diários de uma semente se transformar em uma planta, que se transforma depois em comida. Assim, é possível perceber que a consciência não pode se dar em processos partidos, mas sim no entendimento sobre o todo. Se consideramos comprar o descartável por causa da praticidade, estamos pensando de forma egoísta, imediatista e partida, uma vez que não sabemos depois qual o destino daquele lixo. Não acompanhamos todo o processo, entregamos o nosso lixo e seguimos a nossa vida tranquilamente como se isso não fosse um problema nosso.

Então, espaços como o da horta, que permitem a vivência de todo o processo de produção dos alimentos, são bastante pedagógicos para um olhar menos egocêntrico. A própria oportunidade de colocar a mão na terra e aguçar os sentidos para o que está em nosso entorno talvez seja uma saída para a nossa reconexão com a “Mãe Natureza”. Porque justamente por termos uma visão incompleta de tudo isso, não conseguimos ter a consciência demonstrada nas nossas ações. Ter consciência apenas no discurso é o que podemos chamar de “*fake* consciência ambiental”³².

Pensando em possibilidades para romper com a “*fake* consciência ambiental”, um projeto como o *Agroflorestar*, que permite que semanalmente os estudantes estejam em contato com a terra, trabalhando temas relacionados a Educação Socioambiental, se tornam uma oportunidade interessante. Como existe esse espaço de trocas, as professoras têm a possibilidade de trabalhar os temas relacionados ao meio ambiente juntamente com demais temas curricular.

Como aponta a professora Sabrina, do segundo ano do Ensino Fundamental:

*Outra coisa é que a gente está trabalhando, é o trabalho no campo, né? E aí a gente falou da agricultura e [como] para a casa de tarefa de revisão eu pedi para desenhar, né, um exemplo da agricultura, da pecuária... aí meu aluno desenhou o quê? Ele desenhou a horta, nesse formato, ele desenhou a **nossa horta!** Ou seja, olha que coisa significativa! (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês”, 21 de outubro de 2022, grifos nossos).*

Tal relato mostra que os nossos alunos e alunas estão tendo a oportunidade de observar, na prática, conhecimentos que estariam distantes, apenas nos livros. Eles se

³² Chamo de “Consciência Fake” em referência ao significado da palavra *fake* em inglês, ou seja, falso. Assim como usamos a palavra para notícias falsas (*fake news*), temos também uma falsa conscientização em relação a Consciência Ambiental, uma vez que muitas vezes sabemos que temos que mudar de hábitos, por exemplo, mas continuamos fazendo tudo da mesma forma.

apropriam desse espaço e fazem conexões com outros saberes. É interessante notar que a professora também, em sua fala, se apropria desse espaço quando ela fala “a nossa horta”, ou seja, de um espaço coletivo de produção de conhecimento. Essa apropriação, tanto dos alunos e alunas como das professoras, é recorrente, como reforça a fala da professora Rosane, do quinto ano do Ensino Fundamental:

No quinto ano a gente está trabalhando a qualidade ambiental, né? Junto com a sustentabilidade e aqui eles puderam observar. Teve até comentário na sala [sobre] as duas questões, a qualidade, né, e a falta de qualidade, que é ali na descida com a fossa escorrendo esgoto, o contraste, né? Porque lá aborda assuntos de esgoto a céu aberto. “Tia, o que que é o esgoto?” porque eles não sabem, não sabiam o que significava esgoto [...]. (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês”, 21 de outubro de 2022).

Nessa fala da professora, podemos observar que o colégio no qual essa pesquisa acontece, como já descrito em outro momento, é uma mostra da nossa sociedade. Assim, temos ali exemplos concretos do que pode ser bom e do que pode ser ruim para o meio ambiente. Na descida para o local de plantio, temos uma fossa com esgoto vazando. Embora esse esgotamento seja de água da cozinha, e não contamine por estar longe, é algo que nos preocupa. Dessa maneira, muitas reflexões são inferidas nesse trajeto do prédio da escola até a horta, tais como: Por que nós temos essa realidade tão absurda ocorrendo no chão da escola, sendo que temos ali também a horta, um espaço de múltiplos saberes e possibilidades? São contradições que ocorrem diariamente em nossa sociedade.

Partindo novamente da ideia de “conscientização *fake*”, ela sempre vem de maneira desassociada das questões sociais. Por isso, não podemos desconectar o espaço escolar da vida na sociedade:

A escola, ao imprimir em seu cotidiano, por meio das práticas pedagógicas, das políticas educacionais e das estruturas curriculares, a lógica da fragmentação, da individualização atomística de professores e alunos, descontextualizada e não questionadora, dificulta o estabelecimento de nexos se na escola, como reflexo da sociedade [...]. (Guimarães, 2004, p. 212).

Quando as crianças fazem essa relação do conteúdo curricular com a realidade vivida pela escola, elas estão, justamente, tendo a possibilidade de uma consciência verdadeira sobre essa realidade. Elas entendem, não de maneira fragmentada, mas por inteiro, o que ocorre dentro da sociedade, saindo desse modo de educação disjuntivo, no qual o conhecimento não vai provocar nunca uma *Intencionalidade Transformadora* ou uma *Indignação Ética* (Granier, 2022). Unindo a teoria e a prática, temos, enfim, uma

educação ambiental de fato consciente, na qual os alunos e alunas sentem prazer em aprender.

O prazer em aprender!

Um indicador de que a escola está fazendo sentido para os estudantes é quando elas gostam de frequentar as aulas. E em nosso projeto, observamos a alegria das crianças quando é o momento de descer para horta, como fica perceptível nesse importante relato trazido pela professora Priscila:

Eu acho interessante que o horário da gente vir pra cá [horta] era o horário da aula de informática, que a gente está sem mediador. Antes de vir pra cá, eu mesmo levava eles [sic] pra lá, porque eu consigo mexer lá na informática sem o mediador e eu coloquei o horário de informática lá na sala, o dia que chover, o dia que o Alê não tiver, o dia que não der, a gente vai pra informática. Eles priorizam ir para horta do que ir para informática, que é uma coisa que eles estão o tempo inteiro ligados devido a questão dos jogos. (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês”, 21 de outubro de 2022).

Esse é um dado muito relevante, porque é comum ouvirmos que as crianças estão viciadas em tecnologia. No entanto, como observado na fala da professora, elas preferem estar na horta, em um espaço a céu aberto, do que no ambiente tecnológico da sala de informática. Será que nossas crianças estão tão ligadas nesses dispositivos tecnológicos porque também não são ofertadas a elas outras vivências?

Segundo Tiriba (2010), “as crianças têm verdadeiro fascínio pelos espaços externos porque eles são o lugar da liberdade” (p .33). Talvez, as crianças tenham que aprender a sentir esses espaços onde elas podem correr e ser livres, “onde as vivências têm fruição, onde o adulto não controla seus corpos e o desenvolvimento integral é a prioridade, e não apenas o desenvolvimento das capacidades intelectuais (Tiriba, 2010, p.40). Dessa forma, abre-se possibilidade para as “Posturas Conectivas”, uma vez que esses espaços permitem uma conectividade com a Natureza, com os outros e consigo mesmo.

A professora Rosana, do quinto ano do Ensino Fundamental, reforça a fala da professora Priscila em relação a essa alegria de estar na horta:

Outro dia aqui bateu o recreio, o Alê estava aqui na experimentação da alface... Não! [Estavam] na plantação da abóbora, estavam plantando abóbora. Tinha fila imensa ali pra plantar abóbora e deu a hora de ir para o recreio. Eu falei “Alê acho que não vai dar pra todo mundo plantar”. Eles disseram: “não, tia, dá sim!”. Eu sei que deu a

hora e eles foram plantando e foram saindo e quem ficou aqui após o recreio [sinal do recreio] não fez a mínima questão de sair correndo. Eles deram prioridade a plantar as sementes de abóbora do que ir para o recreio. E o recreio pra eles, a gente sabe, é primordial. Pra você vê [sic] a importância, o valor que tão [sic] dando, está dando muito prazer a eles. (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês”, 21 de outubro de 2022).

Quem leciona para crianças sabe o quanto o recreio é um dos momentos mais desejados por elas. No entanto, esse relato da professora nos mostra que as crianças priorizaram a permanência na horta, plantando e conversando com Alexandre, do que o recreio. Vale lembrar, ainda, que o recreio, mais que momento de brincar e interagir, é a ocasião em que muitos vão fazer mais uma refeição, refeição essa que pode ser a última do dia para diversos estudantes. Essa realidade mostra o quanto esse espaço é significativo para os nossos alunos e alunas. Nos mostra, também, que a nutrição é algo muito além do que comemos, pois as crianças nesse espaço estão sendo nutridas de outras maneiras.

Essa importância não é perceptível somente entre alunos e alunas, mas também entre as docentes, como observamos na fala da professora Rafaelle, que leciona para as crianças do quarto ano do Ensino Fundamental:

[...] o dia que tá chovendo que não dá pra descer eles ficam tristes. Até pra gente, né? É uma troca de aprendizagem até pra gente, porque o dia que eu vim aqui, o Alê falou: “a gente tem que plantar a alface há uns vinte centímetros de distância”. Na minha casa tem uma hortinha, porque meu quintal é muito grande lá em cima. Meu esposo plantou aquela alface americana, mas não saiu muito. Eu falei “já sei! O tio Alê me falou, você plantou muito junto!” [risos]. Ficaram muito juntas aí não saiu. O tio Alê falou que tem que ter uns vinte centímetros de distância uma para a outra. Então, quer dizer, coisa que eu nem sabia, já levei para casa, já passei para o meu esposo. Da próxima vez vou fazer diferente, entendeu? Aqui é uma troca de conhecimento com os alunos, com os professores... é muito rico esse espaço. (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês”, 21 de outubro de 2022).

Como observamos no relato da professora, o aprendizado sobre as questões relacionadas ao plantar, ao colher, a relação com a Natureza faz com esses conhecimentos sejam levados para a vida prática de cada uma. E é sobre essas mudanças na vida prática que iremos aprofundar a seguir.

E na prática da vida de vocês, o que mudou?

Em seguida a todos esses depoimentos, eu fiz uma provocação para as professoras: “em termos de Educação Ambiental, na prática de vocês, vocês têm pensado mais nessa questão depois que teve a horta aqui? Como é que está isso na vida de vocês?”. Nesse

momento, eu tentei trazer para as professoras o *Princípio da Reflexão Crítica*. Porque até aquele instante, elas estavam falando sobre o projeto e sobre a relação das crianças com ele. Mas eu quis provocar nelas essa reflexão. E nós? Como toda essa vivência tem afetado o nosso comportamento, as nossas vidas, nosso comprometimento com as causas ambientais? Será que estamos conseguindo sair das *Armadilhas Paradigmáticas* (Guimarães, 2004), tão cotidianas em nossas vidas escolares? A professora Jô responde:

Eu acho que nos torna mais responsáveis, se nós estamos estudando um tema tão importante para os nossos alunos, o exemplo é fundamental. Se eles agora têm o conhecimento de que é preciso cuidar do ambiente em que estão vivendo e nós não pararmos pra refletir também, né, ficaria vazio o que a gente passa pra eles. Então não tem como não pensar. Não tem como não reavaliar as ações, repensar as ações. O quê que é importante para que o ambiente esteja bom, né? (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês”, 21 de outubro de 2022).

Essa tomada de consciência é muito importante para não cometermos o mesmo erro sempre. E isso passa pela reflexão, pelas conversas e pelos momentos nos quais podemos trazer para as docentes em formação essas provocações, porque, no geral, seguimos no automático, fazendo o nosso trabalho de educar as crianças de forma curricular, no sentido de cumprir apenas um protocolo, mas, muitas vezes, sem converter os aprendizados em atitudes práticas.

As atitudes práticas passam também pela perspectiva do cuidado, e a conscientização muitas vezes vem pelo exemplo, como observamos na fala da professora Sabrina:

E assim as crianças acabam tendo aquele... esqueci a palavra... a noção! De que tem que cuidar do meio ambiente, o meio em que a gente vive! Então, lá na sala acabou a aula, não é todo dia que a gente consegue fazer isso, porque hoje, por exemplo, foi um pouquinho corrido, mas foi uma novidade, né? Mas eles mesmo fazem, eles arrumam as carteiras, eles fecham a janela, eles guardam as minhas coisas, do jeito deles, mas eles guardam. Então a gente cria uma consciência. Quem sabe, criando uma consciência assim, ó: a gente tem que cuidar da horta, a gente tem que cuidar da nossa escola, da nossa sala [...]. Porque parece coisa simples, mas na verdade não, tem muito valor, né? Porque hoje em dia as pessoas não se importam mais com nada, deixa tudo de qualquer jeito, tudo relaxado, porque tem alguém pra limpar, porque tem alguém pra apagar a luz, porque tem alguém pra fazer. Mas criar essa consciência neles, de que eles, por pouco que seja, podem fazer a parte deles, eu acho importante. (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês”, 21 de outubro de 2022).

A professora traz uma reflexão muito relevante acerca do cuidado e da consciência do cuidado. Quando ela fala que as crianças aprenderam a zelar pelo espaço da sala de

aula, cuidando, limpando e guardando, isso foi um processo. Os alunos e alunas não se comportavam dessa maneira de forma automática: o cuidar foi ensinado a elas. A partir do momento que elas entenderam que eram responsáveis por cuidar daquele, isso passou a ser um hábito. A professora Sabrina tenta trazer essa questão do aprender para as questões ambientais. Não zelamos pelo que não vemos importância, ou seja, não cuidamos do que não tem sentido para nós. Esse automatismo das nossas atitudes vem, sobretudo, da falta de consciência que temos. Como anteriormente relatou a professora Priscila, as crianças não conhecem o processo de cultivo do alimento e não sabem o caminho percorrido até as verduras estarem nas prateleiras dos mercados. Igualmente, não sabem sobre a poluição, a quantidade de lixo que consumimos, quanto tempo demora para ele se degradar, dentre tantas outras questões relevantes quando pensamos em Educação Socioambiental.

Ademais, sabemos que o contato com a Natureza, atualmente, tem ficado cada vez mais escasso, sobretudo nas grandes cidades, nas quais o número de prédios tem substituído a vegetação. E nesses locais, raramente temos uma área verde na qual as crianças possam brincar. Além disso, como relata a professora Fabíola, do primeiro ano do Ensino Fundamental, as mudanças são também devido ao acesso exagerado às tecnologias digitais, dentre outras questões que aumentam ainda mais esse afastamento:

E não é trabalhado mais isso nem nas escolas, nem na família, né? Antigamente, as pessoas tinham consciência do local onde ele está [sic], sobre a terra o contato, a nossa infância era assim. Eu lembro que meus pais, eles não tinham nenhuma dificuldade de falar assim ó: “pode se sujar, pode ter esse contato [com a terra]”. Hoje em dia não, hoje em dia a tecnologia, a televisão, a falta de tempo das famílias, imediatismo, acaba [sic] fazendo com que essa nova geração, eles percam a essência da responsabilidade de que eles precisam preservar uma coisa que é para o futuro deles, dos netos deles. (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês”, 21 de outubro de 2022).

Esse “estar em contato com a terra”, como aponta Léa Tiriba (2019), deve ser um compromisso da nossa sociedade. O desemparedamento das crianças, segundo a autora, é fundamental para o desenvolvimento integral delas, além de ser crucial para formarmos pessoas realmente conscientes e comprometidas com as questões ambientais.

No nosso espaço da horta, como observamos no depoimento das professoras, as crianças aproveitam porque adoram estar ali. No nosso cotidiano, observamos que muitas voltam mais tranquilas para a sala de aula. Outras, que no começo tinham uma certa dificuldade em tocar na terra, já não têm nenhuma reserva. E essa satisfação é perceptível também no comportamento das próprias professoras, como relata a professora Fabíola:

E assim, uma coisa que eu achei surpreendente quando eu cheguei aqui, que a Cassia falou: “eu vou te levar num espaço mágico!” e ela me trouxe aqui, eu falei: “gente, uma horta!”. E eu não tinha contato com uma horta. E eu pensei “E agora? O que que eu vou fazer?”. As plantas não gostam de mim e eu não gosto delas, não tenho um amor, não tenho um carinho, mesmo eu gostando da Natureza, enfim... mas... desde que aquele primeiro dia que eu me apresentei até hoje, eu tive uma transformação muito grande. É sério! Hoje em dia eu tenho plantas na minha casa, gente! [risos] Eu me preocupo de cuidar. Ganhei uma orquídea agora que eu investiguei como que cuida de uma orquídea. Esses tempos eu perguntei pro Alê como que fazia aquela questão da germinação, da preparação da terra, porque tudo isso é importante. E eu sei que, por exemplo, as nossas crianças, quando elas crescerem, elas vão ter uma experiência para passar para os filhos delas e outras pessoas, outras crianças que vierem para cá também terão essa diferença, esse diferencial que é aquele trabalho de formiguinha, né? Um pouquinho aqui um pouquinho ali que quem sabe a nossa intenção de propagar pra todo mundo, mas enquanto não vai... essa experiência que temos aqui nessa horta faz com que as nossas crianças e até mesmo nós! (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês”, 21 de outubro de 2022).

Esse relato nos mostra o quanto o contato com o solo, com o processo de plantar, o simples observar do movimento de crescer das hortaliças e o ouvir o cantar dos pássaros, é extremamente pedagógico! Talvez essa mudança de comportamento, de tomada de consciência da professora, não fosse possível caso ela não estivesse experimentando. A partir dessa vivência, ela reviu seus comportamentos e passou a cuidar e gostar de plantas, algo que ela não havia experimentado na vida adulta. Pois como ela mesma relata anteriormente, em sua infância essa relação era mais próxima, incentivada pelos seus pais. Com o passar do tempo, na fase adulta, essa relação estava escassa, devido à falta de contato com a terra. O encantamento, relatado pela professora, se deve também às memórias afetivas que ela pôde resgatar daqueles tempos de infância. *O quê que eu vou fazer? As plantas não gostam de mim e eu não gosto delas, não tenho um amor, não tenho um carinho, mesmo eu gostando da Natureza, enfim...* No entanto, ao entrar em contato com o espaço da horta, todas as memórias foram ativadas e ela começou, a partir disso, a se conectar novamente com a Natureza. E ela disse ter sofrido uma transformação radical: ela teve uma “Postura Conectiva” com esse espaço, trazendo de volta nuances de sua vida que estavam apagadas e desconectadas:

Desta maneira, o Princípio “Posturas Conectivas” na formação de educadores ambientais propõe em suas provocações contribuir para que o sujeito se permita resgatar, restaurar, re-constituir o ser empático, amoroso, pertencente ao todo que é, na consciência de que são dimensões conectivas que fazem parte do *ser humano* (Granier, 2022, p. 136).

Ela resgatou esse “ser empático e amoroso” que, em certa medida, habita todos nós. Mas o afastamento da professora com a terra a fez perder essa conexão. Com isso, o comportamento dela reverberou esse distanciamento, a ponto de ela não saber como seria a sua relação com a horta e com as plantas, porque o sentimento era de que “as plantas não gostavam dela e ela não gostava das plantas”. Quando essa relação que ela tinha na infância com a natureza se perdeu e deu espaço a tamanha aridez? E que bonito foi ouvir a professora falar que naquele espaço de *ComVivência Pedagógica* (Guimarães, 2021) ela pode retomar essa relação tão importante para nossa humanidade.

Em seguida, ela fala sobre a possibilidade de criação de uma consciência. Quando alguém estabelece novamente essa conexão, passa a pensar nos cuidados com a natureza:

Sou prova disso. Mudamos a nossa forma de pensar e de agir. Eu falo que eu sinceramente não tinha nenhuma consciência, não tinha! De fazer a separação de lixo, mesmo a gente tendo isso nas escolas, mas no cotidiano, na nossa correria, não tinha. Aquele negócio, você faz do jeito que tem que fazer e deixa pra lá. Hoje em dia não, é tudo muito detalhado, porque igual as meninas disseram, a minha consciência me cobra muito. (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês”, 21 de outubro de 2022).

Vemos, nessa fala, ao menos três princípios: *Reflexão Crítica*, *Postura Conectivas* e *Intencionalidade Transformadora* (Granier, 2022). Isso porque foi a partir da “ComVivência Pedagógica” que ela teve a oportunidade de mergulhar num espaço diferente do que ela estava habituada. A partir do contato com outras pessoas e, conseqüentemente, com a troca de vivências, como o professor Alexandre, que compartilha saberes sobre a terra, trazidos da sua experiência quilombola e indígena, tudo isso possibilitou uma radicalidade necessária para o espaço escolar, comumente tão engessado. Essa radicalidade é uma das premissas da “ComVivência Pedagógica”. Foi a partir dessa experiência que as professoras puderam se reconectar e mudar sua consciência e seu comportamento. Como aponta Guimarães (2021), o principal objetivo da ação educativa não é resolver todos os problemas ou mudar imediatamente a realidade socioambiental, mas buscar a formação de sujeitos que sejam atuantes em suas práxis, ou seja, agentes do novo.

E dentro dessa ótica, temos a fala do Alexandre em relação ao projeto, mostrando a satisfação que essa práxis pedagógica pode nos trazer:

Pegando um pouco de cada fala, eu fico muito feliz, né? Fico imensamente feliz de estar contribuindo, não só para o corpo discente, mas para o corpo docente, né? E quando a gente faz esse tipo de trabalho e ouve isso das professoras, a gente percebe que isso também

está sendo impactado nas famílias, na das professoras e dos alunos também. Porque você... Nós quando passamos a trabalhar com a natureza, porque como eu sempre falo, as plantas ela não pula etapas [sic]. Ela é semente, começa ali pequeninha, e vai crescendo com o tempo até chegar o momento de ser colhida. E até quando ela passa do momento da colheita, ela dá pra comer, mas está amarga. Então a gente está aprendendo coisas novas, mesmo quando teoricamente as coisas não estão dando certo. E como eu já falei novamente, a planta não pula etapas, então a criança que trabalha nesse ciclo, como a gente fez a colheita de alface... Ela plantou a alface, ela ajudou a irrigar, ajudou, mentalizou a alface, agora está comendo a alface. Então ele fechou o ciclo. (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês”, 21 de outubro de 2022).

O “não pular etapas”, como fala Alexandre, foi bastante pedagógico na nossa experiência na horta, onde as crianças puderam acompanhar de perto todo processo de plantação das hortaliças, desde sua semente até o momento de colheita. Assim, aprenderam sobre paciência, por terem que esperar o momento do crescimento para colher; aprenderam que nem todas as plantas crescem ao mesmo tempo; aprenderam sobre a importância da água e do sol, dentre tantos outros conhecimentos, que agregam na formação de cada uma delas.

As falas das professoras demonstram o quanto o projeto foi agregador também para o processo formativo delas enquanto educadoras, da importância dessa aproximação com a terra, das suas mudanças de percepção e sobretudo de atitude em relação a preservação ambiental. E os frutos desse projeto se desdobraram para além da horta, como narrarei a seguir.

2.4 ALGUNS FRUTOS: ANÁLISE DE ALGUMAS PRÁTICAS NA HORTA E PARA ALÉM DA HORTA

O momento de plantar e a hora de colher: com as mãozinhas na terra

A sala
Era uma sala muito encantada
Não tinha cadernos não tinha nada
Ninguém podia fazer prova não, o conhecimento vinha
do chão.
Ninguém podia ser reprovado, com conhecimentos
acumulados!
Ninguém queria sair dali, porque os saberes brotavam
ali!
E era feita com muito afeto, sala de aula a céu aberto!
Cassia Viana³³



Figura 62. Crianças plantando na horta. Fonte: acervo da autora.

O momento de plantar sempre foi um momento de ação e espera. É muito simbólica a ideia do plantar e do colher; não por acaso, podemos observar várias analogias

³³ Paródia da música “A Casa”, de Vinicius de Moraes.

na literatura e na poesia que relacionam esse processo com a nossa própria vida. E essa importância, não somente simbólica, mas também prática, foi sentida pelos nossos alunos e alunas em todos os momentos de plantação e colheita. Eles foram convidados a plantar as primeiras sementes; depois, a entender com quais nutrientes e adubos a terra foi tratada e o porquê de usar aqueles fertilizantes; o que iam plantar em cada época, dentre tantos outros aprendizados. Nesse momento, podemos observar a *Postura Conectiva* acontecendo, porque eles tiveram a oportunidade de colocar as mãos na terra, acompanhar o crescimento das sementes e entender como o processo acontecia do plantio ao consumo das hortaliças.



Figura 63. O momento de plantar: crianças semeando com ajuda do Alexandre. Fonte: acervo da autora.



Figura 64. A roda. Fonte: acervo da autora.



Figura 65. O momento de colher: colheita das alfaces. Fonte: acervo da autora.

Esse processo de plantar e colher trouxe várias reflexões importantes relacionadas ao tempo da experiência humana: nossa passagem nesse planeta como seres humanos em seu processo de nascimento, envelhecimento e morte. O professor Alexandre sempre faz uma analogia com as crianças, sobre as sementes como sendo como as sementes dos nossos pais; a sementeira como sendo o berço das hortaliças, que assim como nós, vão ficar um tempo por ali sendo cuidadas para ficarem prontas para as próximas etapas. Dessa maneira, as crianças entendem um pouco sobre a própria vida delas. Conversamos sobre a reprodução humana, e nos colocamos também como seres vivos, assim como as plantas. Quando falamos sobre a nutrição das plantas, falamos também sobre a importância de nos nutrir. Do mesmo modo, quando regamos as plantas, falamos com as crianças da importância de nos hidratarmos. Assim, caminhamos em uma verdadeira *Postura Conectiva*, dando sentidos àquela vivência:

Ao agregar sentidos e desvelar diferentes esferas implicadas na existência, tal dimensão situa o humano como um ser de relações que transcendem as perspectivas individualistas, antropocêntricas, alienantes, possibilitando ao sujeito vivenciar a experiência significativa de um existir integrativo, voluntariamente conectado com

o universo interno e externo, numa perspectiva relacional de complexidade. (Granier, 2022, p. 119).

Dentro dessa possibilidade integrativa, o tempo da Natureza nos faz perceber sermos muito mais integrados do que a nossa sociedade nos faz crer, pois temos necessidades básicas muito parecidas com as das plantas. Assim, por meio dessas reflexões, o plantio deixa de ser uma atividade meramente mecânica; vai além, nos conectando com os nossos ancestrais, que também plantavam seu alimento, nos assemelhando mais do que nos afastando, nos reconhecendo com seres conectados em variadas perspectivas.

Sempre foi pedido aos alunos e alunas, no momento de plantar, que fizessem um pedido de prosperidade e de alegria, ou seja, que colocassem suas intenções em relação às sementes, para que, assim, junto com as sementes fossem plantados também seus desejos mais sinceros. E sempre foi bonito ver o quanto elas acreditavam, colocando ali, naquele momento, o que almejavam. Segundo o professor Alexandre, esses desejos ajudavam as plantinhas a prosperarem.

E nesse espaço de troca de saberes, as crianças aprendem de maneira interdisciplinar sobre vários assuntos relacionados ao currículo, bem como assuntos relacionados à formação humana, crítica e política, em variadas formas de conexão. Um exemplo foi quando aprenderam sobre a importância do sol para que as plantas se desenvolvessem. O professor Daniel, do Ensino Fundamental II, fez um experimento, no qual ele colocou um sombrite nas alfaces, tapando as mudas do sol em diversas camadas. Os alunos e alunas do Ensino Fundamental II, e também os do Ensino Fundamental I, puderam acompanhar o crescimento da alface. Assim, tiveram a oportunidade perceber que, com o passar dos dias, as mudas que não tomavam sol estavam crescer muito menos que as que ficaram expostas à luz solar. Com o experimento, as professoras do Ensino Fundamental I puderam utilizar o conhecimento aprendido e já trazer para as crianças o tema da fotossíntese. A partir das observações, o entendimento foi muito mais simples e eficaz, pois elas puderam observar na prática a falta que o sol fez para o crescimento das mudas.



Figura 66. Explicação sobre a importância do sol para o crescimento das plantas. Fonte: acervo da autora.

Explicamos ainda sobre nós, humanos, que também precisamos de nos expor à luz solar para a síntese de vitaminas, como a vitamina D, por exemplo, para ficarmos mais alegres e saudáveis. A partir dessas conexões, que nos aproximam muito das plantas, as crianças entendem que nós também somos Natureza, e na Educação Ambiental essa aproximação é fundamental, como escreve Guimarães (2004, p. 30):

Em EA é preciso que o educador trabalhe intensamente a integração entre ser humano e ambiente e se conscientize de que o ser humano é natureza e não apenas parte dela. Ao assimilar esta visão (holística), a noção de dominação do ser humano sobre o meio ambiente perde seu valor, já que estando integrado em uma unidade (ser humano/ natureza) inexistente dominação de alguma coisa sobre outra, pois já não há mais separação.

Essa visão de não dominação deve ser discutida por nós, como Educadores Ambientais, não somente em relação a Natureza, mas também em relação a nossos alunos e alunas. E estar em ambientes abertos, nos quais saímos da sala de aula fechada, organizada com cadeiras enfileiradas, faz parte desse processo. Nosso contato com as crianças no espaço da horta é mais próximo, mais livre e menos engessado, com mais “olho no olho”, em uma conexão com o outro, com o entorno e conosco também. Dessa forma, nos tornamos componentes daquele espaço natural, assim como outras entidades vivas que ali habitam.

Esse “olho no olho”, com espaço para as trocas, nos deu a possibilidade de ouvir as crianças/estudantes em dúvidas variadas. Em uma ocasião, por exemplo, um aluno nos indagou sobre o agronegócio e as grandes plantações de soja, e se essa era a melhor maneira de plantar. A partir desse ensejo, nós conversamos com as crianças sobre as práticas mais ecológicas de plantio, trazendo a Agrofloresta como uma possibilidade.

Nesse espaço de diálogos, as professoras encontraram alternativas para a criação de novos projetos, como o “Feira na Horta”, idealizado pelas professoras do primeiro ano, e sobre o qual veremos mais a seguir.

A Feira na Horta e Prêmio Paulo Freire

O projeto “A Feira na Horta”³⁴ foi criado pelas professoras Rosângela e Fabíola, do primeiro ano do Ensino Fundamental do colégio. Elas viram naquele espaço de troca de saberes a possibilidade de levar para as crianças/estudantes a experimentação, trazendo a importância da alimentação saudável: tema que está no currículo escolar, mas sobretudo, contribui para a manutenção da saúde das crianças.

No projeto, as professoras, junto com o Alexandre, mostravam para os alunos e alunas as frutas, suas características e importância nutricional, bem como o cheiro e a textura delas. Muitas das crianças nunca haviam comido algumas frutas, como kiwi e uva, e foi incrível notar a alegria delas em sentir novos sabores.

³⁴ Para conhecer mais, acesse o vídeo “Salada de Frutas – Projeto Feira na Horta” Instituto Toré.

Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/CiiOwG5rRAP/?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D Acesso em: 23 ago. 2023.



Figura 67. Professora Rosângela, cortando as frutas para a salada. Fonte: acervo da autora



Figura 68. Crianças degustando a salada de frutas no projeto “Feira na Horta”. Fonte: acervo da autora.

Na fotografia (**Figura 68**), é possível observar que as crianças estão usando os copos e colheres do refeitório. Essa foi uma questão que eu trouxe para pensarmos com as professoras. Notamos, muitas vezes, as *Armadilhas Paradigmáticas* acontecerem em nossas ações cotidianas, quando, por exemplo, utilizamos em uma atividade desse tipo

copos descartáveis e colheres. E foi partir de conversas que elas entenderam a necessidade de repensarmos a nossa prática, como fica evidente no relato da professora Rosângela:

Porque às vezes a fala é muito bonita, mas a prática não acontece. Então, a gente precisa disso, porque senão a gente, fala, mas estamos fazendo ao contrário, não está sendo exemplo. E outras vezes eu me lembro, que quando eu falei com a Fabíola “vamos fazer a salada de frutas?”, a Fabi animou, porque estava dentro do nosso conteúdo de alimentação saudável. Ai a Cassia falou assim “não deve levar nada descartável, vamos pegar os potinhos lá, eu pego os talheres lá [no refeitório]”, aí eu pego os talheres lá, aí a gente está falando a mesma linguagem. Porque se eu trago a salada de frutas e eu trago copo descartável, colher descartável, porque sinceramente é errôneo, mas eu pensei. (Roda de conversas “Agora queremos ouvir vocês”, 21 de outubro de 2022).

A fala da professora em relação ao seu pensamento inicial sobre a possibilidade de levar os descartáveis para o projeto, evidencia a minha mediação em relação ao *Princípio da Reflexão Crítica*, trazendo reflexões como: de que maneira podemos falar com as crianças sobre Educação Ambiental trazendo para cá copos e talheres que irão ser poluentes do meio ambiente? A partir daí, a professora entendeu a contradição, que muitas vezes é tão arraigada em nosso cotidiano que, mesmo sendo tão óbvia, não conseguimos enxergar. Quando o nosso diálogo inclui essa consciência, a professora consegue mudar sua postura. E foi muito bonito ver que nas atividades seguintes todo um cuidado foi tomado, levando verdadeiramente essa questão em consideração.

Além das atividades de experimentação de frutas, com o projeto “Feira na Horta” as crianças tiveram a oportunidade de experimentar as hortaliças por elas cultivadas. Assim, acompanharam todo o crescimento delas, colheram e comeram. Foi interessante recebermos o depoimento de algumas mães, que disseram ver o comportamento alimentar dos seus filhos e filhas mudar, uma vez que vários se negavam a comer verduras e, depois do projeto, e se abriram para a degustação desses alimentos.



Figura 69. Crianças degustando a alface. Fonte: acervo da autora

No dia da experimentação da melancia, os alunos e alunas separaram os caroços para plantar na sementeira e fazer mudas. Nesse processo de separação, as crianças entenderam como plantar e de onde vinham as sementes que, no futuro, iam se transformar em mudas. Em diversas oportunidades, nossos alunos e alunas puderam acompanhar esse processo de plantar as sementes e vê-las crescer. Em uma dessas aulas da horta, uma criança indagou: “Tio Alê, quem vem primeiro a semente ou a planta?”. Essa resposta difícil nos fez falar um pouco sobre crenças, sobre filosofia... Eu tentei ajudar na resposta, mas ficamos todos pensativos. Assim, uma simples pergunta nos colocou em uma situação de reflexão. Tio Alê respondeu com outra pergunta: “Quem vem primeiro o ovo ou galinha? Não podemos responder pra vocês ao certo essa pergunta, porque aí vamos entrar num sistema de crenças, cada um vai ter sua resposta individual...”.



Figura 70. Crianças plantando as sementes de melancia. Fonte: acervo da autora

Essas reflexões, o não saber responder, o pensamento filosófico sobre a vida... tudo isso aprendemos nesse espaço de conexão com a natureza. O próprio professor Alexandre tem por hábito estimular tais reflexões a partir de analogias entre as plantas, seu crescimento, sua germinação e a vida de cada uma das crianças. E essa inconclusão das repostas não dadas, das explicações incompletas, faz parte dessa realidade de educadores e educandos. Como escreve Freire (2011, p. 58), trata-se da “inconclusão do ser que se sabe inconcluso”. Nossos alunos e alunas com suas perguntas, muitas vezes, nos colocam nesse lugar “do não saber”. E esse lugar das inconclusões nos abre possibilidades para criarmos formas de ver o mundo, criarmos contos, crenças sobre o inexplicável, enfim, podemos construir novas pedagogias.

Nesses momentos, podemos explicitar para as crianças uma *Postura Conectiva*, restaurando a conectividade entre nós e a natureza. De acordo com Granier (2002, p. 120): “Pensar em restauração conectiva a nível cognitivo se justifica porque, conforme viemos falando, os humanos da sociedade moderna não se percebem como parte da Natureza, embora biologicamente sejam”. Assim, quando as crianças pegam uma semente em suas mãos, e contamos para elas que um dia elas foram também uma “semente”, conseguimos fazê-las entender que somos parte da Natureza.



Figura 71. Crianças observando as sementes. Fonte: acervo da autora.

E esse projeto, com todas as suas sementes, nos rendeu um fruto maravilhoso que foi o Prêmio Paulo Freire 2022, na categoria “Experiência Pedagógica no Ensino Fundamental”.



Figura 72. Autora e Professora Rosângela recebendo o Prêmio Paulo Freire. Fonte: Facebook do CMDOZ. (foto por Mariana Costa).

Foi muito honroso receber esse reconhecimento do trabalho das professoras, juntamente comigo e a equipe do projeto “Agroflorestar”. Honra essa que foi ainda maior, considerando o homenageado nesse evento, o nosso patrono da Educação, Paulo Freire, que, sem dúvida, serve de inspiração quando pensamos num projeto de Educação para todas e todos, de forma crítica e visando a transformação e a esperança.

Dentro dessa ótica freiriana, vou contar agora sobre outro fruto, o “Desfile da Beleza negra”.

O desfile da beleza negra e a importância dos povos originários: o que isso tem a ver com Educação Ambiental?

Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.

Paulo Freire



Figura 73. Desfile da Beleza Negra Fonte: Facebook do C.M.D.Z. (Foto por Mariana Costa)

Nosso modo de ser e estar no mundo diz muito sobre a nossa própria relação com o outro, com o que há externo a nós. Assim, do mesmo modo como observamos a dominação da natureza, podemos ver também a dominação de um povo sobre o outro. Vimos isso na história do Brasil, com indígenas sendo escravizados, bem como com a população negra sendo sequestrada do continente Africano e trazida para o trabalho forçado. A ideia de raça foi criada pelo colonizador para justificar a inferioridades dos povos a serem explorados, como aponta Quijano (2005, p. 118):

Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial.

Essa hierarquia perversa não para por aí. Nós, enquanto humanidade, nos achamos melhores que os animais, que as plantas e que toda a Natureza. E por nos acharmos melhores, exploramos os recursos naturais de todas as maneiras, para o nosso prazer e para que nossas necessidades egocêntricas sejam atendidas.

No colégio, com a presença do educador Alexandre, as crianças/estudantes, se sentiram mais à vontade para indagarem sobre questões raciais. Ademais, o próprio Alexandre, refletiu em suas falas sobre essas questões de maneira cotidiana. Existem outras pessoas negras na escola, mas nenhuma tinha falado sobre as questões do racismo e da história daquela forma tão objetiva. E dentro dessa ótica, eu observei de perto a beleza da representatividade para a formação da identidade das crianças pretas do colégio. Assim, conversas que tivemos na horta sobre quilombos, sobre a vinda dos negros para o Brasil, sobre a resistência deles, sobre os indígenas também escravizados e suas formas de estarem nesse planeta, foram importantes para as nossas reflexões acerca do racismo. Trouxemos para as conversas a resistências desses povos:

Como os povos originários do Brasil lidaram com a colonização, que queria acabar com seu mundo? Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar no século XXI ainda esperando, reivindicando e desafiando o coro dos contentes? Vi as diferentes manobras que nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade, da poesia que inspirou a resistência desses povos. A civilização chamava aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade. (Krenak, 2020, p.28).

Os povos originários lutam até hoje por esses espaços e por essas reparações históricas. A criatividade, a poesia, a cultura desses povos, foi capaz de guardar o que de mais precioso podemos ter, que é a nossa própria identidade. E, a resistência aconteceu apesar de todo o racismo existente na nossa sociedade, na qual o colonizador tentou de todas as formas apagar essa identidade, como aponta Krenak quando fala da necessidade desse colonizador de transformação desses povos em “civilizados”.

E, infelizmente, um dos lugares de maior reprodução do apagamento racista ainda é dentro do ambiente escolar.³⁵ Assim, quando falamos de uma Educação Ambiental crítica, estamos dizendo que essa educação é socioambiental, ou seja, uma educação que não fica restrita a “caixinhas” separadas que devem ser tratadas em algumas disciplinas escolares. Estamos trazendo uma possibilidade de conexão, em diálogo com a ideia de *Posturas Conectivas* (Granier, 2022), que sugere justamente a integração de saberes e de sentimentos, abarcando a integridade do ser em todas as suas instâncias.

Na semana da Consciência Negra, como muitas dessas conversas foram debatidas ao longo do ano de 2022 com as crianças e as professoras, levei a ideia de fazermos um desfile sobre a beleza negra. O objetivo da proposta era, justamente, mostrar para essas crianças pretas o quanto elas são bonitas, bem como abrir espaço para a representatividade e para o acolhimento. Para além disso, desejávamos falar com elas sobre a importância de se orgulharem de suas origens. Nesse sentido, vale destacar que muitas das crianças que estudam no nosso colégio residem nos bairros África I e África II, e que, não por acaso, esses são bairros de pessoas pobres e, em sua maioria, pardas e pretas. Dessa forma, desmitificar o preconceito arraigado nessas crianças (e em algumas outras pessoas que compõem o espaço escolar), assim como mudar os hábitos e valores, se inicia por entender o que significa o continente africano, o quanto ele é importante, culturalmente rico e o quanto herdamos dessa riqueza.

³⁵ Ambiente escolar é o mais citado por brasileiros entre os locais onde já sofreram o racismo, diz pesquisa. Disponível em: < <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/15/ambiente-escolar-e-o-mais-citado-por-brasileiros-entre-os-locais-onde-ja-sofreram-o-racismo-diz-pesquisa.ghtml> > Acesso em: 13 ago.2023.

As mudanças de hábitos, valores, representações, conceitos e pré-conceitos e atitudes estão muito fortemente relacionadas a questões que não se limitam apenas ao campo da razão, do raciocínio e do intelecto. Enfim, da produção do conhecimento científico. Nossas representações no mundo, bem como seus desdobramentos em ações cotidianas, são, em última instância, um processo de construção complexa que envolve as dimensões humanas na sua totalidade e complexibilidade [...] Quero pensar que, ao contrário de uma limitação, a capacidade humana do emocionar-se é a própria condição de possibilidade da aprendizagem (Barcelos, 2010, p.53).

Partindo dessa capacidade de se emocionar é que o evento em questão foi gestado. Ainda assim, tivemos alguma resistência por parte das companheiras de trabalho, o que se fez uma oportunidade pedagógica muito importante. Um dos questionamentos foi sobre o motivo do desfile ser apenas para negros, sob o argumento de que os responsáveis poderiam não aceitar bem os filhos não negros não participarem. Daí começamos um processo de explicação, eu, Alexandre e a professora Anne, de Educação Física. Falamos sobre a importância da representatividade para as crianças negras, a partir de ideias como as defendidas por Doralice Silva (2020). Segundo a autora, na escola na qual atua as crianças negras reproduziam os estereótipos de beleza que aprenderam na sociedade. Por isso, as crianças negras eram xingadas com apelidos muito depreciativos. “Assim, torna-se importante pensar em alternativas pedagógicas que visem romper com esse pensamento, já que a escola tem papel importante na formação identitária das crianças.” (Silva, 2020, p. 399).

Sendo a escola esse espaço importante de formação, não somente dos alunos e alunas, mas de todos e todas que dela fazem parte, conversamos com todos que a princípio se opuseram ao desfile. Dialogamos com as crianças que também nos questionaram o motivo pelo qual somente os alunos e alunas negras participariam. E, ao fim dessa troca, todos e todas compreenderam, aceitaram nossa iniciativa e abraçaram o processo de organização do evento.

O desfile foi emocionante para todas e todos os presentes. Desfilaram não apenas as crianças negras, mas algumas funcionárias, um aluno de outro turno da escola, a professora Fabíola e o próprio Alexandre, que em muitos momentos desfilou junto com as crianças que estavam envergonhadas, oferecendo a elas um suporte emocional para cruzarem aquela passarela improvisada.

Dentre essas crianças que ficaram com vergonha, uma se recusou a desfilarmesmo com o nosso apoio. Porém, a mãe havia feito uma saia com estampa florida especialmente para a ocasião. Embora ela não quisesse desfilarmesmo, estava triste pela saia que a mãe fez para aquele momento, mas que não iria aparecer na passarela. Então, o tio Alê teve uma ideia: “me empresta a saia que eu vou desfilarmesmo com ela!”. A menina abriu um sorriso e entregou a saia que agora seria usada para o desfile, como vemos na foto que inicia esse texto (Figura 73). A imagem de um homem vestindo saia é mais uma desconstrução de um padrão arraigado na nossa cultura. Assim, naquele momento, o Alê demonstrou o “Princípio da Desestabilização Criativa”, uma vez que: “A provocação a que esse Princípio se propõe é acionar o educador ambiental em formação um movimento de desconstrução de padrões impressos internamente para que o novo possa surgir.” (Granier, 2022, p.157).

Do mesmo modo que Alê, as pessoas passando naquela passarela, com toda a criatividade, fizeram daquela ocasião, embalada por músicas de artistas negros, como Iza, Sandra de Sá, dentre outros, um momento de catarse para todos. Foi maravilhoso ver a potência das crianças, que muitas vezes ficavam tímidas, mas entraram com suas roupas e cabelos com adereços da cultura africana e desfilaram com orgulho.



Figura 74. Desfile da Beleza Negra Fonte: Facebook colégio Dom Ottorino Zanon, foto Mariana Costa.



Figura 75. De mãos dadas! Fonte: Facebook colégio Dom Ottorino Zanon, foto Mariana Costa.

Foi importante observar esse movimento interno de cada uma das crianças, demais participantes e os que assistiram o evento, demonstrando o entendimento desse desfile como muito significativo para todos/as nós. Esse envolvimento coletivo nos fez ter a ideia de pertencimento e de valorização da nossa humanidade justamente pelas suas diferenças e semelhanças, para sermos mais empáticos e termos compaixão uns pelos outros. Não é possível falarmos de Educação Socioambiental sem pensarmos em conjunto, em acolhimento, em amorosidade, como aponta Granier (2021, p. 133):

Assim, a “ComVivência Pedagógica” traz, pelo Princípio Posturas Conectivas, a perspectiva da amorosidade como um componente do processo formativo, destacando-a como uma força conectiva vital, capaz de impactar positivamente o universo interno do sujeito, possibilitando a desconstrução de padrões relacionais disjuntivos, como o preconceito, competitividade e individualismo, criando condições para o acolhimento do outro, humano ou Natureza, considerados indivisíveis.

Dessa forma, nossa rotina de conversa sobre essa relação da Natureza, do pertencimento de todos e da importância dos povos originários para nossa construção cultural e social nos fez engrandecer ainda mais as nossas discussões sobre o tema racial.

Não somente as crianças negras, como as de origem indígena, acabaram por se manifestar. E num desses dias, na roda de conversa da horta, uma aluna indígena que se matriculou no colégio, muito emocionada, quis contar para nós a sua história e sua origem.



Figura 76. Aluna indígena contando sua história. Fonte: acervo da autora

Ela se sentiu acolhida e, por isso, teve aquela iniciativa. Suas origens foram consideradas como parte de cada um de nós que ali se encontrava naquela roda de conversa. Ela meio tímida, não sabia dizer direito qual era o local em que nasceu, mas disse ter vindo do Norte do Brasil e de uma família que tem suas origens indígenas. E que era muito importante para ela esse lugar de origem e que ela estava feliz de poder contar aquela história para nós. Poder escutar essa aluna trazendo sua história, se orgulhando dela, nos faz pensar sobre a verdadeira escuta: “Escutar é obviamente algo que vai além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a

disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro” (Freire, 2011, p. 117).

Todo esse processo dialógico faz parte da Educação Socioambiental crítica que está totalmente relacionada às nossas vivências humanas em sociedades, seus conflitos e suas relações hierárquicas. É partir da prosa, da conversa franca e verdadeira, levando as pessoas para a emoção, para o sentir, que vamos conseguir um planeta mais harmônico não somente para todos nós, como humanidade, mas todos os seres que compartilham conosco esse espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há tempo de plantar há tempo de colher

Há tempo de plantar há tempo de colher

Devemos cultivar a semente pra nascer

Há tempo de plantar há tempo pra colher

Se com ternura semear com tempo irá crescer

Há tempo de plantar há tempo pra colher

Devemos esperar para vermos florescer

Há tempo de plantar há tempo pra colher

Depois de germinar ver o fruto amadurecer

Há tempo de plantar há tempo de colher

No chão que a terra dá ver o fruto renascer.

Cassia Viana

Nesta tese, foi possível verificar que os “Cinco Princípios Formativos de Educadores Ambientais”, propostos por Noeli Granier (2022), podem acontecer na prática escolar, como foi demonstrado no colégio Dom Ottorino Zanon. Uma das propostas da “ComVivência Pedagógica” é trazer para o processo educativo de formação de Educadores e Educadoras Ambientais a radicalidade. Essa radicalidade, na perspectiva ideal, seria levar os Educadores e Educadoras Ambientais em formação para locais nos quais o modo de viver seria diferente do nosso, como numa comunidade indígena, por exemplo. No entanto, na realidade das escolas públicas brasileiras nem sempre é possível essa experiência. Assim, essa radicalidade pode acontecer em momentos reflexivos, a partir dos *Cinco Princípios*, por meio de processos dialógicos com pessoas que podem enriquecer o debate sobre a Educação Ambiental Crítica.

Podemos ainda observar, na tese, que os Princípios servem também como subsídios para pensar processos formativos de Educação Ambiental no ambiente escolar. Ou seja, a partir das ações de educação ambiental, como a que vimos acontecendo no colégio Dom Ottorino Zanon, os Princípios são vistos e colocados em prática, com todas as suas potencialidades. Com isso, as orientações que os Princípios nos dão, ajudam o desenvolvimento de ações de Educação Ambiental dentro de uma perspectiva mais crítica

e, ao mesmo tempo, auxilia no desenvolvimento da própria formação e autoformação dos educadores que estão vivenciando isso nessa *práxis*.

O maior desafio que temos dentro do ambiente escolar é não cairmos nas chamadas “Armadilhas Paradigmáticas” (Guimarães, 2004), nas quais os educadores e educadoras acabam por reproduzir um modelo de uma suposta “Educação Ambiental”, mas que não passa pelo senso crítico, sem trazer a realidade política e social para dentro das discussões. Muitas vezes o que observamos são as escolas tratando as questões ambientais apenas em dias específicos e comemorativos, esvaziando a reflexão sobre um tema que deve ser discutido cotidianamente perpassando todas as disciplinas escolares, não somente a Ciência ou a Geografia.

Dessa maneira, os *Cinco Princípios* são uma ferramenta potente para pensarmos a Educação Ambiental e a formação dos professores em Educadores Ambientais críticos. Como a instituição escolar pública traz para dentro dos seus muros todas as contradições sociais e políticas explícitas nas condições de vida de seus alunos, cabe também a ela mostrar novas possibilidades. Quando observamos as mudanças climáticas ocorrendo, com toda as suas consequências e complexidade, não podemos deixar de apontar, de maneira sistemática e cotidiana, as discussões sobre o tema, visando uma mudança comportamental de todas e todas que fazem parte dessa instituição.

Não podemos falar de uma Educação Ambiental crítica com professores e professoras sem uma formação adequada para discutir o tema. Dessa maneira, cabe dentro desse processo de formação a reflexão apurada sobre quais os rumos estamos tomando em relação às questões climáticas, como podemos instruir nossos alunos e alunas para que eles e elas se posicionem de forma mais crítica em relação a essa situação. E essa formação pode acontecer a partir do processo de “ComVivência Pedagógica”. Mesmo que não seja possível sair do ambiente escolar, como já escrito, trazer momentos de reflexões nos quais o tema ambiental seja abordado pensando formas de buscar uma mudança de perspectiva é uma maneira de ofertar uma formação crítica sobre o tema Educação Ambiental.

Convidar pessoas que sejam referência para formas de viver mais sustentáveis e mais compatíveis com a manutenção e preservação da Natureza também pode ser uma possibilidade. Ouvir as histórias e memórias dessas pessoas que estão ou estiveram mais ligadas à “terra”, com suas práticas de plantar mais agroecológicas, também é uma oportunidade reflexiva interessante para os professores e professoras. Nesse momento, acionar o *Princípio das Posturas Conectivas*, trazendo a sensibilização, o afeto, o

silenciamento e ao mesmo tempo a possibilidade de parar para escutar é uma das maneiras mais bonitas desse processo de conscientização de Educadoras e Educadores ambientais em formação.

Dentro desta perspectiva, a Memória e a História como possibilidades de conexão são uma importante ferramenta de trabalho. Mostrar como era e é a vida dos povos originários, por exemplo, e a relação deles com a Natureza de maneira mais próxima e menos depredatória se faz importante. Trazer temas relacionados ao preconceito e racismo, sobre a apropriação da natureza pelo homem da cultura ocidental é de suma importância para expandirmos os horizontes quando se trata de uma Educação Socioambiental.

Sabemos que nem todas as escolas possuem um espaço verde como no Colégio Municipal Dom Ottorino Zanon. No entanto, esse trabalho pode trazer possibilidades para a formação de professores/ educadores ambientais a partir de todas as suas reflexões pautadas para além do espaço físico.

Os *Cinco Princípios Formativos* que foram abordados nesta tese a partir da *práxis* pedagógica não tiveram suas discussões encerradas. Pelo contrário, como elementos dinamizadores do processo formativo de Educadores e Educadoras Ambientais, eles são vivos e podem trazer sempre novas possibilidades. Assim, sugiro para novas pesquisas a análise prática da formação de Educadores e Educadoras ambientais a partir dos *Cinco Princípios* em instituições escolares que não tenham todo esse espaço físico como temos no colégio que foi *locus* de pesquisa desta tese. Isso porque, a partir da reflexão dos próprios Princípios, podemos pensar maneiras alternativas de trazer a formação socioambiental para todos os espaços escolares, transformando a partir dessas reflexões o “chão da escola” num verdadeiro canteiro de mudinhas formativas para a formação de cidadãos mais conscientes em relação a importância da preservação da Natureza para a própria manutenção da vida na Terra.

Enfim, essas foram algumas conclusões, mas não representam um final, pois, como uma árvore que solta seus frutos maduros sobre o chão, há muitas sementes ainda sendo germinadas.

REFERÊNCIAS

Barros, Maria Isabel de. **Desemparedamento da infância**: a escola como lugar de encontro com a natureza. 2. Ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

Barcelos, Marcos C. de. **História Breve de Itatiaia**. 1 ed. Itatiaia: Instituto Campo Belo, 2014.

Barcelos, Valdo. **Educação Ambiental**: sobre princípios, metodologias e atitudes. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Barreto, C. G.; Campos, J.B.; Roberto, D.M.; Roberto, D.M.; Teixeira, N.; Alves, G.S.G.. Coelho, W. **Plano de manejo Parque Nacional do Itatiaia** - Resumo executivo 2013. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/parnaitatiaia/images/stories/Normas_UP/Aspectos_Gerais.pdf. Acesso em 20 set. 2019.

Becker, Lidiane; Marcomin, Fátima E. Educação ambiental e a crise climática em tempos de pandemia. **SciELO Preprints**, 2021. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.3053. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3053>. Acesso em 12 out. 2023.

Benjamin, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política** - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

Boal, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

Bosi, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

Brasil. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

Campos, Yussef; Krenak, Ailton. **Lugar de origem**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

Caporal, F.R. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Agroecologia. Desenvolvimento Rural Sustentável. Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília: 2009. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4609338/mod_resource/content/1/caporal%2C2009.pdf. Acesso em 20 out. 2022.

Carvalho, Isabel Cristina de Moura. O sujeito ecológico: a formação de novas identidades na escola. *In* Pernambuco, Marta; Paiva, Irene. (Org.). **Práticas coletivas na escola**. Vol. 1. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 115-124.

Castro, Bruno Luiz Silveira. Empoderamento comunitário na busca de soluções para o problema da ausência de saneamento básico no bairro de Penedo, município de Itatiaia, Rio de Janeiro, Brasil. *Revista Ibero- Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, v.7, n. 6, jun. 2021.

Chassot, Attico. **Alfabetização Científica**: questões e desafios para a educação. 4 ed. Ijuí: Editora Unijui, 2006.

Costa, M. A. F. da. **Projeto de Pesquisa**: Entenda e Faça. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Fagerlande, Sergio Moraes Rego. **A utopia e a formação urbana de Penedo: a criação, em 1929, e o desenvolvimento de uma colônia utópica finlandesa no estado do Rio de Janeiro**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Urbanismo, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/21/teses/702175.pdf>. Acesso em 22 jul. de 2022.

Ferreira, Macelene. **Pacha Mama**: os direitos da Natureza e o Novo Constitucionalismo na América Latina. *Revista Direito Brasileira*, 2013. Vol. 4. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/rdb/article/view/2644>. Acesso em 13 jul. 2023.

Filipe, Fabiana Alvarenga; Silva, Dayane dos Santos; Costa, Áurea de Carvalho. Uma base comum na escola: análise do projeto educativo da Base Nacional Comum Curricular. *Ensaio. aval. pol. públ. educ.* 29 (112), jul-set 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/PbZbjrWHzzQ3Yt4LBFzK6NF/>. Acesso em 12 out. 2023.

Folha Regional. Itatiaia/Resende, 22-28 set. 1990.

Freire, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Granier, Noeli B. **A Construção de Ambientes Educativos e dos Princípios Formativos de Educadores Ambientais na Proposta da “ComVivência Pedagógica”**. 259f (Doutorado em Educação) UFRRJ, Nova Iguaçu, 2022.

Granier, Noeli; Angela, Klein; Luciana, Guimarães. A “Comvivência pedagógica” do Caminho de São Tiago. *In* Guimarães, Mauro (org.). **Educação Ambiental e a “convivência pedagógica”**: emergência e transformações no século XXI. Campinas, SP: Papirus, 2021.

Granier, Noeli. B. **Experiências de “ComVivência Pedagógica” a partir de outras epistemologias em processos formativos de educadores ambientais**. 2017. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.

Guimarães, Mauro (org.). **Educação Ambiental e a “convivência pedagógica”**: Emergência e transformações no século XXI. Campinas, SP: Papirus, 2021.

Guimarães, Mauro *et al.* Educadores ambientais nas escolas: as redes como estratégia. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 29, n. 77, p. 49-62, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WB8qznYGTNS6QDhzcmwWKHk/?lang=pt>. Acesso em 20 outubro de 2022.

Guimarães, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papirus, 2004.

Guimarães, Mauro. **Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual**. 2016 Revista Margens. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2767>. Acesso em:

Guimarães, Mauro; Granier, Noeli. B. Educação ambiental e os processos formativos em tempos de crise. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 17, n. 55, out-dez 2017, pp. 1574-1597.

Guimarães, Mauro; Carvalho, Neri; Pinheiro, Marcos; Dantas, Ana. Educadores Ambientais nas Escolas: as redes como estratégia. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 29, n. 77, p. 49-62, jan-abr 2009. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 23 ago. 2018.

Halbwachs, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Laurent León Shaffer. 2 ed. São Paulo: Vértices, 1990.

Hall, Stuart. Quem precisa de identidade? Trad. Tomaz Tadeu da Silva. In: Silva, Tomaz de; Hall, Stuart; Woodward, Kathriyn (Orgs.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996, pp. 103-133.

Hildén, Eva. **A saga de Penedo**: a história da colônia finlandesa no Brasil. Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira, 1989.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **História da cidade de Itatiaia - 2012**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/itatiaia/historico>. Acesso em 13 junho de 2022.

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio. **Parque Nacional de Itatiaia – Quem somos?** Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/parnaitatiaia/qm-somos.html>. Acesso em 13 junho de 2022.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. **Patrimônio Cultural Imaterial**: para saber mais. Texto e revisão de Natália Guerra Brayner. 3. ed. Brasília, 2012.

Lima, P. G.; dos Santos, S. M. O coordenador pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas. **Educere et Educare**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. p. 77–90, 2000. DOI: 10.17648/educare.v2i4.1656. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/1656>. Acesso em 29 out. 2023.

Knoche, Helena. **O planeta no prato**: análise dos impactos ambientais do consumo de carnes e derivados. Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/173350>. Acesso em 1 jul. 2022.

Krenak, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Lamosa, Rodrigo. A educação ambiental em disputa: a luta de classes na escola pública. *In* **Agroecologia na educação básica**. Soares, Dionara; Vitória, Elisiani; Tardin, José, Zarref, Luis, Vargas, Maria; Lopes, Neuasini, Silva, Nívia. (Orgs). 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017

Leff, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e desenvolvimento rural Sustentável**, v. 3, n. 1, p. 36-51, 2002. Disponível em: https://www.projetovidanocampo.com.br/agroecologia/agroecologia_e_saber_ambiental.pdf. Acesso em 12 out. 2022.

Loureiro, Carlos. Educação ambiental crítica: contribuições e desafios. *In* Mello, S.S.; Trajber, R. (Coord.). **Vamos Cuidar do Brasil**: conceitos e práticas em Educação Ambiental na escola. Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2007.

Louv, R. **A última criança na natureza** – resgatando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza. 1 ed. São Paulo: Ed. Aquariana, 2016.

Marques, Romualdo *et al.* Educação Ambiental: Retrocessos e contradições na Base Nacional Comum Curricular. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v.10, n.28, p. 445-467, 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/3935/3034>. Acesso em 12 out. 2022.

Matos, Gislayne; Sorsy, Inno. **O Ofício do contador de histórias**: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

Minayo, Maria. (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

Munduruku, Daniel. **Todas as coisas são pequenas**. São Paulo: Arx 2008.

Pachamama, Aline Rochedo. **Boacé Uchô**; a história está na terra: narrativas e memórias do povo Puri da Serra da Mantiqueira. Rio de Janeiro: Pachamama, 2020.

Pachamama, Aline Rochedo. **Guerreiras = M' baima miliguapy**: mulheres indígenas na cidade. Mulheres indígenas na aldeia. Rio de Janeiro: Pachamama, 2018.

Pia São Caetano. **Pe. Dom Ottorino Zanon**: Fundador da Pia São Caetano. Delegação do Brasil, 1991.

Pozzobon, Fernando. **Senhores e escravos do Paraíba nas últimas décadas da escravidão**. 2008. Disponível em: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2008/06/senhoreseescravos.pdf>. Acesso em 13 jul. de 2022.

Prado, George Veiga. **História da Educação do Patronato de Menores São João em Paranaíba-MT (1953-1963)**. 2014. 218 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Uberlândia, 2014.

Projeto Político Pedagógico do Colégio Dom Ottorino Zanon – PPP. Colégio Dom Ottorino Zanon, Itatiaia, 2018.

Puri, Suê Jani. **Vozes dos Povos Originários do Brasil: Povo Puri, memória e resistência** 2020. Sistema UFOP de Rádio. Disponível em: <https://radio.ufop.br/noticias/vozes-dos-povos-originarios-do-brasil-povo-puri-memoria-e-resistencia>. Acesso em 13 jul. 2022.

Quijano, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Edgardo Lander (org.). Colección Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005, p. 227-278.

Quijano, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In Quijano, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

Revista Regional. Revista do Sul Fluminense, abr. 1995, n. 1.

Santos, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos, Modos e Significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

Silva, Ana Tereza Vital. **Roda de conversa como metodologia para Partilha de saberes docentes**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências (nível mestrado profissional) da Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2020. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/13104/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_RodaConversaMetodologia.pdf. Acesso em 21 mar. 2022.

Silva, Doralice Palma. Beleza Abayomi: experiência pedagógica envolvendo estética e identidade. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 6, N.1- pág. 395-405 janeiro-abril de 2020: “Educação: Corpo em movimento II.” – DOI: 10.12957/riae.2020.47643. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/download/47643/32188>. Acesso em 23 set. 2023

Soares, Dionara Ribeiro *et al.* **Agroecologia na educação básica**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular 2017.

Souza, Maria Goreti da; Cabral, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, 33(2), 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149>. Acesso em mar. 2023.

Stengers, Isabelle. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima**. Cosac & Naify, 2015.

Thompson, Paul. **A voz do passado**. Trad. Lélío Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Tiriba, Léa; Profice, Christiana Cabicieri. Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, e88370, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/cG43TCFnqws8YkRvx8gqMkD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 21 mar. 2023.

Tiriba, Léa. Criança da Natureza. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo Em Movimento – Perspectivas Atuais** Belo Horizonte, nov. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file>. Acesso em 12 out. 2022.

Travensoli, Mariana de Mello. **A inserção da fitoterapia no SUS: desafios e perspectivas com base na experiência de alguns municípios brasileiros**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Farmácia Bioquímica da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade Estadual Paulista para obtenção do grau de Farmacêutica- Bioquímica. Araraquara- SP 2016.

ANEXOS

Anexo I

Todos os participantes desta tese assinaram o termo de autorização abaixo



Termo de Autorização

Eu,

_____ ,

CPF: _____, **autorizo** o uso de minha imagem de vídeo, fotos, documentos e informações por mim prestadas nessa entrevista para a pesquisadora Cassia Carla Viana, matrícula: 20191001968, aluna do programa de pós-graduação PPGEduc/UFRRJ, para serem utilizadas em sua tese de doutorado e demais meios de publicações relacionadas à pesquisa.

A presente autorização é concedida a título gratuito.

Itatiaia, data:

Assinatura:

—

Nome e Telefone para contato:

Anexo II

Entrevista concedida pela professora Bárbara Castaño, no dia 10 de maio de 2022, no espaço de “Troca de Saberes” (horta) do colégio Dom Ottorino Zanon em formato de “Roda de Conversas”, com a presença de Cassia Viana, Mariana Costa, Alexandre Nascimento e Gabriel Garros. A conversar durou cerca de 40 minutos.

Cassia: Hoje, dia 10 de maio de 2022, nós temos o prazer de estarmos aqui com a professora Bárbara e eu gostaria que ela se apresentasse e que ela falasse pra gente um pouco sobre o início do curso Técnico Agrícola.

Bárbara: Bom, meu nome é Bárbara, né? Eu cheguei aqui no ano de 1986, onde Itatiaia pertencia a Resende, Penedo pertencia a Resende. E a ideia era de se fundar uma escola agrícola no município de Itatiaia. Quando nós chegamos aqui, realmente nós ficamos um pouco assustados, acho que foi igual os finlandeses quando chegaram e Penedo e começaram a plantar e as formigas não permitiram. Aqui era um matagal, então a gente começou a pensar o que se poderia fazer, né? E a gente não tinha trator, não tinha maquinário nem nada e aí o que fizemos? Botamos a mão na massa com enxada e fomos desbravando aqui o espaço. Para irrigação a gente cavou um poço, com uma torneira que ficava ligada à noite com uma mangueira para encher esse poço e no dia seguinte a gente tentava ir molhando os canteiros, né? Começamos uma pequena horta e a coisa foi indo, assim meio que na marra, né? Até que depois apareceu um trator, a Prefeitura me cedeu um trator, pra gente poder arar o restante da área e aí a gente começou de fato uma horta que até também os alunos tinham acesso, tinham condições de descer pra fazer uma aula prática e tudo mais. Tá... com o tempo também a gente começou com um plantio de medicinais e aromáticas, né? Que a gente levava também a turma para Viçosa e de lá também eles poderiam ter vivências de coisas diferentes. E eu comecei paralelo com as hortaliças o plantio de medicinais e aromáticas que servia também de prática para os alunos do curso Técnico Agrícola, quanto pra as crianças que cursavam de quinta a oitava série, que inclusive eu fazia também um trabalho com elas, né? É...na parte da manhã, e na parte da tarde a gente fazia com a turma do Técnico Agrícola. A escola foi crescendo, aí depois veio o galpão de coelhos, que a gente conseguiu fazer uma criação de coelhos junto com a criação de coelhos veio a criação de minhoca, né? Porque eu aproveitava, eu aparava os dejetos dos coelhos para criar minhoca, depois veio a avicultura, a gente tinha a ave de corte e ave poedeira também, aí nós tínhamos a criação de caprinos, tínhamos

apicultura também, nós conseguimos ter algumas caixas aqui produzir mel. Depois a gente tinha ideia de botar suínos também, mas isso aí foi... o curso acabou antes que a gente concluísse isso aí. E a gente tinha uma coisa também muito bacana, com o excedente da produção, né? Além da gente ter a gente ter a produção para a merenda escolar, né? Do Ottorino Zanon, a gente também abastecia as escolas da região com o excedente que se plantava, né, com as hortaliças. E isso começou a acontecer também com frango de corte, a gente começou a defumar, o defumador está ali até hoje agora que eu vi que tem um defumador ali, ó, aquilo ali era um defumador. Então a gente defumava o frango para agregar um valor assim e a carne de coelho também. A gente também serviu a carne de coelho na merenda escolar. E a gente fazia isso. A pele do coelho a gente cuidava também, a gente curtia, fazia o curtimento de peles.

Cassia: E as minhocas, elas eram só pra poder transformar em adubo ou tinha outra serventia?

Bárbara: Não. Eu até andei fazendo uns cursos em Niterói que era sobre a culinária com minhoca, né? Mas eu só fiz o curso e só experimentei lá, porque aqui quando eu cheguei aqui na cozinha pra falar que a gente poderia inserir a minhoca na merenda escolar, não pegou não. O pessoal não gostou [risos] então era mesmo só para a produção de humus só, sabe?

Cassia: Antes de eu passar para outra pergunta, eu queria que você falasse um pouco do projeto da horta nas casas das crianças. Eu queria que você falasse como esse projeto de horta saiu aqui da escola e foi parar na casa dos alunos.

Bárbara: Porque assim, o objetivo de se ter na grade a de quinta a oitava série, essas matérias ligadas com a agricultura era porque a gente tinha um segundo grau aqui, então vamos começar com essas crianças, introduzindo elas nesse resgate aí, né? E, elas, se elas quiserem, elas vão entrar no curso de segundo grau e tal. Só que a gente percebia que não eram todas as crianças também que iriam entrar no curso agrícola como aconteceu. Mas ao mesmo tempo eu observava que tinha criança que queria ter uma horta em casa e eu sempre perguntava, sempre estava com eles perguntava e tal. Então um dia e falei, eu acho que vou tentar um projetinho de horta fora da escola e ver o quê que dá, né? E eu consegui vários alunos. Aí eu peguei os alunos que gostariam e tal, fui na casa de cada um pra conversar com os pais, porque tinham pais que até queriam, mas tinham pais que não tinham lugar, era só cimento e tudo mais. Aí a gente começou a conversar e tal, o aluno que eu tive respaldo dos pais para fazer a horta, aí a gente começou a fazer a horta com eles, eu dava assistência dentro do que eu poderia, eu dava assistência. Eram

alunos que eu já tinha tido aula prática na escola, já tinha ideia de como semear e assim, eu também tinha uma coisa que às vezes a gente produzia as mudinhas aqui e eu distribuía para eles, entendeu? Eles sabiam como fazer uma sementeira, mas a gente vinha, já pegava a mudinha pronta, eles já levavam. Eles mesmos, alguns plantavam sozinhos, outros precisavam de dar uma assistência e tudo mais. E eu mostrei pra você uma foto muito interessante, que uma aluna fez o pai dela tirar a parte de cimento e o pai dela fazer a hortinha na casa dela, entendeu? Gente, isso daí não tem preço! E tive alunos que saíram da escola que não tinham horta em casa e tudo mais, que vinham aqui na escola perguntar se a gente tinha semente de hortaliças para doar para eles fazerem horta, entendeu? Isso daí, coisas que aconteceram que ficam, né? E foi isso, a história da horta fora da escola eu consegui. Eu devo ter feito uma média de umas 30 hortas, tinha Penedo, Capelinha e Serrinha também, esses três lugares eu tinha horta. Eu subia a Serrinha e a Capelinha de quinze em quinze dias para dar uma olhada na horta das crianças.

Alexandre: Era praticamente uma extensão rural, né?

Bárbara: É mais ou menos...é.

Alexandre: E foi bom que foi como uma extensão da escola dentro de casa, de saberes, né? Sabores e saberes...

Bárbara: Com certeza! Com certeza! Porque os pais também, né? Porque as crianças têm uma coisa muito incrível, a criança ela de alguma maneira, principalmente quando a criança quer uma coisa assim, ela leva, ela fica ali e ela faz, né? Se elas não fizerem de repente como os pais permitam, ela vai fazer de alguma maneira, vai plantar na lata, vai plantar em algum lugar. Igual essa garota que fez o pai tirar o cimento pra fazer a horta. E está documentado, você está com tudo ali. Bacana!

Cassia: E deixa eu te perguntar, a horta de medicinais, mais pra frente você disse que teve um laboratório que fazia remédios aqui pra comunidade, começou com essa ideia aí da horta de medicinais?

Bárbara: Sim. Como a gente ia a Viçosa sempre e comecei a sempre que eu ia a Viçosa a me interessar pelas plantas de medicinais, então, sempre que eu ia eu conhecia uma novidade, aí eu comecei a plantar mudinhas, comecei a perguntar para as crianças se elas tinham, eles me trouxeram muitas mudas. Eu comecei com a ajuda deles porquê... e nem foi com o curso Técnico Agrícola, foi com as crianças, sabe... “a minha vó tem isso” e vinham com aquelas mudas, muitas vezes repetidas... Aí a gente começou a plantar, eu comecei com aquela parte ali de trás do refeitório, em caixotes, sabe? Tinha as mudinhas todas em caixotes, identificadas com os nomes e tal, né? E aí um dia o prefeito veio nos

visitar, o prefeito que estava era o atual, Jair Alexandre, e quando ele viu aqueles caixotinhos ele ficou deslumbrando com aquilo ali, e perguntou se era eu que era a responsável e tal e qual era a ideia... E aí ele falou: “olha você continua nessa linha aí, e pode aumentar a produção, porque eu vou fundar um laboratório de manipulação dentro da escola”. Eu não dei muita bola. [risos] Isso é conversa de político, conversa fiada, não vai dar em nada isso. Mas gente, eu fiquei surpresa. Uns dois meses depois, aí começou um movimento, sabe... Porque vai ter laboratório, porque vai ter, vão mudar, vão fazer isso e aquilo, aquele quebra-quebra de parede não sei onde, sabe...E realmente. Aí um dia ele voltou na escola e perguntou: “você já começou o plantio das plantas?” Eu falei: “Cara, mas eu não sei nem o que vocês vão querer, né?”. Aí ele falou “não, mas tem um fitoterapeuta e um químico que vai ser o químico responsável”. Mas como é que vai ser isso? Eu quis saber. Ele disse “a gente vai manipular e distribuir nos postos de saúde”. Tudo bem. Eu falei “então tá, agora eu quero a listagem do que vocês querem pra eu poder fazer o plantio e tal”. Porque eu seria responsável pelo plantio, né? Seria responsável pela colheita também, porque quando você vai colher a coisa, tem uma data certa, uma hora certa para se colher e tudo mais. Então a responsabilidade era toda da gente. Então a gente começou, nessa época eu tinha o senhor Luís, de Itatiaia, que era um homem de campo nosso, aquele senhor era assim um mago, assim, das plantas. Ele, tudo que ele colocava a mão ficava assim maravilhoso, que me ajudou muito seu Luís. E ele que ficava ali do meu lado, plantando, adubando, com húmus e tudo mais e a gente conseguiu fazer isso aí. E deu certo, mas não durou muito tempo.

Cassia: Por quê?

Bárbara: O laboratório porque o curso acabou, quando teve aquela passagem do MEC de que o município não seria mais responsável pelo Ensino Médio. Mas eu acho que teve muita falta de vontade política na época, tudo isso poderia ter ficado no município, não interessa se o curso já tivesse acabado, mas o que já estava aqui poderia ter continuado porque a gente conseguia se sustentar com isso, entendeu? É uma coisa [o laboratório] autossustentável. Mas acabou, os técnicos foram embora, né? Quer dizer alguns foram remanejados, alguns, eu por exemplo fui embora, não quis ficar e a coisa acabou-se.

Cassia: Naquela época já havia uma preocupação em relação ao meio ambiente, né?

Bárbara: Com certeza.

Cássia: Eu vi que tinham alguns projetos, eu gostaria de que você falasse desses projetos de novo.

Bárbara: De qual?

Cassia: Do lixo, da questão do lixo...

Bárbara: Não, é porque assim a gente dentro da escola, aí você observa, né? Um dia eu vi assim, me chamou atenção, a quantidade de papel que a escola produz de lixo, né? De lixo limpo, de papel, lixo limpo. Eu fiquei imaginando, falei gente, tem que fazer uma coisa, tem que haver uma maneira de a gente reciclar isso aí, né? Fazer uma catanção todo esse final de dia desses papéis que estão lá na lixeirinha de cada um em sala de aula na secretaria e tudo mais e fazer alguma coisa. Aí eu escrevi [um projeto], uma coisa que pra mim foi uma coisa simplória, que eu não [imaginava]. Mas cheguei a iniciar uma coisa bacana, sabe? Recolhendo esse lixo de papel, eu fiz assim, um projetinho, escrevi, esse do lixo de papel e do lixo orgânico da cozinha, né? E mesmo eu tendo já o húmus da minhoca, eu achei que a gente poderia tirar esse lixo da cozinha para transformar, né? Fazer uma composteira e tudo mais. E a gente conseguiu fazer as duas coisas, né? A composteira, que tinha uma pessoa responsável pra recolher o lixo da cozinha de dois em dois dias, virar nessa composteira e... nesse local da composteira. E fazer aqueles papéis, eu consegui fazer as placas de papéis mesmo, reciclado, né? Mas eu não tinha, eu não tinha um liquidificador gigante para bater aquilo ali, aí eu tinha de deixar o papel por muito tempo [de molho] para ele ficar mais macio, as crianças trituravam bem. Mas deu resultado, sabe? Pra usar, pra fazer cartões pra fazer um trabalho artístico. E aí..., mas a ideia do papel além disso aí era fazer papel machê, fazer peças. Isso junto com arte e tudo mais. Mas, também foram coisas mais pro final do tempo que eu já estava saindo, né? Então a coisa também não vingou, mas ficou a ideia, né? Ficou a ideia... E dava para continuar. Ficaram as forminhas, né? Que se faz com a madeira, põe aquela telinha ali. E foi isso!

Cassia: Outra coisa, eu queria saber como que foi essa parceria na Universidade Federal Rural com a escola?

Bárbara: Na verdade, a vinda desses profissionais pra cá, era porque, não sei como funciona assim muito bem essa documentação da criação de uma escola, mas foi exigência de que teria que ter um agrônomo, assim, licenciado né? Porque ele teria que dar aula, não é um agrônomo de prática, né? Teria que ter um agrônomo, teria que ter um zootecnista, teria que ter mais que não lembro agora. Mas esses quatro professores que vieram da UFF, porque não foi da Universidade Federal Rural foi da Universidade

Fluminense. Eles vieram de uma escola agrícola que pertencia a UFF, então eles vieram de lá pra cá pra dar um início na escola, né? Pra dar um início na escola, né? Porque eles estavam vindo de uma escola agrícola até pra ajudar também, pra aulas teóricas, né? Porque tinha eu e o Ronaldo para aulas práticas, então por isso a vinda deles pra cá. E depois, quando eles saíram, porque depois eles tinham uma dedicação exclusiva, né? Aí eles tiveram que sair daqui. Aí vieram outros substituindo, mas já o pessoal daqui da região.

Cassia: Bom, eu acho que já finalizando, por causa do nosso tempo, né? Eu gostaria que você dissesse pra gente, né? Quando você observa esse espaço da escola, que já foi tão rico, né? Tão diferente, agora tão degradado. Nós estamos tentando fazer o processo de revitalização desse espaço agora aqui com o *Toré* [Instituto Toré], e a gente da escola. Qual o conselho você daria para gente Bárbara? Qual o melhor caminho que você acha que a gente tem pra mudar essa realidade? E aproximar essa realidade da do tempo que você esteve aqui.

Bárbara: Olha, a primeira coisa que eu acho que, está um descaso, eu acho que a comunidade crítica, mas está longe, sabe...? O poder público está descaradamente longe disso, não quer nem saber. Agora eu acho que isso independe de vocês tornarem isso aqui uma coisa de verdade, entendeu? Eu acho que a primeira coisa que vocês têm que fazer com isso aqui, vocês têm que fazer contato os ex-alunos, porque são eles que são a comunidade hoje. Está todo mundo adulto, sabe... É eles que estão percebendo que a escola está descuidada, eles, porque eu já escutei deles isso. De vários alunos... “Nossa, professora! Você viu o jeito que está a escola”? E falei vi. Nem tinha visto direito, tinha visto por fora. Então, eu acho que tem que haver um contato com esses alunos, vocês têm que buscar onde que essas crianças estão, pessoas já adultas hoje. E tem a ver um ajuntamento na escola aqui para eles verem e tem que haver um movimento, sabe? Juntos! Porque se vocês ficarem sozinhos vocês vão dar “murro em ponta de faca” e nada vai acontecer. E tem que ter um movimento mesmo, porque quando eu cheguei aqui a gente viu o espaço físico pra fazer a horta não tinha, mas tinha uma vontade, pelo menos política, hoje eu estou vendo que não tem nada. “A vai fazer eu vou aparecer e tal...” Hoje eu estou vendo que aqui não tem nada. Porque ainda que a gente consiga fazer alguma coisa, com esse lado político que eu acho bem irônico, né? Da vaidade, de se mostrar através, não interessa, eles estão fazendo, eles são eles. Mas nós estamos fazendo e a gente acredita no que a gente está fazendo. E hoje a gente está num momento político absurdo no Brasil, né? Que tudo está sendo desandado, tudo que se constrói sabe, não

vale nada. Mas eu acredito, eu acredito que vocês vão conseguir, fazer disso aqui, revitalizar isso aqui e mostrar que é possível. E até porque, vocês têm que trazer essas crianças aqui, porque até essa coisa de fazer uma exposição de como se era. É a horta que esse senhorzinho fez a pouco tempo... “Olha isso aqui como está?” A gente pode fazer isso aqui de novo. Mostrar, falar. Olha como era aqui... Olha que isso se tornou.... Por que se tornou assim? Descaso. E falar! Tem que falar, não pode ficar quieto. Eu incomodei bastante, sabe? Eu incomodei muito, eu não sei como que eu ainda consegui ficar aqui muito tempo.... Mas tem que incomodar.

Cassia: Na época que você teve aqui, você teve que “dar o grito”, né?

Bárbara: A gente gritava... Eu gritava, eu gritava muito. O técnico, meu amigo, também gritava, sabe... Teve muita gente, teve diretores aqui que não gostou da gente de jeito nenhum porque a gente falava o que tinha que falar, sabe? “Ah não pode fazer!”. “Mas não pode fazer por quê?”. Não pode? Não é assim. Tem que ter um motivo, por que que não pode? E tinha coisas que a gente achava uma vez, e podia fazer a gente fazia, entendeu? Quantas vezes a gente quis fazer excursão com os alunos... “Ah, mas não tem dinheiro”. E se a gente fizer uma rifa? “Mas não vai poder, vai precisar disso...”. “Mas se a gente conseguir isso?”. E chagava um ponto que não tinha mais argumento. “Olha está tudo aqui, a gente conseguiu, sabe?” E a gente fazia.... Mas vocês vão conseguir sim...

Alexandre: Bárbara, trabalhar com plantas acaba sendo um ato de autocuidado, porque a planta passa a ser nossa referência, como um espelho, para que a gente possa entender a lua, o sol, as sazonalidades... Você não veria esse distanciamento da parte política como medo de um *upgrade* nas crianças da escola? Uma forma de pensar diferenciada de quem trabalha com plantas? Porque a gente está no meio de Penedo, repleto de água, cheio de território, aqui por exemplo não tem nenhum produtor com DAP [Declaração de Aptidão ao Pronaf] escrita de hortaliças, por exemplo. Não seria um boicote para que os pobres do lugar não entendessem o poder que têm?

Bárbara: Pois é, eu acho que é também, uns fazem até conscientemente, tem uns que vão na onda desses que estão conscientes e nem sabem. Mas pode ser, com certeza, porque gente, o quê que está amedrontando hoje? É essa vontade de a gente colocar pros jovens, abrir a mente dos jovens entendeu? Abrir a mente. Olha, eu moro numa roça, eu vou fazer um curso de Sociologia online, porque eu quero que duas pessoas, entendeu, uma pessoa de dezoito anos, uma pessoa de quase trinta anos, entendam determinadas coisas. Que são duas pessoas queridas que eu gosto, sabe? Que são meus companheiros de feira que eu faço lá, pra elas entenderem, pra abrir a mente, porque é gente boa, sabe

aquela pessoa que tem vontade de realizar as coisas? Mas estão num caminho politicamente completamente errado, que elas não enxergam quem elas são. Elas não enxergam o valor que elas têm, porque vivem num mundo mais simples, entendeu? Então eu acho que pode ser sim, pode ser isso, pode ser isso mesmo. E essas crianças têm que resgatar, porque as pessoas associam às vezes o trabalhador rural, o pessoal que lida na terra, a uma coisa sem cultura, é a ralé da sociedade. E não é isso! É o oposto! É uma riqueza incrível. Se cada um soubesse o valor que se tem, da pessoa conhecer a terra, porque tudo é daqui que vem [da terra]. Você pode ir pra fazer Medicina, você pode ir pra fazer Antroposofia, você pode fazer o que você quiser. Mas é aqui ó, é isso! É ela que rege tudo. E ainda ninguém entendeu, como não entendeu que se eu pego aqui esse papel, eu joga esse papel lá no lixo, eu não tenho nada com isso. Mas está aqui dentro do planeta, eu estou aqui junto com ele. E as pessoas não entendem isso. É difícil, não sei... E é um desafio...

Eu tenho a minha vida lá, minha vida está boa, eu estou morando a 200 km dos meus filhos, sabe? Eu estou numa roça bem gostosa, eu faço uma feira, participo de uma feira agroecológica agora, muito boa, faço meus sais aromáticos, planto minhas ervinhas, faço vinagre aromático. Coisa bem light, mas eu queria estar mais envolvida, sabe? Eu trabalhei numa fundação durante doze anos em Joinville com crianças, tá? E com essa mesma história também, por mais que o padre fosse bacana, não fosse reacionário, ficou um tempão afastado da igreja por questões que ele acredita e que a Igreja não acredita, um padre muito gente boa. Mas tinha outras coisas, a parte burocrática da fundação às vezes emperrava um pouco. Mas nós da fundação também fazendo movimento contrário e tal. E mostrando para as crianças. Lidei com crianças de periferia, com bandidos, a gente lidava com o Conselho Tutelar ali, também tendo muita gente boa trabalhando, mas muita gente fazendo coisa errada. Então isso aí tem em todo lugar, a “erva daninha”, eu nem gosto de falar, porque a “erva daninha” é uma plantinha também “gente boa”, ela às vezes incomoda um pouquinho, porque você quer que a outra sobressaia, mas eu nem vou chamar de “erva daninha” não. Tem umas pessoas que interferem pras coisas não dar certo, sabe? Mas se tem uma equipe, eu vejo, sé esse movimento que vocês fizeram aí, vocês estão com uma equipe unida, e trabalhem juntos, não deixa essas coisas: “que fulano vai aparecer mais”, não permitam isso, vocês são uma equipe, continuum que vocês vão conseguir. Eu queria estar mais perto, porque com certeza eu iria estar aqui junto com vocês. Eu estou muito longe, meu Deus! [risos]

Cassia: E Bárbara o que que as crianças têm que aprender com a terra?

Bárbara: Nossa! O quê que as crianças têm que aprender com a terra? Elas têm uma coisa que a terra é a essência. A terra é a essência delas. Isso aí que eu tenho que falar. E assim ó, tem que saber que é a essência e se é a essência elas têm que proteger isso aí. Elas podem estar em que profissão for, mas elas devem estar sempre voltadas pra isso aqui, pra terra. Mas pra ter um cuidado mesmo de uma coisa que é muito preciosa, muito preciosa, de uma preciosidade. E isso aí acho que tem que ser mostrado pras crianças, tinha que estar ali, todo dia, sabe? Porque hoje também existe as armadilhas, a televisão, essa coisa do celular... Nossa!

Cassia: Distancia as pessoas desse mundo, né? Distancia a criança da verdade da terra....

Bárbara: Distancia a criança de vivenciar. A própria escola como ela está sendo conduzida já coloca essa barreira aí..., mas também gente, assim, olha você.... Quem que vai mostrar pra criança essa coisa? Quem sabe da coisa, quem está ali. Porque a maioria dos profissionais também não souberam disso, não sentiram isso, não sabem isso! Como é que vai ensinar uma coisa que não sabe? Não é?

Cassia: Estamos todos em aprendizagem aqui e eu acho que esse momento é de extremo aprendizado pra nós. A gente se formando aqui como Educadoras e Educadores ambientais, então assim, que riqueza esse momento, né?

Alexandre: E eu acho que o que a Bárbara fala tem um poder, porque ela usou a essência, ela usou o termo, a escrita... ela chancelou a nossa maneira de ver da esquerda para direita e de cima para baixo, né? Em duas dimensões... e a Natureza é um lugar de quatro dimensões: a altura a largura o comprimento e o tempo.

Bárbara: Mas a gente está muito, acho que gente está distante de muita coisa, né? De muita coisa mesmo. Da nossa origem. A gente está distante. E eu acho que a gente nunca mais vai recuperar isso..., mas a gente tem que falar mesmo estando distante, a gente tem que falar. Porque se a gente que se acha um pouquinho perto, né? Assim, que se simpatiza mais com tudo isso, agora você imagina uma pessoa que ... é difícil...

Cassia: Então, vamos encerrando, por causa do seu horário. Nós gostaríamos agradecer muito obrigada professora, por essa conversa, por todos esses aprendizados.

Bárbara: Eu que agradeço!

Anexo III

Transcrição Roda de conversa “Agora queremos ouvir vocês”. A entrevista aconteceu no dia 21 de outubro de 2022, no espaço de “Troca de Saberes” (a horta) do Colégio Municipal Dom Ottorino Zanon. Estavam presentes: Cassia Viana, Gabriel Garros e Alexandre Nascimento (Alê), além das professoras Fabíola, Joseli (Jô), Rafaelle, Rosângela, Rosane, Sabrina e Priscila.

Cassia: Hoje, então estamos aqui para essa roda de conversa e queríamos ouvir vocês, saber como tem sido o projeto, como vocês avaliam o projeto até aqui. E eu estou gravando, ok, pessoal? Para minha tese, como vocês já sabem e assinaram. Enfim, como vocês avaliam o projeto?

Professora Joseli: Tem gente de classe social até mais elevada que não tem essa vivência de poder admirar um pássaro, né? De saber cuidar do que é da natureza, aí você descobre que essas... homens adultos, agem de forma descuidada, que deixam a natureza sofrer, que queima, que destrói por interesse próprio. Aí você reflete, queimam destrói, será o que faltou? Será que lá quando começou, lá na infância, será que faltou um lugar como esse? Será que as nossas crianças com essa vivência, tudo isso, não vão ter uma mentalidade diferente daqui a um tempo? É por isso que plantar é importante, sem o interesse de colheita, mas que vai ter uma boa colheita eu tenho certeza. Então por mim, na minha avaliação isso aqui é espetacular!

Priscila: Eu acho que até a questão do tempo, porque não é assim. Você vai lá no mercado você pega o alface pronto, compra uma couve pronta, uma alface pronta, na horta você precisa plantar, precisa cuidar, a partir dali você vai esperar crescer pra depois colher. Eles [alunos] são muito imediatistas, né? Eles não têm paciência, são muito imediatistas e na horta eles conseguem ter essa percepção do tempo. Hoje é muito confortável eu não lavar um prato não lavar o um copo e usar o descartável, eu usar a embalagem de isopor, mas eu não penso na consequência que aquilo vai trazer pra mim e às vezes eu nem me importo que não vai ser pra mim, vai ser daqui a alguns anos, vai ser pro outro pro meu filho...

Joseli: Talvez você faça isso porque você não tenha uma educação ambiental, você não foi chamado para refletir.

Priscila: [acrescenta] Exatamente! Acho que mais que educação, tem que ter consciência ambiental! Porque você ter educação, você ter recebido isso, o conhecimento,

muitos recebem, muitos têm, mas é colocar isso em prática é ter a consciência do que aquilo vai gerar.

Sabrina: E a gente é cercado por muita natureza, mas a gente não aproveita, a gente não tem o contato com a Natureza, pra mim é fundamental, eu sei que às vezes é muito corrido, às vezes chove também, a gente não conseguiu vir aqui. As crianças, perguntam, elas sentem falta. Eu ia até falar de duas questões, que assim, são simples, mas faz toda a diferença, porque uma aluninha trouxe de casa uma mudinha pra gente plantar, o... como que era mesmo? Manjerição! E aí a gente não conseguiu vir, aí eu falei, mas já está lá, na hora certa a gente vai lá, pra gente poder plantar quando puder, né? Mas também, outra coisa é que a gente está trabalhando, é o trabalho no campo, né? E aí a gente falou da agricultura e para a casa de tarefa de revisão, eu pedi para desenhar, né? Um exemplo da agricultura, da pecuária, aí meu aluno desenhou o quê? Ele desenhou a horta, nesse formato, ele desenhou a nossa horta! Ou seja, olha que coisa significativa! Não é só o tempo prazeroso que a gente passa aqui, né?

Jô: Aqui nós temos teoria e prática, né?

Rosane: É fantástico! No quinto ano a gente está trabalhando a qualidade ambiental, né, junto com a sustentabilidade e aqui eles puderam observar, Alê. Teve até comentário na sala as duas questões, a qualidade, né, e a falta de qualidade, que é ali na descida (com a fossa escorrendo esgoto), o contraste, né? Porque lá aborda assuntos de esgoto a céu aberto, “tia o que que é o esgoto?” porque eles não sabem, não sabiam o que significava esgoto. Que é toda água suja, que a gente usa, alguns lugares têm locais destinados, alguns tem outros não tem, e quando não tem fica a céu aberto. E aí a gente teve aquele exemplo ali. Então assim, como ela falou, a gente está unindo a teoria à prática, eles fazem questão absoluta de vir, as vezes eu estou com as coisas corridas lá na sala o tempo está apertado, né? Porque eu sei que a gente vem pra cá e aqui eu não consigo ficar, não tem como ficar pouco tempo, porque é uma aula gostosa, quando a gente vê o tempo já passou, mesmo.

Alexandre: É rápido, né?

Rosanne: É! Passa muito rápido. Mas é algo assim que traz muito conhecimento pra gente. Mas às vezes eu fico presa em coisa que eu preciso fazer lá também. É teste é prova, turma de quinto ano o conteúdo é bem mais extenso, né? E aí a gente fica, hoje a gente não vai não. Aí eles ficam “mas por quê que não vai?”. Aí eu falo, o Alê deve estar muito atarefado [risos]. Vamos dar ali uma folguinha pra ele. Eu falei isso numa terça que eu não vim. Eu até coloquei isso lá no grupo, terça eu não vou, você lembra lá que eu

coloquei. Aí o aluno me perguntou: “O Alê acho que vai estar muito atarefado, aí não vai dar para gente ir hoje não.” Aí o aluno desceu encontrou com Alê [risos] e falou: “Tio Alê, está lá, eu perguntei pra ele, ele falou que a gente pode descer” [risos]. Não foi Alê?

Alexandre: Foi, eu falei com ele “pode descer!”.

Rosane: Aí eu tive que vir. Mas eu vejo assim que os alunos, eles vêm com aquele prazer, assim com uma vontade, a minha aluna chegou a pedir uma muda para o Alê, a Ju, pediu uma mudinha pra levar para casa. Pra plantar em casa.

Priscila: Eu acho interessante que o horário da gente vir pra cá (horta) era o horário da aula de informática que a gente está sem mediador, antes de vir pra cá, eu mesma levava eles pra lá, porque eu consigo mexer lá na informática sem o mediador e eu coloquei o horário de informática lá na sala, o dia que chover, o dia que o Alê não tiver, o dia que não der, a gente vai pra informática. Eles priorizam ir para horta do que ir para informática, que é uma coisa que eles estão o tempo inteiro ligados devido a questão dos jogos.

Cassia: Isso é um dado muito importante! Porque isso é um dado de extrema relevância, porque a gente fala o tempo inteiro que as crianças estão viciadas em tecnologia.

Priscila: São só tecnológicas, mas a gente não oferece outra coisa.

Cassia: Exatamente!

Rosane: Outro dia aqui bateu o recreio, o Alê estava aqui na experimentação da alface... Não! [Estavam] na plantação da abóbora, estavam plantando abóbora. Tinha fila imensa ali pra plantar abóbora e deu a hora de ir para o recreio. Eu falei: “Alê, acho que não vai dar pra todo mundo plantar”. Eles disseram: “não tia, dá sim!”. Eu sei que deu a hora e eles foram plantando e foram saindo e quem ficou aqui após o recreio [sinal do recreio] não fez a mínima questão de sair correndo. Eles deram prioridade a plantar as sementes de abóbora do que ir para o recreio. E o recreio pra eles, a gente se sabe, é primordial. Pra você ver a importância o valor que tão dando, está dando muito prazer a eles.

Rafaelle: O dia que está chovendo eles ficam tristes, o dia que tá chovendo que não dá pra descer eles ficam tristes. Até pra gente, né? É uma troca de aprendizagem até pra gente, porque o dia que eu vim aqui o Alê falou: “a gente tem que plantar a alface há uns vinte centímetros de distância”. Na minha casa tem uma hortinha porque meu quintal é muito grande lá em cima. Meu esposo plantou aquela alface americana, mas não saiu muito. Eu falei “já sei! O tio Alê me falou, você plantou muito junto!” [risos]. Ficaram

muito juntas aí não saiu. O tio Alê falou que tem que ter uns vinte centímetros de distância uma para a outra. Então quer dizer, coisa que eu nem sabia. Já levei para casa, já passei para o meu esposo. Da próxima vez vou fazer diferente, entendeu? Aqui é uma troca de conhecimento com os alunos, com os professores é muito rico esse espaço.

Cassia: Em termos de Educação Ambiental, né, quando a gente fala aí de Educação Ambiental, na prática de vocês, vocês têm pensado mais nessa questão depois que teve a horta aqui? Como é que está isso na vida de vocês?

Joseli: Eu acho que nos torna mais responsáveis, né? Se a gente está trabalhando esse tema como nossos alunos o exemplo que nós damos é fundamental, né? Eu acho que nos torna mais responsáveis, se nós estamos estudando um tema tão importante para os nossos alunos, o exemplo é fundamental. Se eles agora têm o conhecimento de que é preciso cuidar do ambiente em que estão vivendo e nós não pararmos pra refletir também, né? Ficaria vazio o que a gente passa pra eles. Então não tem como não pensar. Não tem como não reavaliar as ações, repensar as ações. O quê que é importante para que o ambiente esteja bom, né?

Sabrina: E assim as crianças acabam tendo aquele... esquecia a palavra... a noção! De que tem que cuidar do meio ambiente, o meio em que a gente vive! Então lá na sala acabou a aula, não é todo dia que a gente consegue fazer isso, porque hoje por exemplo foi um pouquinho corrido, mas foi uma novidade, né? Mas eles mesmo fazem, eles arrumam as carteiras, eles fecham a janela, eles guardam as minhas coisas, do jeito deles, mas eles guardam. Então a gente cria uma consciência. Quem sabe, criando uma consciência assim, ó: a gente tem que cuidar da horta, a gente tem que cuidar da nossa escola, da nossa sala, eles cuidem também na casa deles. Eles façam também na casa deles, eu acho isso muito importante. Porque parece coisa simples, mas na verdade não, tem muito valor, né? Porque hoje em dia as pessoas não se importam mais com nada, deixa tudo de qualquer jeito, tudo relaxado, porque tem alguém pra limpar, porque tem alguém pra apagar a luz, porque tem alguém pra fazer. Mas criar essa consciência neles, de que eles, por pouco que seja, pode fazer a parte deles eu acho importante.

Fabiola: E não é trabalhado mais isso nem nas escolas nem na família, né? Antigamente as pessoas tinham consciência do local onde ele está, sobre a terra o contato, a nossa infância era assim. Eu lembro que meus pais eles não tinham nenhuma dificuldade de falar assim ó: “pode se sujar, pode ter esse contato [com a terra]”. Hoje em dia não, hoje em dia a tecnologia, a televisão, a falta de tempo das famílias, imediatismo, acaba fazendo com que essa nova geração, eles percam a essência da responsabilidade de que

eles precisam preservar uma coisa que é para o futuro deles, dos netos deles. E assim uma coisa que eu achei surpreendente quando eu cheguei aqui, que a Cassia falou: “eu vou te levar num espaço mágico!” [risos] E ela me trouxe aqui, eu falei: “gente, uma horta!”. E eu não tinha contato com uma horta. E eu pensei “E agora? O quê que eu vou fazer?”. As plantas não gostam de mim e eu não gosto delas, não tenho um amor, não tenho um carinho, mesmo eu gostando da Natureza, enfim..., mas... desde que aquele primeiro dia que eu me apresentei até hoje, eu tive uma transformação muito grande. É sério! Hoje em dia eu tenho plantas na minha casa, gente! [risos] Eu me preocupo de cuidar. Ganhei uma orquídea agora que eu investiguei como que cuida de uma orquídea. Esses tempos eu perguntei pro Alê, como que fazia aquela questão da germinação, da preparação da terra, porque tudo isso é importante. E eu sei que por exemplo, as nossas crianças quando elas crescerem, elas vão ter uma experiência para passar para os filhos delas e outras pessoas, outras crianças que vierem para cá também terão essa diferença, esse diferencial que é aquele trabalho de formiguinha, né? Um pouquinho aqui um pouquinho ali que quem sabe a nossa intenção de propagar pra todo mundo, mas enquanto não vai ... essa experiência que temos aqui nessa horta faz com que as nossas crianças e até mesmo nós! Sou prova disso, mudamos a nossa forma de pensar e de agir. Eu falo que eu sinceramente não tinha nenhuma consciência, não tinha! De fazer a separação de lixo, mesmo a gente tendo isso nas escolas, mas no cotidiano na nossa correria, não tinha. Aquele negócio, você faz do jeito que tem que fazer e deixa pra lá. Hoje em dia não, é tudo muito detalhado porque igual as meninas disseram, a minha consciência me cobra muito. Porque como as meninas falaram nós temos que ser o exemplo para as nossas crianças. Então a gente acaba nos cobrando e também aprendendo mais. Eu acho que o projeto aqui, ele faz essa transformação na gente e eu vejo as crianças nossas do primeiro ano, primeiro ano A e B, que eles têm isso, quando é o dia da horta eles colocam a mochila nas costas: “a gente vai descer pro tio Alê? A gente vai descer por tio Alê?”. “Calma! A gente vai descer”. E eles adoram. E isso é muito lindo!

Cassia: E vocês fizeram uma coisa muito interessante que o vocês criaram um projeto dentro do projeto, né [Projeto Feira na Horta]? Essa apropriação que vocês fizeram dentro do projeto foi muito bacana! Eu queria que vocês falassem um pouco sobre isso.

Fabíola: Rô, você está muito quietinha, vai lá?

Rosângela: Eu acho assim, que ao contrário da Fabi, eu cresci no meio da Natureza.

Cassia: Quando você estudou aqui era o Colégio Técnico Agrícola?

Rosângela: Sim. Era e tinha o magistério, era o que está se tentando fazer com que aconteça novamente, né? E aí, eu fui criada no meio da Natureza, diferente da Fabi. E dentro disso que você falou é que se nós falamos que nós temos que ser o exemplo pra nossas crianças, e a nossa escola não está sendo exemplo para as nossas crianças, senão projeto tende a enfraquecer. Porque quando você tem um projeto com esse tamanho aqui dentro e que hoje a gente jogou um monte de lixo, isso está desproporcional!

Sabrina: Eu quiquei pensando hoje quando eu vi aquelas garrafas, eu pensei a gente podia fazer alguma coisa, né?

Rosângela: E o tanto de copos descartáveis, entende? Então assim, a gente tem que ter esse cuidado, porque nós temos que ser o exemplo, então a nossa escola, Colégio Dom Ottorino Zanon, ele tem que ser todo.

Joseli: Coerência, né?

Rosângela: Ele tem que ser todo senão a gente tem que ser coerente! Entendem o que eu estou falando? Porque quando eu fiquei sabendo do projeto eu fiquei encantada, porque de certa forma, pra mim me fez acreditar que é possível tudo novamente, de é que possível fazer com que as coisas aconteçam, realmente. Porque às vezes a fala é muito bonita, mas a prática não acontece. Então, a gente precisa disso, porque senão a gente, fala, mas estamos fazendo ao contrário, não está sendo exemplo. E outras vezes eu me lembro, que quando eu falei com a Fabíola, vamos fazer a salada de frutas? A Fabi animou, porque estava dentro do nosso conteúdo de alimentação saudável. Aí a Cassia falou assim “não deve levar nada descartável, vamos pegar os potinhos lá, eu pego os talheres lá [no refeitório]”, aí eu pego os talheres lá, aí a gente está falando a mesma linguagem. Porque se eu trago a salada de frutas e eu trago copo descartável, colher descartável, porque sinceramente é errôneo, mas eu pensei!

Joseli: Você pensou, mas houve a reflexão, posterior...

Rosângela: Sim... aí a Cassia falou... Então assim aconteceu. E o que é mais gratificante todas as vezes que a gente fala, eu fiz um trabalho com eles essa semana, até falei pra Cassia, falando do projeto, o quê que ficou mais marcado. Eles lembram muito da salada de frutas e da melancia e do círculo, da horta, então isso vai ser um marco na vida deles. Mas o que a gente precisa fazer é se reestruturar e dentro do projeto que você falou, como eu falei desde o começo, esse projeto ele tem que estar dentro do nosso PPP. Ele é o projeto institucional e dele nós vamos tirar nossos projetos didáticos. É que eu

falei pra Cassia, a partir do ano que vem, esse projeto, se eu estiver falando alguma coisa de mais vocês me ajudam.

Cassia: De jeito nenhum.

Rosângela: Porque dentro desse projeto a gente vai fortalecer o projeto e a gente vai começar a cobrar a quem é de direito para estar nos fortalecendo também. Porque a gente não pode perder essa oportunidade.

Sabrina: Dentro disso que você falou, aí que vai vir o nosso desejo de voltar a ser uma escola que se preocupa com a Natureza. Não só por enquanto a gente está agindo assim.

Joseli: Isolado, não é?

Sabrina: Cada professora no seu canto. Mas eu acho que se a gente pegar a escola toda, vestir a camisa. O que? Funcionários, merendeira, inspetores, diretores, entendeu? Eu acho que a gente poderia fazer um projeto legal pra reciclagem, pra cuidar desse ambiente, porque essa fossa ali debaixo da minha sala, não está legal.

Rosângela: Mas aí, olha só, dentro do projeto institucional, está o Agroflorestar! E dele a gente vai tirar, mas de quem é a função da gente está brigando pela fossa? A gente vai cobrar de quem é de direito.

Cassia: Exatamente!

Rosângela: Vocês entendem? Porque se a gente pudesse a gente ia lá e sanava o problema da fossa.

Joseli: Mas vocês sabem o que é mais incrível? É que a gente só está tendo essa conversa porque começou o projeto. Porque se esperasse resolver tudo isso, pra começar uma horta, não chegaríamos aqui.

Rosângela: Sim! Mas aí o que a gente tem que ter o entendimento é que a gente, o primeiro passo foi dado. Só que a gente também tem que se fortalecer na proposta porque senão se perde. Se a gente não tiver essa união...

Joseli: Se acomodar também, né?

Rosângela: Porque tem que ser todo mundo. Igual o dia que o Alê e a Mari levaram a alface pra lá, [para o refeitório] será que todo mundo sabe que é do projeto? Que é da horta? Passou ali por todos os alunos essa maravilha toda? Então, a gente precisa ter isso, dentro da nossa escola num todo, porque, o potencial é muito grande.

Joseli: E é legal a gente estar sempre trazendo esse assunto pros alunos também, né?

Cassia: Exatamente!

Joseli: O tio Alê trouxe, a Mari levou a alface, podia ter sido você! Podia ter sido da sua sementinha. A sementinha que você colocou lá.

Rosângela: O [aluno] falou que ele comeu a alface que ele plantou aqui com o tio Alê!

Demais participantes: “Que legal!”. “Que lindinho!” ...

Priscila: Eu acho muito importante, quem nem a Rosângela falou, de documentar isso. Não ser um projeto, ser o Projeto Político Pedagógico da escola e que toda a escola, toda! A gente tem que ver o todo. Toda a escola! Porque assim, é muito legal ver todas as turmas do primeiro ao nono ano vindo aqui na horta. Mas se eu entro na minha sala eu tenho que brigar todo dia porque a sala tá suja, não por falta de manutenção só, mas por falta de cuidado com o ambiente. O que quê é meio ambiente? É só planta? Meio ambiente não é só planta, meio ambiente é o meio que eu vivo. Qualquer lugar que eu esteja é meio ambiente. E essa consciência de despertar nos alunos que meio ambiente tem que cuidar, sabe... que não é só não arrancar uma árvore. Não é isso que é meio ambiente é cuidar ter consciência ambiental. É quando [também] eu não pego o *liquid paper* e fico desenhando na carteira.

Joseli: É quando eu não estrago o papel do meu caderno.

Cassia: De onde que vem o papel, né?

Priscila: O papel que eu arranco pra fazer estalo [brinquedo de papel], que eu pego um rolo de papel higiênico e jogo no vaso sanitário. Então são essas coisas que também tem que ter. Lá na sala por exemplo, os alunos levam pilha velha pra sala, pra eu jogar no lixo do shopping [ponto de coleta]. Eles levam pilhas, eles não jogam pilha em qualquer lugar.

Rosângela: Aí, você está vendo como é bacana!

Priscila: Comecei pequenininha, mas já é uma parte de coleta seletiva. Na escola não tem coleta seletiva.

Cassia: Vocês entendem que tudo que vocês estão falando é Educação Ambiental? É Educação Ambiental crítica?

Sabrina: A gente até tem [latões coloridos] mas não é usado pra função.

Cassia: A gente está fazendo essa reflexão caminhando mesmo para essa formação... Porque isso tudo aqui faz parte de um processo de formação nossa, não é? Porque quando a gente pensa tudo isso a gente pensa: “não vou discutir política!” olha o tanto que a política é importante. A política está na nossa vida o tempo inteiro, então a hora que eu vou votar eu tenho que pensar, qual que é a agenda ambiental desse cara? Eu

como Educadora Ambiental, o quê que tem sido feito? Vamos lá! E isso a gente tem que ensinar para as crianças. Não é questão de partido não, é questão de entender qual que é a agenda? Qual que é o plano? Então, assim, o desmonte de tudo que a gente está vendo de tudo que tem Educação Ambiental, um desmonte absurdo. Porque a gente vive uma vida muito alienada, a gente está só preocupado com a nossa vidinha, com o nosso consumo, nosso não sei o quê. Só que a questão ambiental é urgente. O mundo já extrapolou tudo, gente! Qualquer estudo vai mostrar isso. Pandemia vai ser frequente, catástrofes naturais vai ser frequente, sabe? E assim é lógico, a gente é uma parcela pra resolver isso daqui, somos responsáveis? Somos! Mais a questão ambiental lá em cima [âmbito político] conta mais que qualquer coisa, entendeu? Então o desmonte que a gente está vendo da Educação Ambiental é absurdo! Então isso fica de reflexão pra gente em relação a nossa própria vida, né? É um processo! Enfim... Alê?

Alê: Pegando um pouco de cada fala, eu fico muito feliz, né? Fico imensamente feliz de estar contribuindo, não só para o corpo discente, mas para o corpo docente, né? E quando a gente faz esse tipo de trabalho e ouve isso das professoras a gente percebe que isso também está sendo impactado nas famílias, na das professoras e dos alunos também. Porque você... Nós quando passamos a trabalhar com a natureza, porque como eu sempre falo, as plantas ela não pula etapas. Ela é semente, começa ali pequenininha, e vai crescendo com o tempo até chegar o momento de ser colhida. E até quando ela passa do momento da colheita, ela dá pra comer, mas está amarga. Então a gente está aprendendo coisas novas, mesmo quando teoricamente as coisas não estão dando certo. E como eu já falei novamente, a planta não pula etapas, então a criança que trabalha nesse ciclo, como a gente fez a colheita de alface... Ela plantou a alface, ela ajudou a irrigar, ajudou, mentalizou a alface, agora está comendo a alface. Então ele fechou o ciclo. Poucas vezes na nossa vida a gente fecha os ciclos, abre e fecha os ciclos. Então a criança que tem esse costume, né? De dar o tapa inicial de seja lá o que for, ele vai ter sempre na cabeça dele que vai ter um momento de fechar a porta, o momento de fechar a torneira, em algum momento apagar a luz, desligar o carro. Isso fica pra vida inteira. Principalmente na idade que eles estão aprendendo isso com vocês. Então nessa faixa etária que vocês atuam é uma faixa etária primordial para cognição, sabe? Eu vejo nos próprios alunos, eu vejo alguns alunos especiais aqui, eu vejo a mudança que eles tiveram. O [aluno] é outra pessoa. Ele ficou mais carinhoso, mais amigo, mais sorridente mais esperto, né? Então assim, essa sala de aula em formato de horta, essa alface, a rúcula, esses alimentos que a gente está vendo aqui, na verdade é a materialização dos nossos

pensamentos, do nosso pensar. Então isso é muito nobre. Porque pra gente escolher a semente da alface, pra gente fazer essa horta...Porque no começo, lembra no começo? Quando a gente falou vamos fazer a horta aqui, não tinha nada... Então a gente de fato plantou as “sementes nas cabeças” e agora estamos colhendo produtos. De n maneiras, a gente está colhendo sabedoria a gente está colhendo relatos de vocês, a gente está colhendo alface, agora.... Essa senhora que foi embora [senhora que chegou enquanto conversávamos e foi colher algo na horta] era da Jaguar Land Rover, ela ficou encantada com a fala de vocês! É isso, assim como a gente foi lá ontem almoçar [na sede da Jaguar] eles vão vir aqui colher. Então...

Rosane: A gente pode ir colher?

Alê: Claro! Risos

Cassia: Risos. Se todo mundo ficar comportado nós vamos poder colher risos.

Alê: Então essa sala de aula, que é uma horta, em forma de *wi-fi*, ela já está pulsando e reverberando pra além dos muros da escola, né? Assim como a Rafaele falou... sobre a distância do alface [distanciamento de uma muda para outra] para o esposo, o que as crianças estão levando pra casa? Então esse saber é um saber vivenciado, tocado, então são conteúdos e habilidades e competência que vai ficar pra vida inteira.

Priscila: E eles trazem também porque assim, na hora que eles estão plantando eles entendem porque assim a vó planta, muitos têm relatos que a avó planta, só que eles não entendem por que a avó faz algumas coisa na horta. “Ah por isso que minha avó faz as coisas assim!”. Eles contam, das vivências que eles têm em casa, porque às vezes a vivência que eles têm em casa, porque às vezes as pessoas que eles têm em casa não conversam com eles, né? É coisa de adulto. Não deixam participar. Aí eles ficam observando, quando chega aqui eles cotam o que fazem lá, que tem uma hortinha em casa.

Alê: Isso ativa o pertencimento, que hoje está tão esquecido no Brasil, né? A gente olha muito pra frente e esquece nosso passado, aí quando fala do avô, a gente revaloriza ou ressignifica a presença do avô na família a presença do pai. Nós temos, uma confirmação! [Som de um gavião voando por cima da nossa reunião]. Pra quem não sabe, os gaviões, as aves de rapina são animais do topo de cadeia e existem algumas doutrinas religiosas que vêm como sendo nossas mães ancestrais... Então tem forma de conversar com elas tem forma de chamar...E aí quando a gente fala coisa séria, quem tiver antenado vê que ela sempre dá um piado no meio de uma fala dessa. Então por isso que ele riu, porque a gente está aqui conversando coisa séria aí dá um piado... Daqui a pouco vai aparecer o passarinho fofoqueiro [risos]. Porque quem convive com a natureza começa a

perceber essas coisas. Daqui a pouco aparece um sapo que vai ficar aqui paquerando a gente, então assim, quem vive com a natureza passa a ter outra percepção do que ...

Cassia: O sapo que se você beijar ele vira príncipe [risos]!

Alê: Então, quando a gente passa a ter esse convívio permanente com a natureza a gente passa a entender dos horários dos bichos, os cantos e as crianças estão aprendendo isso brincando, né? E a escola passa ser uma questão prazerosa. Ontem foi interessante que o inspetor pegou um livrinho de um psicopedagogo americano e anteriormente ele estava falando comigo, né? Anteriormente ele estava falando comigo na segunda feira as... proibições da escola, né? Que ele como inspetor, algumas pessoas chegam perto dele e falam “você é inspetor, você não é amigo do aluno, você é inspetor”! Você tem que ser rude com ele. “Eu não sou rude com ninguém, vou ser rude com aluno?”. Então ele falou, que a mãe dá banho na criança, arruma a criança, toda amorosa, com todo carinho traz pra escola para a criança ser tratada como um diferente, um carrasco? Um carrasco não, ser destrata na escola vamos dizer assim, ou que o inspetor seja um carrasco com ela. Então é ao contrário, ela sai de um ambiente confortável que tem alimentação gostosa, com todo carinho, um ambiente seguro pra ele.

Sabrina: Ou na verdade ela só vai encontrar um ambiente seguro aqui!

Alê: Tem os dois lados! Por isso então é importante a gente ter esse carinho com as crianças, porque esse afago que a gente dá para com eles, talvez para alguns deles não seja recebido em casa. Então a gente acaba... não é o nosso papel, mas a gente acaba equilibrando com a família, né?

Sabrina: Até nesse projeto todo a gente precisa saber que a gente tem que ter um olhar diferenciado, a gente aprende isso, né? Porque por exemplo, se a gente não tiver um olhar diferenciado ali, com a sementinha que a gente vai plantar, será que ela vai brotar?

Alê: Exatamente.

Sabrina: Da mesma forma é com as crianças.

Alê: Sim, a gente está plantando sementes. E criança, aquela analogia que eu faço, que a sementeira é o berço, e horta é a escola é a escola da vida, até a gente ficar pronto, pra ir pras gôndolas que é a vida, de fato é isso.

Sabrina: Um professor meu sempre falava que, assim, hoje em dia, igual a Fabi estava falando, hoje em dia, os pais não conseguem mais passar os valores que eles um dia receberam. Às vezes porque até eles tem preconceito dos próprios valores que receberam, porque foi de uma forma muito radical, muito enérgica. Mas... as crianças

chegam aqui sem valor nenhum assim, nesse sentido. Não que elas não tenham valor. E às vezes a gente é o único meio ali que elas vão poder aprender alguma coisa, né?

Joseli: Só que às vezes a gente, recebe essas crianças, muitas vezes no primeiro ano, terceiro ano e porque não quarto ano [risos] esquecendo que essa criança, esse ser não é só um aluno ele é uma criança. E aí a gente começa tratá-lo como aluno! Sendo que ele ainda é criança, sendo que ele precisa aprender com amor, muitas vezes brincadeiras. Porque brincadeiras não é só bagunça.

Cassia: O lúdico, né? Olha o tanto que é gostoso o espaço!

Joseli: Isso aqui pra eles é uma grande brincadeira, porque sai da sala de aula, sai daquela coisa tradicional que nós ainda temos, pra vir, pra uma outra sala de aula mais leve. E que o tio Alê fica meia hora durante uma semana e é preferido! [risos]

Rosane: E outra coisa. Os pais passam a vida inteira tentando inserir na alimentação uma verdura, na alimentação das crianças, né? Eu tinha... meus alunos são de quinto ano, tinha aluno ali que nunca tinha provado uma alface e no dia da colheita, eles pegaram, lavaram e começaram a experimentação. Teve aluno que teve resistência para experimentar, precisou de um incentivo e a partir desse incentivo, comeu, gostou e começou a adquirir esse hábito em casa. Então você vê assim o que a mãe às vezes tentou de várias formas, né? Aqui com um simples acompanhamento, vendo o crescimento, né? Vendo ali colher, estimulou, deu aquela vontade de comer, ne?

Cassia: O afeto, tudo passa pelo afeto, porque assim, ó, quando você vê todo o processo, né? Aquilo era uma sementinha eu plantei, olha está crescendo! O quê que está acontecendo? É o cuidado! Porque aquilo ali, foi meu, aquilo ali também sou eu! Quando o Alê pede para as crianças colocarem o desejo delas ali, vocês imaginam? Quando elas plantam elas colocam o desejo delas ali plantando. Elas conversam com as plantas e isso faz toda a diferença. Isso faz toda a diferença! Na hora que elas vão colher, elas querem experimentar, aquilo não é só a minha alface, aquilo é meu sonho!

Alê: Exatamente!

Rosane: Eles estão curiosos com esse roxinho [alface].

Priscila: Eles querem experimentar!

Rosane: Eu sinceramente nunca comi um desse roxinho.

Rosângela: Mas na fala da Jô, olha a importância da gente ter o projeto, a importância da gente estar envolvido com isso, quando ela fala de que a criança, sai daquela... só sala de aula. Quando a Rosane falou que o aluno falou “olha o tido Alê pode nos anteder! Ele pode ficar com a gente”. Ela largou de tudo! Então esse é o diferencial

do comprometimento de cada uma de nós estamos tendo. E sabendo que o resultado é ótimo.

Cassia: Aproveito para parabenizar vocês, porque vocês estão sustentando muito esse projeto. Muito! Vocês! Ontem estivemos lá na Jaguar, esse projeto continua ano que vem porque vocês estão fazendo parte desse projeto, né?

Rosângela: Por isso eu falo da importância de a gente já no final do ano amarrar isso, cabe a nós sentarmos para nos fortalecer. Se a gente não consegue amarrar a escola num todo, vamos fazer a nossa parte, porque resultado nós temos, não é? Pra que a gente comece de fevereiro para caminhar totalmente diferente, porque a gente só tem a fortalecer. Isso está dentro da nossa rotina diária e que a coisa aconteça. Porque aí já começar dentro do nosso planejamento. Aí cada uma vai fazer junto com você [Cassia]. É só uma sugestão. Mas a nossa fala só confirma de que estamos no caminho certo e que mais frutos virão aí pela frente.

Joseli: Mais alface também [risos]!

Alê: Porque agora nesse momento que a gente está passando a horta ela cresceu bastante, ela está pegando poder, né? Aí a gente passa a trabalhar com produtos de diferentes maneiras de cultivo. Então na segunda ou terça-feira, na terça quando a Rô [Rosane] desceu, estava pintando aqui, passando óleo diesel para não dar cupim e bicho na madeira superior que não é tratada (sala de aula da horta). E aí eu fiquei... eu nunca planejo a aula, né? Não tem como planejar a aula num espaço aberto ... Aí eu pensei, o quê que eu vou falar agora? [risos] Tive que pensar outro roteiro. Então parei ali e peguei uma grama no chão, falei assim: olha, comecei a falar da raiz da planta, que precisa pegar nutrientes, o tamanho da planta. Enfim, vamos dar um roteiro. Tem um jardim novo de planta que dá em pedra, acabei de plantar hoje planta de cheiro e para toque diferente, aí saímos falando da batata doce, falamos da abóbora... Aí expliquei como se planta a batata, expliquei como planta abóbora. Aí eu falei vamos pegar alface para todo mundo experimentar, começou a chover e ninguém queria ir embora. “Não professora, dá tempo, dá tempo!”

Rosane: Você falou das gramas pra poder abafar, pra matar a...

Alê: Então assim, nós já estamos em uma outra etapa, que já compreenderam bastante coisas, já estão passando para coisas mais elaboradas sobre a horta. E tem completamente a ver, fazendo uma analogia com a vida, tem a ver com a vida. A gente abafa aquele matinho que a gente não quer na nossa vida, a gente alimenta com esterco aquela plantinha que a gente quer que cresça... A gente coloca as plantas [como se fossem

em gavetas] no meu caso gaveta de cuecas, gaveta de calça. Isso é a forma como a gente organiza o espaço. Então quando a gente organiza o espaço, a nossa cabeça ... o espaço que a gente vive é o resultado do nosso pensamento. A alface é o resultado do nosso saber. Então quando a gente passa a organizar os espaços e demonstrar que cada um tem... existe uma linha só de alface, porque se a gente botar alface e rúcula, ou a rúcula vai ficar muito boa ou só a alface, porque a irrigação dela é diferente.

Cassia: Olha, eu não sabia!

Alê: Não sabia não? Então! Vocês vão fazer a feirinha.

Rosane: Cadê minha sacola?

Alê: E é legal você falar da sacola agora, porque eu vou falar da festa. É ... a gente está fazendo um projeto sustentável e provendo alimentos, mas as nossas festas são cheias de salgadinhos e coca cola. A gente pode tentar, eu não sei, eu não conheço, eu Alexandre não conheço as plantas da Mata Atlântica, as plantas que a gente tem aqui..., mas nós temos plantas aqui muito poderosas, as que eu sei aqui, são plantas poderosas. E se essas plantas forem bem manejadas a gente consegue extrair frutos delas que a gente nem imagina, a gente não conhece todos os frutos. Então, introduzir essa alimentação que é da região e tem alto poder nutritivo, elas são saborosas e podem adentrar na comida da escola.

Joseli: Ou até mesmo fazer um lanche saudável!

Rosane: O peixinho, tem uma plantinha ali que o aluno perguntou: “o que é isso?”. Aí o Alê respondeu “é o peixinho”. Aí o aluno falou: “eu já comi! E é a milanesa e tem gosto de peixe”.

Joseli: Fazer um lanche uma culminância aqui!

Priscila: Já tem alunos que fazem uma alimentação mais saudável na hora do lanche, já tem aluno. Já tem alunos que tem esses hábitos.

Cassia: A salada de frutas foi um barato! A gente pode repetir.

Priscila: Gente, fazer bolo, sem açúcar que é delicioso de banana, aveia e passas. Tem muitas coisas assim.

Cassia: Um sanduíche natural...

Priscila: Minha mãe fazia uma torta de liquidificador que o recheio dela era só talos. É uma delícia...

Cassia: Fazer uma pastinha de cebolinha... fazer coisas, com as coisas que a gente tem na horta, né? Pra gente começar também a introduzir essa cultura, né? De uma alimentação saudável nas nossas festas.

Rosângela: Até dos nossos passeios, por exemplo, quando o Alê fala da comunidade quilombola que ele participou, pra gente fazer um passeio desse ano que vem. Achei que seria muito interessante para as nossas crianças.

Cassia: Falar com as nossas crianças sobre os Puris, trazer alguém pra falar pra eles... Tudo isso tem a ver com a formação da identidade deles. E que espaço é esse? Quando a gente estava falando de meio ambiente, eu e Alê estava falando sobre isso, né? E gente precisa primeiro saber quem é nós, né? O quê que essa escola está fazendo aqui, isso é uma forma também de divulgar a história da nossa escola, divulgar a história de Itatiaia. Então assim, os indígenas que aqui viveram, os negros que aqui viveram, os finlandeses que aqui viveram. Mas não apagar essas histórias, porque a gente ouve muito aqui em Penedo de falar sobre os finlandeses.

Priscila: Os alunos não se reconhecem como moradores de Penedo, porque eles acham que Penedo é a casa do Papai Noel. Como moradores de Itatiaia então, nem se fala!

Sabrina: Eu e a Jô, a gente trabalhou isso durante um tempo, mas demorou muito para eles entenderem. Porque eles não se reconhecem, né?

Rosângela: Mas é a própria exclusão, porque quem mora no África [bairro], por exemplo, eu moro em Penedo, nasci em Penedo. Eu falo, vamos passar lá em Penedo. Vou entrar na sala e sair na cozinha, entende? Porque é isso que eu falo, porque essa exclusão muitas vezes a gente está fazendo dentro da nossa própria escola, dentro da nossa própria comunidade, dentro do nosso próprio lugar... As pessoas que vêm visitar acham que Penedo é o paraíso, porque só vê o centro... Não sabe que existe todos os problemas que a gente tem.

Joseli: Quando nós mostramos as fotos das cachoeiras que existem no Parque Nacional eles falam: “um dia eu quero ir lá!”.

Sabrina: Eu tenho um aluno, que esse é até da outra escola, que ele disse: “meu pai até me levou no Parque Nacional, só que quando a gente chegou lá, a gente tinha que pagar, e estava caro, a gente voltou, não pude ir”.

Priscila: E aí isso é legal porque eu fui numa formação do AAEE [Atendimento Educacional Especializado] e tinha um dos coordenadores lá do parque, ele falou que foi tomar café na padaria que é ali embaixo do parque... Aí ele perguntou pra moça: “você já foi lá no parque?”. Ele estava na padaria em frente a subida do parque. “Você já foi lá no parque?” Ela mora ali há 10 anos. “Não. Nunca fui!”

Cassia: Pra você ver a questão do pertencimento, né?

Priscila: É para turista!

Cassia: Exato! A gente tem muitas crianças aqui, negras, que tem também uma origem indígena, que elas não sabem disso. Elas não sabem quem são as pessoas que estavam aqui ante da gente? Essa questão do afeto e do pertencimento ela tem muito a ver com a gente se reconhecer. Eu sou essa pessoa! Eu vim daqui. Quais são as minhas origens? Então, a gente falar sobre isso! Isso também é Educação Ambiental. Então quando eu me identifico. Nesse lugar aqui meu avô trabalhou na lavoura. O Alexandre tem um projeto para próximo ano que vai ser um Jardim Histórico. Fala um pouquinho, Alê.

Alê: O Garros está fazendo um jardim ali com plantas históricas, cana, aipim, milho café, cana de açúcar. Pra que a gente possa falar de sociedade e o mundo gera o entorno desse *comodities*...

Rosângela: Porque na verdade Penedo era uma fazenda de café. Eu morei no casarão quatro anos, porque eu era gerente administrativa lá e todo mundo ficava abismado porque achava que tinha assombração. Porque lá quem fez a casa foram os escravos. Porque aqui era uma fazenda de café aonde quem morava aqui era os escravos. Lá tem fotos fantásticas. Não sei quem está lá, porque o casarão foi arrendando, o potencial lá hoje são eventos de casamentos, uma outra proposta..., mas era uma fazenda de café, isso tudo era café. Os Finlandeses vieram pra cá em 1929, antes era uma fazenda de café. E lá a madeira da casa foi toda feita pelos escravos, então foi no machado. Então a parte de baixo do Casarão Penedo, ela é toda no machado. Você tem um túnel lá dentro e foi tudo no machado as peças.

Cassia: Rô, e me incomodou muito, porque eu no estudo da minha tese eu não achei nada sobre a história dos negros aqui. Não achei nada. Foi apagado.

Rosângela: Mas é isso que eu te falei, não se fala nada dessa época da fazenda, de uma fazendeira que era dona praticamente de Resende. Só se falam dos finlandeses, porque com a vinda dos finlandeses pra cá começou essa coisa turística...

Priscila: Tem um professor de História aqui da Rede que tem um pouco mais, mas não sei se é só voltado para Penedo ou é só mesmo lá o centro de Itatiaia.

Rosângela: Tem um livro que fala, da Dona Eva...

Cassia: Eu comprei ele, mas ele só fala da época dos Finlandeses. Tem até alguns livros, mas quando se fala da questão dos negros, só colocam os negros e indígenas como escravos, ou que tinha que libertar os indígenas da terra... De uma forma totalmente superficial, solapando a História.

Sabrina: Mas tem muito mais, né? Por que se tem a agricultura é por conta de quem? Os índios muitas coisas que a gente come, vieram deles...

Cassia: Vocês querem fechar com alguma coisa? Porque eu queria fazer uma sessão de foto na nossa “feira” [risos].

Rafaelle: Cassia, sabe o que eu acho interessante, chamar os pais pra visitar esse espaço. Porque os alunos chegam em casa contando, mas eu acho que os pais não conseguem imaginar esse espaço que tem aqui, né?

Priscila: Os pais pediram na reunião de pais, lembra?

Rosane: Pediram na minha também.

Cassia: Olha só, a gente está com esse movimento já, a Anelize, o Alê..., mas o que a gente pode fazer é combinar durante a semana os dias que os alunos vierem a gente convidar os pais para fazermos uma aula com eles aqui. O que vocês acham?

Alê: Acho fantástico!

Cassia: Pra eles vai ser um barato porque muitos deles estudaram aqui.

Rafaelle: Porque na reunião de pais talvez...

Priscila: E se for fazer uma reunião, pedir para que se tiver um lanche os pais também trazerem os copos, não usarem copos descartáveis, pra já terem essa consciência. Tratar mais a questão da alimentação. Tratar da questão da separação de lixo...

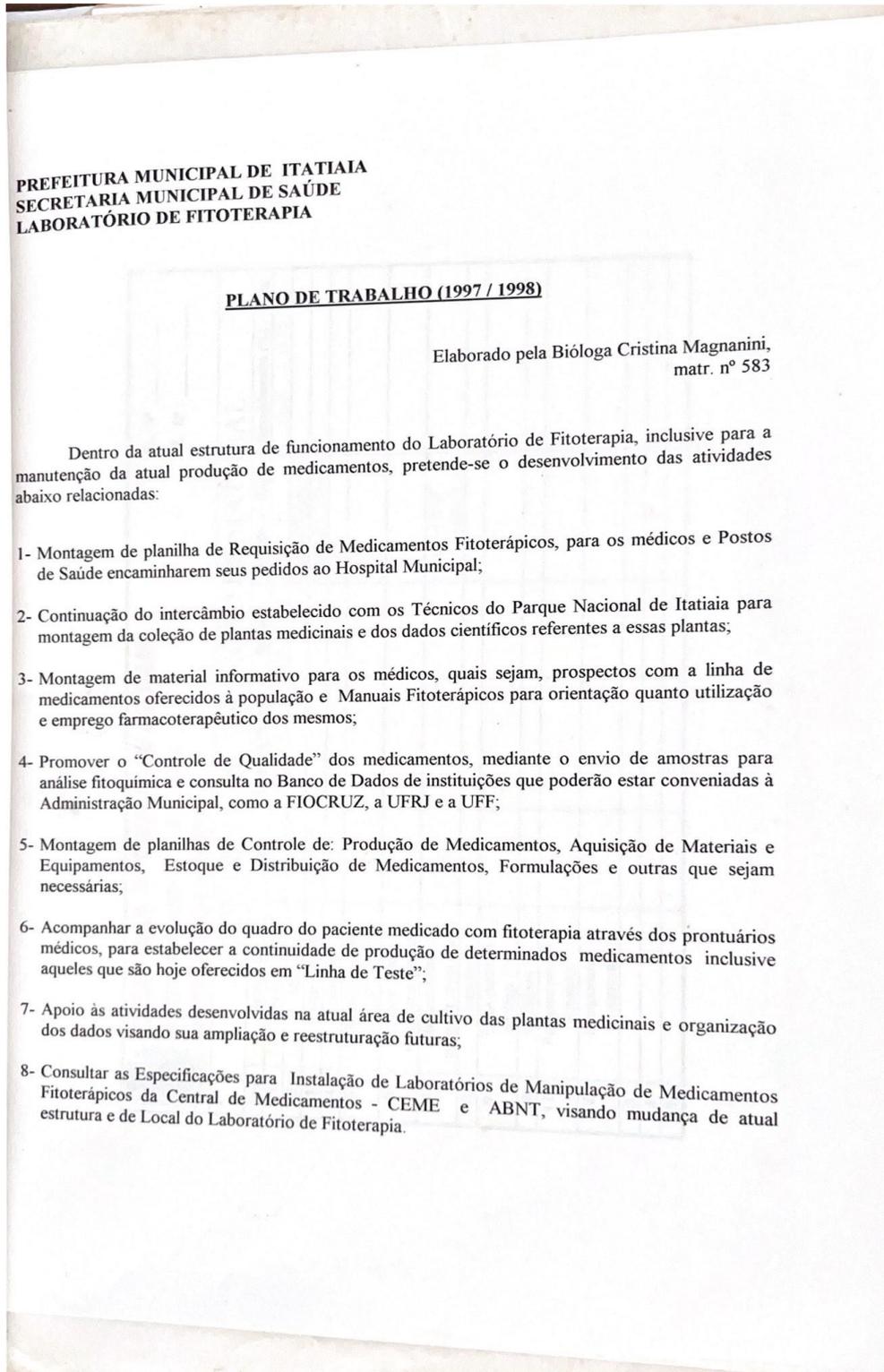
Cassia: A gente está querendo que o nosso sábado letivo seja com os pais aqui.

[falas aleatórias]

Cassia: Gente, deixa só eu fechar aqui esse áudio, agradecendo vocês. Muito, muito, muito obrigada!

Anexo IV

O anexo é uma fotografia, enviada pela professora Cristina Magnanini, contendo um plano de trabalho da Farmácia de Fitoterápicos.



Anexo V

A foto a seguir também foi enviada pela professora Cristina Magnanini e se trata de uma palestra proferida por ela no ano de 1997, sobre o trabalho da Farmácia de Fitoterápicos.

